

ESCOLA DA INDÚSTRIA CRIATIVA - UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

USOS E APROPRIAÇÕES DE DESINFORMAÇÃO POR SUJEITOS CEGOS

GABRIEL ARAUJO PUJOL MARTINEZ

SÃO LEOPOLDO
2024

GABRIEL ARAUJO PUJOL MARTINEZ

USOS E APROPRIAÇÕES DE DESINFORMAÇÃO POR SUJEITOS CEGOS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Área de concentração: Processos Midiáticos.

Orientadora: Profa. Dra. Jiani Adriana Bonin

São Leopoldo

2024

M385u Martinez, Gabriel Araujo Pujol.

Usos e apropriações de desinformação por sujeitos cegos
/ Gabriel Araujo Pujol Martinez. – 2024.

113 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2024.

“Orientadora: Profa. Dra. Jiani Bonin”

1. Acessibilidade. 2. Cegos. 3. Desinformação. 4. Sujeitos.
5. Usos e apropriações. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

GABRIEL ARAUJO PUJOL MARTINEZ

USOS E APROPRIAÇÕES DE DESINFORMAÇÃO POR SUJEITOS CEGOS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADO EM 26 DE ABRIL DE 2024.

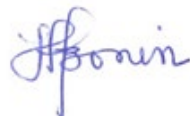
BANCA EXAMINADORA

**PROF. DR. ALBERTO EFENDY MALDONADO GÓMEZ DE LA TORRE –
UNISINOS**

(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)

PROF. DR. MARCO ANTONIO BONITO - UNIPAMPA

(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)



PROFA. DRA. JIANI ADRIANA BONIN - UNISINOS

AGRADECIMENTOS

O fazer pesquisa é uma arte árdua, dolorosa, mas também instigante, renovadora e, infelizmente, ainda um privilégio de uma mínima parcela de nossa sociedade. Mas ainda assim, é uma arte. A arte de artesanalmente traçar uma narrativa a partir articulações teóricas e empíricas que, se seguirem o real propósito do que é ser pesquisador, contribuirá com o desenvolvimento da sociedade em que vive. Há algo mais artístico do que isso?

Nos agradecimentos do meu Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em jornalismo, utilizei a seguinte frase do livro “Os Miseráveis” de Victor Hugo (1862): “O desenvolvimento intelectual e moral não é menos indispensável do que o melhoramento material. Saber é um viático, pensar é de primeira necessidade; a verdade é tanto alimento como o pão”. No momento, a concepção de conhecimento para mim, era a de alimento/sobrevivência. Hoje, é algo um pouco diferente.

Vejo o conhecimento como uma conquista. O algo além do pão em si, que é a conquista e o repartimento do pão para os seus e para os outros. Conhecimento, assim como a arte e o pão, há de ser compartilhado para que sua existência se justifique. Por isso, defendo o conhecimento amplo e abrangente, valorizado e divulgado aos quatro cantos deste mundo. Defendo o conhecimento, assim como defendo com esta pesquisa, um grupo de pessoas do qual não faço parte diretamente.

Quero com este texto, ser mais uma mão invisível de uma causa muito maior que minha existência. Assim como tantas outras que pavimentaram o caminho para meu crescimento como ser humano, participe deste mundo plural. Às mãos que não são tão invisíveis assim, consigo agradecer diretamente por aqui.

Jiani Bonin: minha orientadora e guia teórica com choques de realidade ao longo de todo o processo da pós-graduação. Uma referência em meus primeiros passos acadêmicos, que se materializou em um ser humano afetuoso, cuidadoso e, acima de tudo, inspirador ao longo desses dois anos de convivência direta e indireta.

Marco Bonito e Lívia Saggin: “casualmente” também membros do grupo de pesquisa “Processocom”, que tenho uma enorme honra de fazer parte, são mentores acadêmicos e pessoais, aos quais devo muito por minha chegada até este ponto em minha qualificação acadêmica, como pessoa e profissionalmente.

Aos familiares, amigos e minha parceira de vida, infelizmente não há espaço suficiente na mísera centena de páginas deste trabalho para agradecê-los por tudo. Portanto, o farei em doses homeopáticas e se minha índole permitir, diariamente.

Institucionalmente, agradeço à Universidade do Vale do Rio dos Sinos pela oportunidade de participar de um programa de Pós-Graduação tão importante, premiado e aclamado nacionalmente, e à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos que me permitiu realizar e concluir este mestrado.

Por fim, agradeço aos cinco sujeitos copartícipes desta pesquisa, que compartilharam seu tempo e sua intimidade para a realização deste texto. Que possam servir de inspiração aos seus pares assim como são para mim desde que os conheci. Suas experiências não apenas contribuíram para este trabalho, mas mudaram minha percepção de vida e, por isso, serei eternamente grato.

Há um mundo gigantesco que erroneamente é invisibilizado diariamente e cada um de nós tem uma parcela de culpa neste processo. A partir disso, encerro este capítulo com uma outra citação. Desta vez, do visionário Frank Herbert, em Duna: “O mistério da vida não é um problema a resolver, mas uma realidade a vivenciar” (HERBERT, 1965). Portanto, respeite, valorize e seja empático com a luta do próximo. Faça a arte de pesquisar. Viva-a.

RESUMO

A problemática da desinformação tornou-se uma questão de extrema relevância na era digital, impactando diretamente a forma como as pessoas acessam, consomem e compartilham informações. Neste contexto, a pesquisa se propôs a investigar os usos e apropriações de pessoas cegas no meio digital, com o objetivo geral de compreender como esses indivíduos lidam com a desinformação e com notícias falsas. A construção teórica problematiza questões relativas à desinformação, aos usos e apropriações, aos sujeitos comunicantes cegos à cidadania e a acessibilidade comunicativas, destacando a importância de estratégias adaptadas às necessidades específicas desses sujeitos. A pesquisa empírica incluiu a investigação de um *corpus* de produtos digitais e de uma amostra de sujeitos cegos de diferentes perfis e áreas de atuação. Foram realizadas entrevistas com os sujeitos cegos e observados seus usos e apropriações dos produtos investigados. Os resultados indicam que, apesar dos desafios enfrentados, os sujeitos cegos demonstraram habilidades críticas na identificação de desinformação. Demonstram a importância do apoio social, do conhecimento temático e de táticas de checagem no combate à propagação de desinformação. Além disso, apontam para a importância da capacitação digital e do acesso a recursos de acessibilidade para garantir possibilidades de participação informada e crítica no meio digital por parte das pessoas cegas.

PALAVRAS-CHAVE

Desinformação; Sujeitos Cegos; Usos e apropriações; Acessibilidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA.....	11
1.1 Objetivos	19
1.1.1 <i>Objetivo geral</i>	19
1.1.2 <i>Objetivos específicos</i>	19
1.2. Justificativa.....	20
2 PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA.....	25
2.1 A desinformação no contexto dos processos comunicacionais digitais	27
2.2 Perspectivas para entender os usos e apropriações das mídias pelos sujeitos. 37	
2.3 Cidadania comunicativa e sujeitos comunicantes cegos.....	45
3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	51
3.1 A perspectiva transmetodológica e a práxis investigativa	52
3.2 Exercício de estado da arte.....	57
3.3 A pesquisa empírica.....	65
3.3.1 <i>A fase exploratória</i>	65
3.3.2 <i>A fase sistemática</i>	68
4. OS SUJEITOS CEGOS E OS USOS E APROPRIAÇÕES DA DESINFORMAÇÃO	70
4.1 Os perfis dos sujeitos copartícipes da pesquisa	70
4.1.1 <i>Joana</i>	71
4.1.2 <i>Marcos</i>	74
4.1.3 <i>Luiza</i>	75
4.1.4 <i>Felipe</i>	77
4.1.5 <i>Sofia</i>	78
4.2 Leitura dos produtos desinformativos.....	80
4.2.1 <i>Produto digital 1: Notícia sobre tecnologia</i>	81
4.2.2 <i>Produto digital 2: Desinformação sobre tecnologia</i>	82
4.2.3 <i>Produto digital 3: Notícia sobre política e direitos humanos</i>	84
4.2.4 <i>Produto digital 4: Desinformação sobre política e direitos humanos</i>	85
4.2.5 <i>Produto digital 5: Notícia sobre cultura pop</i>	86
4.2.6 <i>Produto digital 6: Desinformação sobre cultura pop</i>	87

4.2.7 Produto digital 7: Notícia sobre história e arqueologia	88
4.1.8 Produto digital 8: Desinformação sobre história e arqueologia	89
4.2.9 Produto digital 9: Notícia sobre literatura	91
4.2.10 Produto digital 10: Desinformação sobre literatura.....	92
4.3 Os usos e apropriações dos sujeitos cegos	93
4.3.2 Marcos	96
4.3.3 Luíza	97
4.3.4 Felipe	99
4.3.5 Sofia.....	101
4.3.6 Análises.....	103
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS.....	116
APÊNDICE A	119

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a disseminação de desinformação é uma questão que permeia os cenários políticos, sociais e culturais, influenciando significativamente as percepções individuais e coletivas da realidade. A era digital, com a sua rapidez que trouxe para a produção e o compartilhamento de conteúdos, tem ampliado o alcance e a velocidade com que informações falsas ou enganosas são difundidas. Entretanto, mesmo diante da crescente preocupação e dos esforços para combater esse fenômeno, pouco se sabe sobre como os sujeitos cegos, um grupo frequentemente negligenciado em pesquisas sobre desinformação, interagem com esses conteúdos e como os utilizam ou se apropriam deles. Esta pesquisa pretende preencher essa lacuna, explorando os usos e apropriações de desinformação por sujeitos cegos.

A motivação central desta pesquisa reside na necessidade de compreender como a desinformação é percebida, interpretada e utilizada por sujeitos cegos em um contexto digital. A maioria das discussões e estudos sobre desinformação concentra-se nas percepções visuais e nos modos de interação típicos de pessoas sem tal especificidade comunicacional. No entanto, as pessoas cegas, devido à sua experiência sensorial diversa, podem ter abordagens distintas na busca por informação e na avaliação de sua credibilidade. Portanto, entender como esses indivíduos enfrentam a desinformação é fundamental não apenas para garantir sua inclusão nos debates públicos, mas também para enriquecer nossa compreensão sobre as dinâmicas de informação em um mundo diversificado.

O foco desta pesquisa é analisar os modos pelos quais os sujeitos cegos lidam com a desinformação em um ambiente digital complexo e saturado de informações contraditórias. Para atingir esse objetivo, serão investigadas tanto as táticas de navegação e “filtros” cognitivos utilizados por sujeitos cegos na busca por informações confiáveis, quanto as consequências sociais, emocionais e práticas da desinformação em suas vidas.

A partir de um embasamento teórico desenvolvido ao longo do Programa de Pós-Graduação e de estratégias metodológicas condizentes com o que a pesquisa propõe, busca-se identificar possíveis lacunas nas estratégias de inclusão digital e comunicação acessível voltadas para esse grupo, a fim de propor recomendações para políticas públicas mais inclusivas e eficazes.

O estudo empírico compreende conteúdos noticiosos disseminados online, utilizando métodos qualitativos e quantitativos para identificar padrões de desinformação

e temas recorrentes. São examinadas também as fontes de informação mais utilizadas pelos sujeitos cegos, assim como as estratégias que empregam para verificar a veracidade das informações. Além disso, é realizada uma pesquisa empírica com sujeitos a fim de compreender suas experiências, percepções, atitudes e práticas em relação à informação digital e à desinformação. Essa abordagem mista permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas de interação entre sujeitos cegos e desinformação, bem como *insights* valiosos para o desenvolvimento de intervenções e recursos mais adequados às suas necessidades.

Ao abordar a interseção entre desinformação e este grupo social, a partir do recorte selecionado, esta pesquisa não apenas busca contribuir para o avanço do conhecimento acadêmico sobre o tema, mas também tem implicações práticas importantes. Espera-se que os resultados deste estudo informem políticas públicas mais inclusivas e práticas de comunicação acessível, garantindo que todos os membros da sociedade, independentemente de suas capacidades sensoriais, possam participar plenamente do discurso público e tomar decisões informadas em um mundo digital cada vez mais complexo e desafiador.

1 A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Esta pesquisa propõe um estudo sobre os usos e apropriações da desinformação pelos sujeitos cegos para compreender como as estratégias desinformativas atuam sobre este grupo social no meio digital. Por isso, início este capítulo trazendo aspectos do contexto que interessam à pesquisa aqui proposta. É por meio da contextualização que este pesquisador define as questões que serão abordadas e a relevância do tema para a área de estudo. O contexto participa da construção do problema, dos objetivos e se articula ao quadro teórico. Efendy Maldonado, destaca a importância da contextualização na pesquisa acadêmica, afirmando que a pesquisa deve ser contextualizada para que se possa compreender as relações entre os fenômenos estudados e o contexto mais amplo no qual estão inseridos (Maldonado, 2019). Nesse sentido, a contextualização permite que o pesquisador estabeleça a relação entre o tema de estudo e as teorias, conceitos e fenômenos que o cercam, o que pode ser fundamental para a construção de uma argumentação consistente.

Também, este momento da pesquisa pode ser importante para a validação dos resultados, pois permite que o pesquisador estabeleça a relação entre os achados e o contexto no qual foram obtidos. Em resumo, a contextualização é uma etapa fundamental na pesquisa acadêmica, pois auxilia o pesquisador na construção do quadro teórico e metodológico no qual o estudo será desenvolvido, na identificação de lacunas na literatura, na definição do objeto de pesquisa, na interpretação dos resultados e na construção de uma argumentação consistente.

Para fins de registro, esta pesquisa está sendo realizada entre o início do curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (março de 2021) e a defesa deste projeto (abril de 2024), no estado do Rio Grande do Sul. Esta é influenciada e correspondente ao contexto desta época e local.

Contextualizando o trabalho politicamente, durante o período da pesquisa, o contexto político do Brasil passou por mudanças significativas. Jair Bolsonaro não ocupa mais o cargo de presidente. Em seu lugar, assumiu a Presidência da República Luiz Inácio Lula da Silva, que atualmente governa o país com mandato válido até 31 de dezembro de 2025. Mesmo assim, ações do governo anterior compõem o contexto desta pesquisa. A ascensão de Bolsonaro ao poder em 2018 gerou grande polarização e controvérsia na sociedade brasileira, e sua gestão foi marcada por diversas polêmicas e crises políticas. O governo enfrentou críticas e resistências em vários setores, incluindo

a comunidade acadêmica, os movimentos sociais, as organizações de direitos humanos, a imprensa e outras instâncias da sociedade civil.

Foi, sobretudo, “uma agitação política maior, com um poder de persuasão das massas diferente dos normais (...) que ascendeu ao poder a partir de diretrizes fascistas e tem o potencial de deixar marcas ao longo prazo na sociedade brasileira” (Soares, 2022). Neste contexto, constituiu-se um ambiente extremista e polarizado, propenso à desinformação. Interessa a esta pesquisa o lugar dos sujeitos cegos neste processo, mais especificamente, compreender os usos e apropriações vinculados à desinformação por um grupo pouco assistido em um país em crise ética, financeira e comunicacional.

A pauta das pessoas com deficiência foi uma das bandeiras levantadas ao longo da campanha e governo Bolsonaro. Porém, ações concretas não foram tomadas e direitos garantidos por lei, como o de livre acesso à informação, seguiram sendo negligenciados no país. As consequências desse descaso podem ser vistas ao longo da justificativa e pesquisa exploratória deste trabalho.

Ainda sobre o contexto político, a pandemia do COVID-19, que afetou o Brasil a partir de 2020, foi um dos maiores desafios enfrentados pelo governo Bolsonaro e não poderia deixar de ser citada ao abordarmos este período. O governo adotou posturas negacionistas e minimizou a gravidade da crise sanitária. A resposta insuficiente do governo à pandemia e sua política de austeridade fiscal também contribuíram para agravar a crise econômica e social que afeta o país.

A mudança de governo, embora tenha representado uma alteração significativa na cena política do Brasil, não eliminou os desafios que o país ainda enfrenta, especialmente no que diz respeito às desigualdades sociais, à crise econômica e à preservação dos direitos humanos e da democracia. A pesquisa acadêmica sobre os sujeitos cegos no contexto brasileiro torna-se um desafio considerável, pois se insere em um contexto social e político complexo e em constante transformação.

Sobre desinformação, tema central da pesquisa, esta pode ser definida como a disseminação deliberada de informações falsas ou enganosas, com o objetivo de enganar ou manipular o público (WARDLE, 2017). A desinformação é um fenômeno que precede o digital, mas o advento da internet e das redes sociais mudou a forma como ela é disseminada e amplificada. Com o consumo em massa de informações através da internet e das redes sociais, a desinformação pode se espalhar rapidamente e atingir um grande público (Wardle, 2017). O alcance da desinformação é potencializado pela capacidade das plataformas digitais de segmentar o público de acordo com interesses e

opiniões, o que permite que seja direcionada para públicos específicos que podem ser mais suscetíveis a acreditar nela.

A desinformação é um problema complexo, que pode ter consequências significativas para a sociedade e a democracia. Ela pode minar a confiança nas instituições, contribuir para a polarização política e até mesmo influenciar os resultados das eleições e é neste contexto, que o papel do jornalismo de qualidade se faz ainda mais necessário. Hoje, no Brasil, para que se exerça a profissão de jornalista, não é obrigado que o profissional seja graduado. Isso torna o processo de apuração nas empresas jornalísticas cada vez menos responsável e suscetível à desinformação. “O papel institucional do bom jornalismo é requisito básico para o funcionamento das instituições democráticas” (Leitão, 2020) e, por isso, deve ser levado a sério, seja por quem consome, seja por quem contrata.

No contexto político brasileiro, a desinformação é um problema grave que tem sido associado ao governo de Jair Bolsonaro (Pereira e Marques, 2022). A disseminação de informações falsas foi uma estratégia política utilizada pelo governo, como evidenciado pela investigação do Supremo Tribunal Federal sobre a disseminação de *fake news* por apoiadores do presidente e, mais recentemente, nas investigações acerca da atuação de Jair Bolsonaro e seus pares políticos nas manifestações de 8 de janeiro de 2023, nos prédios oficiais do governo em Brasília/DF.

Passando para o cenário comunicacional brasileiro, observa-se as profundas transformações que enfrenta nos últimos anos, com a consolidação das redes sociais e da internet como principais meios de comunicação e de disseminação de informação. Isso tem trazido novos desafios para o campo da comunicação, em especial para a área de pesquisa, que precisa acompanhar e compreender essas mudanças para contribuir com soluções e alternativas para os problemas que possam surgir.

Um dos principais desafios que temos hoje no campo da comunicação é exatamente a luta contra a desinformação. A disseminação de notícias falsas e informações distorcidas tem impactado negativamente o debate público e a democracia, além de afetar a vida de milhares de pessoas (Pereira e Marques, 2022). Diante desse cenário, diversas iniciativas têm sido criadas para combater a desinformação, tanto por organizações não governamentais como por empresas do setor de tecnologia e da mídia.

Nesse contexto, as pesquisas sobre desinformação têm ganhado cada vez mais importância, uma vez que é preciso compreender as causas, os impactos e as possíveis soluções para esse problema. No Brasil, há diversas iniciativas de pesquisa sobre

desinformação, como o Grupo de Pesquisa em Comunicação, Tecnologia e Política (COMPOLÍTICA) da Universidade de São Paulo (USP) e o Monitor do Debate Político no Meio Digital da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Além disso, há também um mercado em ascensão de empresas especializadas em combate à desinformação, que oferecem serviços de checagem de fatos, monitoramento de redes sociais e desenvolvimento de tecnologias para identificar e neutralizar a disseminação de notícias falsas. Essas empresas têm se tornado importantes aliadas das organizações que lutam contra a desinformação e contribuem para a criação de um ambiente mais saudável e confiável para o debate público.

No entanto, é preciso ter em mente que a solução para o problema da desinformação não passa apenas por tecnologias e iniciativas de combate, mas também, por mudanças estruturais na sociedade e na forma como consumimos e produzimos informação. É necessário, portanto, que as pesquisas sobre desinformação caminhem lado a lado com estudos sobre comunicação, democracia e cidadania, de forma a contribuir para a criação de uma sociedade mais informada, crítica e participativa.

No cenário rio-grandense especificamente, contexto de realização desta pesquisa, é possível perceber a presença de uma efervescência acadêmica e do mercado de comunicação em torno do tema da desinformação. Uma das ações mais significativas neste sentido é a criação do Centro de Estudos em Desinformação (CED) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que tem como objetivo fomentar a produção e o compartilhamento de conhecimentos sobre o tema da desinformação.

Ainda sobre influências em relação ao mercado de combate à desinformação, o Rio Grande do Sul conta com iniciativas de *fact-checking*, como o Projeto Comprova RS, desenvolvido em parceria com a PUCRS, que tem como objetivo verificar informações que circulam nas redes sociais e em outras mídias. Além disso, o estado possui diversas agências de comunicação que oferecem serviços de assessoria de imprensa, produção de conteúdo e gerenciamento de redes sociais, entre outros, e que podem estar envolvidas na produção e disseminação de informações.

A escolha da temática abordada neste projeto se dá pois já vem sendo trabalhada em projetos semelhantes desde a graduação. No primeiro semestre de 2021, como Trabalho de Conclusão de Curso, feito na Universidade Federal do Pampa, curso de Jornalismo, realizei uma série de *podcasts* focados no combate à desinformação e sua relação com esferas sociais variadas, incluindo acessibilidade, gordofobia,

democratização digital, etc. O projeto se chama “Fato sem Fake” e possui dez episódios, com onze convidados distintos e mais de oito horas somadas de conteúdo em áudio, além de produções acadêmicas e conteúdos para redes sociais.

Em um dos episódios, o terceiro especificamente, foi tratada a relação da desinformação com pessoas cegas, o que despertou interesse para pesquisas futuras. A convidada, especialista nesta área de pesquisa, foi a professora Joana Belarmino, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Joana é cega e há mais de vinte anos pesquisa sobre acessibilidade comunicativa.

Ainda sobre o objeto de pesquisa deste trabalho, além do episódio em questão, há aproximação com a causa das pessoas com deficiência e acessibilidade comunicativa desde o segundo semestre da graduação. Lá, ingressei no “Grupo de Pesquisa t3xto”, também na Unipampa. No grupo de pesquisa, temáticas relativas à acessibilidade, cidadania e desinformação são constantemente abordadas nas produções de artigos, dissertações e produtos. Na pós-graduação, decidi dar continuidade a este foco de pesquisa, procurando compreender o fenômeno da desinformação desde o âmbito das inter-relações com os sujeitos cegos.

Parto da compreensão de que as pessoas cegas, como sujeitos históricos, multidimensionalmente constituídos em suas trajetórias de vida comunicacional e midiática, são plenamente capazes de produzir sentidos e que podem reproduzir, negociar e mesmo desviar e subverter as propostas dos produtos midiáticos. Tendo isso em vista e com o objetivo de relacionar essas pessoas com os usos e apropriações de desinformação, a pesquisa aqui proposta tem como questão problema orientadora: “Como se configuram os usos e apropriações de desinformações do meio digital por sujeitos cegos?”

Os sujeitos comunicantes cegos estão presentes nas redes sociais e têm desenvolvido formas próprias de uso e apropriação dessas plataformas. A acessibilidade comunicativa (Bonito, 2015) desempenha um papel fundamental nesse contexto, pois auxilia pessoas com deficiência visual a buscarem por um acesso igualitário às informações e participar ativamente da comunicação online.

Uma das principais estratégias utilizadas pelos sujeitos comunicantes cegos nas redes sociais é o uso de tecnologias assistivas, como leitores de tela e softwares de reconhecimento de voz. Essas ferramentas possibilitam a leitura e redação de textos, além de permitirem a navegação nas diferentes interfaces das plataformas.

No entanto, é importante destacar que ainda existem desafios a serem superados para garantir a plena inclusão dos sujeitos comunicantes cegos nas redes sociais. Muitas vezes, a falta de acessibilidade nos próprios *designs* das plataformas dificulta a navegação e a interação, como será relatado na sequência deste trabalho. Portanto, é necessário um esforço contínuo por parte dos desenvolvedores para tornar as redes sociais mais acessíveis e inclusivas para todos os usuários, independentemente de suas habilidades visuais.

Em resumo, os sujeitos comunicantes cegos têm usado e se apropriado das redes sociais por meio de tecnologias assistivas e da colaboração com a comunidade online. A acessibilidade comunicativa desempenha um papel crucial nesse processo, permitindo que esses indivíduos participem ativamente da comunicação e interajam nas plataformas digitais. No entanto, é fundamental que haja um esforço conjunto para superar os desafios e garantir a inclusão plena e igualitária de todos os usuários nas redes sociais.

Com esta pesquisa, almejo contribuir para a construção de alternativas para o problema da desinformação. Também, incentivar a criação de políticas públicas e ações de combate à desinformação e à exclusão social. Penso que a academia e o mercado de comunicação podem atuar de forma complementar e integrada nesse processo, a fim de promover a autonomia dos sujeitos comunicantes e a construção de uma sociedade mais crítica e participativa.

Sobre a influência deste curso de pós-graduação na escolha e condução da pesquisa, ainda destaco minha vinculação ao Processocom, um grupo de pesquisa em Comunicação Social, formado por pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. A atuação do grupo tem sido fundamental para o desenvolvimento de pesquisas que dialogam com outras áreas do conhecimento, como a sociologia, a antropologia e a educação. A partir desse diálogo, o grupo tem contribuído para uma compreensão mais ampla dos processos comunicacionais e midiáticos.

Abordando somente o local da produção desta pesquisa, observa-se que ainda há muito a ser feito no sentido de combater a desinformação no contexto riograndense. Como no restante do país, o estado apresenta uma forte polarização política, o que tem contribuído para a propagação de notícias falsas e discursos de ódio. Além disso, a falta de recursos e investimentos em educação midiática e em tecnologias assistivas para pessoas com deficiência visual, por exemplo, tem dificultado a inclusão desses sujeitos no processo comunicacional e na promoção da cidadania comunicativa, como será descrito em capítulos futuros.

Ao falar sobre as pessoas com deficiência visual no escopo deste projeto, trago mais uma vez a acessibilidade comunicativa como ponto chave, este que é um direito fundamental dessas pessoas, garantido por leis e normas internacionais, como a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da qual o Brasil é signatário. No entanto, ainda há muitos desafios a serem superados para que a comunicação seja efetivamente acessível para essas pessoas, principalmente no que diz respeito aos meios de comunicação de massa.

A luta por direitos à acessibilidade comunicativa das pessoas com deficiência visual vem ganhando força nos últimos anos, impulsionada pela atuação de organizações da sociedade civil e de militantes dos direitos das pessoas com deficiência. Este é um tema importante e atual na sociedade contemporânea. Ainda existem muitos desafios para garantir a inclusão desses sujeitos em todos os âmbitos sociais, desde o acesso a bens culturais até a inserção no mercado de trabalho. Essa luta é especialmente relevante quando se trata das pessoas cegas, que enfrentam desafios diários para exercer sua autonomia e participação social.

Sobre isso, o Brasil tem avançado na garantia dos direitos das pessoas com deficiência, com a aprovação da Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), que assegura a plena participação desses sujeitos na sociedade. No entanto, ainda há muito a ser feito para efetivar esses direitos, e muitos obstáculos precisam ser superados para garantir uma inclusão real e efetiva dessas pessoas. Nesse sentido o pesquisador Marco Bonito (2015), destaca a importância do acesso à informação e à cultura para a garantia da inclusão e participação social desses sujeitos. Ele aponta que a falta de acessibilidade na comunicação é um dos principais obstáculos para a inclusão das pessoas cegas como sujeitos comunicantes partícipes das decisões de âmbito social.

Além disso, é importante considerar que a luta pelos direitos das pessoas com deficiência é também uma questão de direitos humanos. Como aponta a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU, esses sujeitos devem ter igualdade de oportunidades em todas as áreas da vida, incluindo a educação, o trabalho e a participação política.

Essa luta deve ser encarada como uma questão de justiça e igualdade, e não como uma questão de caridade ou assistência. Nesse contexto, a educomunicação pode ser uma abordagem importante para garantir a inclusão dos sujeitos cegos na sociedade. Como destaca Lívia Saggin (2020), a educomunicação busca promover a participação ativa dos sujeitos na construção de sua própria realidade, garantindo o acesso à

informação e o desenvolvimento de habilidades comunicativas. Essa abordagem pode contribuir para a garantia dos direitos das pessoas com deficiência, especialmente no que se refere ao acesso à informação e à cultura.

No entanto, é importante destacar que a luta pelos direitos das pessoas com deficiência não é uma responsabilidade exclusiva desses sujeitos. Como aponta a Convenção da ONU, a inclusão e participação social desses sujeitos é uma responsabilidade compartilhada por toda a sociedade. É necessário promover uma mudança de paradigma, reconhecendo a diversidade como uma riqueza e garantindo a participação de todos os sujeitos na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A luta por acessibilidade comunicativa também envolve a garantia de acessibilidade nos meios digitais, como em websites, aplicativos e redes sociais. Ainda há muitos obstáculos para a inclusão dessas pessoas na era digital, como a falta de acessibilidade em plataformas de videoconferência e a ausência de certos recursos de acessibilidade nos aplicativos de mensagens instantâneas.

Diante desse cenário, a luta por direitos a acessibilidade comunicativa das pessoas com deficiência visual se faz necessária e urgente. É preciso garantir que essas pessoas tenham acesso aos meios de comunicação de massa e às tecnologias digitais de forma igualitária, para que possam exercer plenamente sua cidadania e participar ativamente da sociedade.

Segundo pesquisa do IBGE (2019) cerca de 9% dos cidadãos brasileiros com mais de dois anos, possuem algum tipo de deficiência. Número referente a 17,3 milhões de pessoas. Já as pessoas com deficiência visual somam 3,4% da população total, chegando a um número aproximado de pouco mais de 6,9 milhões de pessoas. Neste montante, estão incluídas pessoas totalmente cegas e com baixa visão. Trata-se de um grupo excluído das lógicas de produção de conteúdo, visto que “o fato de fugirem ao padrão ‘normal’ de funcionamento sugere uma ameaça ao status quo estabelecido por normas capitalistas, tecnológicas, eficientes, instantâneas, interativas, mediadas e comunicativas” (Bonito, 2015).

Ainda abordando o objeto de pesquisa, é pertinente trazer para este trabalho, a discussão sobre a nomenclatura deste grupo social. O termo “pessoas com deficiência” encontra-se na Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Além da garantia de direitos, condições de igualdade e liberdade, a lei define o termo como “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual,

em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade (...)” (Brasil, 2015).

Entretanto, mesmo que preze pela igualdade, utilizar este termo pode ser interpretado de modo a diminuir o grupo de pessoas do qual se refere. A palavra “deficiência” é um ponto delicado que requer mais aprofundamento. Para pessoas cegas, por exemplo, pode não ser o mais adequado para nomear sua especificidade comunicacional. Este e outros pontos serão abordados ao longo desta pesquisa.

Em síntese, somado ao que foi posto, considero fundamental que realizemos pesquisas para o combate à desinformação que possam contribuir para desenvolver estratégias para a promoção da cidadania comunicativa e da autonomia dos sujeitos, em especial das pessoas com deficiência visual contribuindo, assim, para uma sociedade mais inclusiva e democrática.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Analisar os usos e apropriações de produtos desinformativos presentes em ambientes digitais por sujeitos cegos.

1.1.2 Objetivos específicos

- Contextualizar aspectos relativos ao cenário da desinformação no Brasil vinculados aos ambientes digitais e à inclusão sociocultural e comunicacional dos sujeitos cegos.
- Identificar e analisar produções de desinformação consumidas pelas pessoas cegas.
- Investigar usos e apropriações de produções desinformativas por pessoas cegas e táticas utilizadas para reconhecer a desinformação.
- Refletir sobre possíveis estratégias de combate às desinformações a partir de uma lógica educacional.

1.2. Justificativa

Para começar, é importante destacar que pessoas cegas enfrentam inúmeras barreiras de acesso à informação em sua vida diária. Com o advento do meio digital, a situação melhorou em muitos aspectos, mas ainda há desafios significativos. As pessoas cegas podem usar tecnologias assistivas, como leitores de tela e ampliadores de tela, para acessar conteúdo digital. No entanto, essas tecnologias ainda têm limitações e podem apresentar obstáculos ao acesso à informação precisa e relevante. Por mais que auxiliem na construção de cidadania comunicativa e no sentimento de pertença social (Cortina, 2005), não garantem a inclusão social a esses sujeitos fora do meio digital.

A desinformação é uma preocupação crescente nesse contexto. É definida como informações imprecisas, enganosas ou falsas que são compartilhadas com a intenção de enganar ou manipular (Wardle, 2017). As pessoas cegas podem ser especialmente vulneráveis à desinformação, já que muitas vezes precisam confiar em tecnologias assistivas para acessar informações e podem não ter acesso à total amplitude da mensagem proposta.

As apropriações da desinformação pelas pessoas cegas no meio digital são um tema pouco explorado na literatura. Porém, a partir de conversas com os sujeitos copartícipes (descritas ao longo do texto), percebe-se que a desinformação pode ter impactos significativos na vida das pessoas cegas. Pode, por exemplo, levar essas pessoas a tomarem decisões equivocadas com base em informações falsas ou imprecisas. Além disso, pode prejudicar a confiança das pessoas cegas nas informações que recebem, tornando ainda mais difícil para elas obterem conteúdos informativos precisos e relevantes.

A desinformação representa uma preocupação crescente no meio digital e as pessoas cegas podem ser particularmente vulneráveis a suas apropriações por conta de sua especificidade comunicacional. Diante disso, a pesquisa comunicacional sobre os usos e apropriações de desinformação por sujeitos cegos proposta, pretende trazer luz a um tema pouco explorado e contribuir para a compreensão das formas como essas pessoas lidam com o fluxo de informação na sociedade contemporânea.

De acordo com o censo do IBGE, realizado em 2019, existem mais de 6,9 milhões de pessoas com deficiência visual no Brasil. Esse número significativo evidencia a necessidade de se investir em políticas públicas que garantam a acessibilidade e a inclusão dessas pessoas em todos os setores da sociedade. Nesse sentido, a pesquisa

comunicacional sobre desinformação e sujeitos cegos pode contribuir para a criação de políticas mais efetivas e direcionadas, que levem em conta as especificidades desse público e suas demandas particulares.

Além disso, a pesquisa sobre apropriações de desinformação por pessoas com deficiência visual também está relacionada à Agenda 2030 da ONU, que estabelece os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para o mundo até o ano de 2030. Dentre os ODS, destacam-se o ODS 10 - Redução das Desigualdades - e o ODS 16 - Paz, Justiça e Instituições Eficazes. A pesquisa sobre desinformação e sujeitos cegos pode contribuir para a promoção desses objetivos, na medida em que busca garantir o acesso à informação e a redução das desigualdades na sociedade. Por se tratar de um grupo com especificidades comunicacionais, pessoas cegas são menos assistidas social e comunicacionalmente, criando assim, uma necessidade de priorização de pesquisas sobre sua realidade, para contribuir com mudanças e com a construção de políticas públicas para essas pessoas.

Assim, é importante reafirmar que a pesquisa está diretamente ligada ao cumprimento da Agenda 2030, quando consideramos que o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável número dez, por exemplo, que visa reduzir as desigualdades sociais e econômicas, incluindo as pessoas com deficiência. Já o ODS número 16, que busca promover sociedades pacíficas e justas, também tem relação direta com o tema, uma vez que a desinformação pode gerar conflitos e preconceitos contra grupos vulneráveis.

Portanto, a pesquisa em comunicação sobre desinformação e sujeitos cegos é realizada com o objetivo de ampliar a inclusão social dessas pessoas, além de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. É preciso compreender a complexidade do cenário comunicacional em que vivemos e os desafios que ele impõe às pessoas com deficiência visual, buscando soluções inovadoras e eficazes para garantir o acesso à informação e a proteção contra a desinformação e esta pesquisa se propõe a isso.

Com a chegada da pandemia de coronavírus, a desigualdade social se tornou ainda mais evidente, provocando aumentos nos níveis de pobreza (CEPAL, 2021), assolando diversos grupos sociais. O Brasil, segundo país com mais óbitos por coronavírus, vive uma crise socioeconômica considerável e ainda, mesmo que apenas no primeiro recorte, conviveu por quatro anos com um governo autoritário e despreparado para a contemplação de suas funções, seja no aspecto social, político,

sanitário e ideológico. Uma característica do país, desde o processo eleitoral de 2018, foi a replicação de desinformação sobre temáticas vitais para o desenvolvimento social. Só sobre a pandemia, por exemplo, convivemos com a descredibilização da vacinação, diminuição dos reais riscos do vírus ou, até mesmo, prescrição de medicamentos ineficazes (Pereira e Marques, 2022).

Com isso, a discussão sobre a importância da pesquisa comunicacional acerca dos usos e apropriações de desinformação por sujeitos cegos deve ser trazida também, para o âmbito político-social, já que o acesso à informação é um direito fundamental do ser humano e é um elemento crucial para a construção de uma sociedade democrática e igualitária. Como ressalta Braga (2006), a mídia é uma das principais fontes de informação para a população e, portanto, exerce um papel fundamental na formação da opinião pública e no processo democrático.

No contexto atual de intensa polarização política e disseminação de notícias falsas, se faz necessário que sejam realizadas pesquisas que analisem a relação entre pessoas com deficiência visual e a desinformação. Como já mencionado, essas pessoas estão sujeitas a serem frequentemente excluídas do acesso à informação, o que as torna mais vulneráveis à manipulação da opinião pública e à disseminação de informações enganosas. É importante lembrar que a desinformação não é apenas um problema individual, mas também social, a partir do momento que se torna uma ameaça à democracia, já que pode interferir no processo eleitoral e na tomada de decisões políticas.

Nesse sentido, a pesquisa comunicacional sobre usos e apropriações de desinformação por sujeitos cegos não deve ser vista apenas como uma contribuição para a inclusão social dessas pessoas, mas também como uma questão de interesse público. A mídia e a comunicação são fundamentais para o fortalecimento da democracia e da cidadania, e a pesquisa científica tem um papel importante na compreensão das dinâmicas comunicacionais e na formulação de políticas públicas que visem à garantia do direito à informação para todas as pessoas.

A falta de acessibilidade comunicativa é um problema social que afeta diretamente a vida das pessoas com deficiência visual, limitando suas possibilidades de acesso à informação e, conseqüentemente, a sua participação na sociedade. Nesse sentido, a pesquisa em comunicação é fundamental para compreendermos os impactos da desinformação no contexto social e como a acessibilidade comunicativa pode contribuir para minimizar esses efeitos negativos.

De acordo com Castells (2013), a comunicação é um processo social que tem o poder de criar e moldar a realidade em que vivemos, e é através dela que a desinformação se propaga e se torna uma ameaça à democracia e aos direitos humanos. Para solucionar este problema, dados promovidos por uma pesquisa em comunicação podem contribuir para a elaboração de políticas públicas e estratégias de comunicação que promovam a acessibilidade comunicativa e combatam a desinformação. A partir de pesquisa empírica é possível identificar algumas das principais demandas e desafios enfrentados pelos sujeitos cegos em relação à desinformação, bem como as estratégias mais efetivas para garantir o acesso à informação e combater a desinformação.

Outrossim, a pesquisa em comunicação também pode contribuir para a criação de novas tecnologias e soluções comunicacionais que promovam a acessibilidade comunicativa e combatam a desinformação independente da atuação política sobre seus resultados. A partir da compreensão das demandas e desafios enfrentados pelos sujeitos cegos em relação à informação, é possível desenvolver soluções tecnológicas e estratégias de comunicação que atendam às necessidades desses indivíduos e garantam o acesso à informação de qualidade. Mesmo sendo uma pesquisa com um grupo enxuto e limitado de sujeitos, com limitações contextuais, esta pode servir como incentivadora de discussões futuras e diversas sobre a temática.

A autonomia do sujeito comunicante é um tema a ser considerado na pesquisa sobre usos e apropriações de desinformação por sujeitos cegos. A comunicação deve ser um processo que permita aos indivíduos tomarem decisões autônomas e terem o controle sobre o que recebem e como utilizam a informação. Isso é ainda mais importante para sujeitos cegos, por já necessitar de pessoas ou recursos de acessibilidade comunicativa para interpretar informações visuais.

Nesse sentido, a pesquisa pode contribuir para a promoção da autonomia dos sujeitos cegos na comunicação. Ao entender como eles usam e se apropriam da desinformação e quais estratégias utilizam para se proteger dela, podemos desenvolver estratégias mais eficazes para garantir que esses sujeitos tenham acesso a informações confiáveis e possam tomar decisões informadas.

Jiani Bonin e Lívia Saggin (2016) apontam que a autonomia do sujeito comunicante pode ser promovida por meio de práticas comunicacionais que permitam a participação ativa e consciente dos indivíduos no processo comunicativo. Trazendo para o objeto em questão, isso pode ser feito por meio da utilização de tecnologias acessíveis

e da disponibilização de informações em formatos adaptados, como áudio, braille ou outras formas de comunicação tátil.

Portanto, a promoção da autonomia do sujeito comunicante deve ser uma preocupação constante na pesquisa em comunicação, principalmente quando se trata de sujeitos com deficiência visual. Através da compreensão dos usos e apropriações de desinformação por esses sujeitos, podemos desenvolver estratégias mais eficazes para garantir a autonomia e a participação plena de todos na sociedade. Fazendo assim, uma comunicação mais justa e realmente abrangente.

2 PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA

A transmetodologia de Efendy Maldonado (2019) surge como uma alternativa para superar as limitações da metodologia tradicional, que se apoia em uma visão positivista e linear de investigação. Essa abordagem coloca, portanto, em xeque o modelo científico hegemônico, defendendo que o pesquisador deve levar em consideração a complexidade e a multidimensionalidade dos fenômenos, sujeitos e contextos investigados.

A perspectiva transmetodológica propõe que a pesquisa se dê de forma mais colaborativa e participativa, envolvendo tanto o pesquisador quanto os sujeitos investigados, que são considerados copartícipes da produção de conhecimentos. Essa perspectiva se aproxima do conceito de educomunicação como discutido por Livia Saggin (2020), que defende a comunicação como um processo de construção coletiva e colaborativa de conhecimentos. Assim, a pesquisa sobre usos e apropriações de desinformação por pessoas cegas deve considerar a voz e a participação desses sujeitos, em busca de uma maior compreensão sobre como eles interpretam e lidam com a informação.

Nessa linha de raciocínio, é possível apontar para a importância de uma abordagem transdisciplinar na pesquisa em questão. Martín Barbero (1997) argumenta que a comunicação é um campo interdisciplinar, que envolve diversas áreas do conhecimento, tais como a sociologia, a antropologia e a história. Desse modo, uma pesquisa que se propõe a investigar a desinformação e seus impactos na sociedade deve levar em consideração diferentes aspectos, desde os tecnológicos até os culturais, passando pelos políticos e econômicos.

A pesquisa em comunicação é condicionada às mudanças e transformações do contexto social, cultural e político. Seguindo a perspectiva deste pesquisador, a mídia e a comunicação são espaços de disputa por significados, que refletem as relações de poder presentes na sociedade. Portanto, a análise da desinformação e dos usos e apropriações que as pessoas cegas fazem dela não pode prescindir de uma reflexão mais ampla sobre a dinâmica sociopolítica atual, incluindo as tensões e contradições que permeiam a sociedade brasileira.

Seguindo esta perspectiva, este capítulo trata dos conceitos que alicerçam a pesquisa. Ao refletir sobre desinformação no contexto dos processos comunicacionais, destaca-se sua relação com a lógica das plataformas digitais e seu impacto na democracia e na qualidade da informação. São discutidas diferentes definições de

desinformação, desde notícias falsas até equívocos factuais, e são apresentadas categorias que a classificam de acordo com suas intenções e estratégias. A desinformação é vista como um fenômeno complexo que envolve manipulação e distorção da informação, com consequências significativas na sociedade.

A partir das perspectivas teóricas de Judith Butler, Robert Keyes, Herbert Pross, e Lucia Santaella, são exploradas diversas dimensões da desinformação, incluindo seu caráter performativo, sua relação com o discurso de ódio, sua ligação com a pós-verdade, e sua utilização como estratégia de poder. Também são discutidos os desafios enfrentados no combate à desinformação, como a fragmentação da mídia, as bolhas de filtro e a manipulação algorítmica nas redes sociais.

Na problematização, é ressaltada a importância da regulação das plataformas digitais, da promoção da alfabetização midiática, do pensamento crítico e da responsabilidade individual na luta contra a desinformação. Além disso, é destacado o papel das instituições e dos atores sociais na propagação e no combate à desinformação, bem como a necessidade de uma abordagem multidimensional que integre conhecimentos de áreas diversas.

Já no subcapítulo sobre os usos e apropriações, aborda-se a complexa relação entre os sujeitos cegos e as mídias digitais, destacando como esses indivíduos se apropriam e interagem com os conteúdos midiáticos, especialmente no contexto da desinformação. Certeau (1998) e Hall (2008) são referências importantes utilizadas para compreender as práticas cotidianas e as negociações dos sujeitos em relação às representações midiáticas. Certeau destaca a criatividade e adaptabilidade das pessoas na interpretação e reconfiguração das propostas ofertadas, enquanto Hall discute a construção fluida das identidades em contextos culturais e sociais.

A acessibilidade comunicativa é ressaltada como fundamental para garantir que os sujeitos cegos tenham acesso equitativo aos conteúdos midiáticos. Tecnologias assistivas, como leitores de tela e audiodescrição, são vistas como ferramentas essenciais para facilitar a interação e participação desses sujeitos na esfera midiática.

A discussão sobre os algoritmos e sua influência na modulação do acesso à informação destaca como esses sistemas podem criar bolhas de filtro e restringir a diversidade de perspectivas disponíveis para os sujeitos cegos. No entanto, também se reconhece o potencial das tecnologias assistivas avançadas em diminuir essa exclusão digital e proporcionar maior autonomia aos sujeitos cegos na esfera digital.

A abordagem transmetodológica proposta por Maldonado (2014) enfatiza a importância de considerar as múltiplas dimensões e perspectivas envolvidas nas interações entre os sujeitos e as mídias, levando em conta fatores sociais, culturais e individuais. Isso é essencial para uma compreensão mais abrangente das experiências e apropriações midiáticas dos sujeitos cegos, evitando generalizações e estereótipos.

O subcapítulo 2.3, por sua vez, aborda a cidadania comunicativa dos sujeitos cegos, explorando como a concentração dos meios digitais afeta sua capacidade de participação e representação na esfera pública. Néstor García Canclini destaca a influência dos discursos midiáticos na construção das identidades e subjetividades, enfatizando a necessidade de questionar as hierarquias de poder presentes na comunicação. A discussão ressalta que a concentração dos meios digitais pode levar à marginalização das vozes dos sujeitos cegos, comprometendo sua cidadania comunicativa. Marco Bonito destaca a importância da acessibilidade comunicativa para garantir que os sujeitos cegos tenham igualdade de acesso à informação. A falta de recursos e ferramentas acessíveis pode limitar sua participação na esfera pública e dificultar sua capacidade de enfrentar a desinformação. Portanto, a promoção da acessibilidade comunicativa é essencial para fortalecer a cidadania comunicativa dos sujeitos cegos. Além disso, Carlos Skliar e Paulo Freire abordam a importância da construção identitária dos sujeitos cegos em um contexto de inclusão e reconhecimento de suas experiências individuais. Uma pedagogia da diferença e uma educação libertadora são fundamentais para empoderar os sujeitos cegos e promover sua participação ativa na sociedade.

Por fim, Adela Cortina ajuda a pensar sobre a importância de reconhecer os direitos e responsabilidades dos cidadãos em um mundo globalizado, onde as tecnologias de comunicação desempenham um papel central na construção da cidadania. No entanto, é necessário superar as barreiras impostas pela desinformação para garantir a participação plena dos sujeitos cegos na esfera pública. Através de uma abordagem crítica e assistiva, podemos promover a inclusão, a equidade e a participação plena dos sujeitos cegos na sociedade da informação.

2.1 A desinformação no contexto dos processos comunicacionais digitais

Pensando a desinformação, Ortellado (2018) argumenta tratar-se de um fenômeno que se relaciona diretamente com a lógica das plataformas digitais, que priorizam a circulação de conteúdos sensacionalistas e polarizados em detrimento de

informações mais precisas e embasadas. Para o autor, a desinformação é um sintoma da crise da democracia e da qualidade da informação na era digital.

Há diferenças de compreensão da temática em variados trabalhos acadêmicos. A principal distinção é entre a definição de desinformação apenas como notícias intencionalmente falsas e um conceito mais abrangente, que propõe que desinformação pode ser tudo aquilo que tenta informar, mas não é um fato. Márcio Ribeiro e Pablo Ortellado (2018) especificam a diferença entre as linhas de pensamento:

Podemos dizer então que entre aqueles que debatem a relevância analítica do termo “notícias falsas” há grande controvérsia sobre pelo menos dois pontos: i) se o conceito deve se referir apenas a conteúdo noticioso comprovadamente falso ou se deve se referir também a outras técnicas de desinformação e engano, como os exageros, as omissões, as informações tiradas de contexto e as especulações;⁶ ii) se o conceito deve incluir apenas o conteúdo falso produzido intencionalmente ou se compreende também qualquer tipo de equívoco factual verificável, mesmo que não seja intencional, como um simples erro de apuração (Ribeiro e Ortellado, 2018, p.73).

O conceito de desinformação também pode ser ampliado com as contribuições de Claire Wardle (2017), que traz perspectivas importantes para compreender esse fenômeno complexo e atual. De maneira geral, para ela, a desinformação pode ser definida como informações falsas ou imprecisas que são disseminadas com o intuito de enganar ou confundir o sujeito que as recebe. De acordo com a pesquisadora, a desinformação pode ser classificada em diferentes categorias, de acordo com suas intenções e estratégias utilizadas. São elas:

a) *Desinformação acidental*: refere-se a informações falsas ou imprecisas que são compartilhadas sem a intenção de enganar. Isso pode ocorrer devido à falta de verificação de fatos, má interpretação de informações ou erros de comunicação.

b) *Desinformação manipulada*: envolve informações deliberadamente distorcidas ou falsas, criadas e disseminadas com o objetivo de enganar ou manipular o público. Isso pode incluir notícias falsas, teorias da conspiração e manipulação de imagens ou vídeos.

c) *Desinformação maliciosa*: refere-se a informações falsas ou enganosas criadas e espalhadas com o objetivo específico de causar danos ou prejudicar indivíduos, organizações ou sociedade como um todo. Isso pode incluir difamação, campanhas de desinformação coordenadas e propaganda enganosa.

Essas categorias ajudam a entender diferentes tipos de desinformação e os diferentes graus de intenção por trás de sua criação e disseminação. Assim, pode-se entender a desinformação como um fenômeno complexo, que envolve a manipulação e a distorção da informação, muitas vezes com fins políticos ou econômicos, e que se intensificou com a popularização das tecnologias digitais e das redes sociais. É importante destacar que esse fenômeno tem impactos significativos na sociedade, comprometendo a qualidade da informação e a democracia.

Com o advento das tecnologias digitais e a proliferação das redes sociais, a disseminação de informações falsas e distorcidas ganhou uma escala e velocidade sem precedentes. Esse fenômeno tem impactos significativos na esfera pública, afetando a democracia, os direitos humanos e a construção do conhecimento coletivo. Para problematizar essa questão, é possível recorrer às perspectivas teóricas oferecidas por Judith Butler (2021). A autora aborda a linguagem como uma forma de ação política, na qual os discursos não apenas representam a realidade, mas também a constroem e a transformam. Essa abordagem nos permite compreender a desinformação como uma prática discursiva que não apenas transmite informações falsas, mas também exerce poder e influência na formação de narrativas sociais.

Butler destaca que o discurso de ódio, um tipo extremo de desinformação, não deve ser entendido apenas como expressão individual de opiniões preconceituosas, mas como uma forma de violência simbólica que perpetua hierarquias sociais e afeta grupos marginalizados. A partir dessa análise, podemos ampliar o conceito de discurso de ódio para abarcar também a desinformação sistemática que dissemina estereótipos, alimenta teorias conspiratórias e promove o ódio contra determinados grupos. Os discursos de ódio têm uma dimensão performativa, ou seja, eles não apenas descrevem a realidade, mas também a constituem. Ao disseminar informações falsas, a desinformação contribui para moldar a percepção coletiva sobre determinados temas, criando uma realidade alternativa que pode minar a confiança nas instituições democráticas e comprometer a capacidade de diálogo e deliberação pública.

Nesse sentido, a problemática da desinformação não pode ser entendida apenas como uma questão de acúmulo de informações corretas *versus* informações falsas, mas como um fenômeno social e político complexo. A desinformação está enraizada em relações de poder, interesses políticos e econômicos, e suas consequências vão além do âmbito individual, afetando a coletividade e a construção da esfera pública.

Em suma, a desinformação demanda uma abordagem especializada, que leve em consideração as dimensões políticas e discursivas envolvidas. Considerando perspectivas como a teoria performativa de Judith Butler, que destaca a linguagem como ação política e nos ajuda a compreender a desinformação como uma prática discursiva que exerce poder e influência na construção das narrativas sociais, podemos desenvolver estratégias de combate à desinformação que promovam um uso midiático ativo e seguro, o pensamento crítico e a responsabilidade das plataformas digitais.

Butler também chama a atenção para a importância de examinar as condições sociais e políticas que possibilitam a disseminação da desinformação. Ela destaca que o discurso de ódio e a desinformação não surgem de forma isolada, mas são alimentados por estruturas de poder e por discursos dominantes que reforçam preconceitos e desigualdades, como o que foi apresentado no capítulo de justificativa deste trabalho. Nesse sentido, a desinformação não pode ser analisada apenas como um problema individual, mas deve ser considerada como uma expressão mais ampla das dinâmicas sociais e políticas. A autora nos instiga a investigar as relações de poder subjacentes aos discursos de ódio e à desinformação, questionando quem se beneficia com a disseminação de informações falsas e como essas práticas contribuem para a manutenção de hierarquias e exclusões.

Já Robert Keyes, em seu livro "A era da pós-verdade" (2018), oferece uma perspectiva teórica fundamental para compreendermos os desafios que essa questão impõe à sociedade. O autor explora o conceito de pós-verdade como um fenômeno no qual as emoções, crenças e narrativas pessoais têm mais influência do que os fatos objetivos na formação de opiniões e tomadas de decisão. Ao utilizar a referência de Keyes, podemos problematizar a desinformação a partir de uma abordagem que considera as dimensões subjetivas e emocionais envolvidas na construção da verdade e na disseminação de informações falsas. A pós-verdade, como um fenômeno caracterizado pelo apelo às emoções e às narrativas pessoais, amplifica os desafios enfrentados na luta contra a desinformação.

A visão da desinformação como um fenômeno ancorado na pós-verdade nos leva a questionar a forma como as informações são recebidas e processadas pelas pessoas. As crenças pré-existentes, os vieses cognitivos e as narrativas emocionalmente envolventes podem exercer uma influência significativa na aceitação ou rejeição de informações, independentemente de sua veracidade, como visto nas entrevistas com os sujeitos cegos, na sequência deste trabalho. Nesse contexto, a desinformação pode se

espalhar de maneira viral, alimentada pela adesão a narrativas convincentes e emocionalmente apelativas. A desinformação torna-se, assim, uma ferramenta poderosa para a conquista e manutenção do poder, pois explora as vulnerabilidades emocionais e cognitivas dos indivíduos.

Ao discutir a problemática da desinformação à luz das reflexões de Keyes, é necessário considerar também as mudanças tecnológicas e sociais que contribuem para a disseminação acelerada de informações falsas. As redes sociais e a internet têm um papel central nesse processo, uma vez que facilitam a disseminação rápida e massiva de conteúdos desprovidos de veracidade.

A regulação das plataformas digitais, portanto, também se mostra indispensável. É necessário incentivar a transparência e a responsabilidade por parte dessas empresas, com medidas que visem a identificação e a mitigação da desinformação. Esforços colaborativos entre governos, sociedade civil e empresas de tecnologia podem contribuir para criar um ambiente digital mais seguro e informado. Não basta um movimento social colaborativo, se as lógicas algorítmicas das plataformas reforçam e contribuem com a disseminação de conteúdo desinformativo (SILVEIRA, 2019).

Assim como Butler e outros autores aqui citados, Keyes também destaca a importância de considerar o contexto social e político no qual a desinformação se manifesta. Ele argumenta que a pós-verdade está intrinsecamente ligada a uma crise de confiança nas instituições tradicionais e no conhecimento especializado, tornando as pessoas mais suscetíveis a aceitar e disseminar informações falsas que se alinhem com suas visões de mundo e valores.

O autor ressalta que a desinformação na era da pós-verdade não se limita apenas a indivíduos mal-intencionados que disseminam informações falsas deliberadamente. Ela também é impulsionada por fatores como a fragmentação da mídia e o surgimento das chamadas "bolhas de filtro", onde as pessoas são expostas principalmente a conteúdos que confirmam suas próprias crenças e perspectivas. Essa dinâmica reforça a polarização e dificulta o acesso a diferentes pontos de vista e fontes de informação confiáveis.

É importante reconhecer que a desinformação não é um fenômeno novo, mas tem sido amplificado pelas tecnologias digitais e pelas redes sociais. O alcance global e a velocidade de propagação dessas plataformas criam um terreno fértil para a disseminação viral de informações falsas. Keyes argumenta que as características algorítmicas das redes sociais, que privilegiam o engajamento e a relevância

individualizada, podem contribuir para a formação de bolhas de filtro e para a amplificação da desinformação.

Ao considerar as dimensões subjetivas, emocionais e sociais envolvidas na formação da verdade e na disseminação de informações falsas, podemos compreender os desafios enfrentados no combate à desinformação na era da pós-verdade. A partir dessa compreensão, é possível propor estratégias que promovam a alfabetização midiática, o pensamento crítico e a regulação das plataformas digitais, buscando fortalecer a esfera pública e garantir a circulação de informações confiáveis.

Indo ao encontro desta análise de cenário desinformativo, O'Connor e Weatherall (2019) sugerem que a abordagem para combater a desinformação deve ser multidimensional. Eles enfatizam a importância de educar as pessoas sobre os mecanismos de propagação da desinformação, bem como de fornecer ferramentas para aprimorar o pensamento crítico e a avaliação das fontes de informação. Além disso, também defendem a necessidade de regulações e responsabilização das plataformas digitais para combater a disseminação de informações falsas. A educação, o pensamento crítico e a regulação das plataformas digitais emergem mais uma vez como elementos-chave na construção de uma sociedade mais informada e resistente à desinformação.

Os autores também ressaltam a necessidade de abordar as motivações por trás da disseminação da desinformação. Eles apontam que muitas vezes as pessoas não compartilham informações falsas simplesmente por falta de conhecimento ou por serem enganadas, mas sim, porque as crenças em conteúdo falso, pode servir a certos interesses ou agendas político/sociais do contexto em que estão inseridas, como podemos observar no processo de pesquisa exploratória descrito na sequência deste trabalho. Compreender essas motivações e interesses por trás da desinformação é crucial para dismantelar sua disseminação e minimizar seu impacto na sociedade, a nível coletivo e individual.

Além das estratégias individuais e coletivas, O'Connor e Weatherall enfatizam a importância de integrar a *expertise* de diversas áreas, como ciência da computação, psicologia, sociologia e comunicação, para compreender melhor os mecanismos da desinformação e desenvolver estratégias eficazes. Por fim, os autores ressaltam que a desinformação é um desafio em constante evolução, à medida que novas tecnologias e plataformas emergem e novas táticas de disseminação são desenvolvidas. Portanto, é

fundamental adotar uma abordagem adaptativa e flexível, que possa responder às mudanças e inovações no campo da desinformação.

Para contribuir teoricamente com a discussão proposta neste capítulo, no viés da influência do contexto na construção de lógica desinformativas, o texto de Herbert Pross (1989) também pode ser pertinente. Nesta obra, o autor aborda a violência simbólica presente nas estruturas sociais e culturais, e como esses símbolos podem ser utilizados como instrumentos de dominação e controle. Ao analisar a desinformação como um fenômeno social, podemos entender que ela está profundamente enraizada nos símbolos sociais que constituem nossa realidade. A desinformação não se limita apenas à transmissão de informações falsas, mas envolve também a manipulação e distorção dos símbolos presentes no discurso e na comunicação. Pross nos convida a questionar como certos símbolos sociais são construídos e perpetuados, e como eles podem ser usados para moldar a percepção coletiva e influenciar as narrativas predominantes. Na disseminação da desinformação, esses símbolos são manipulados para criar narrativas falsas, explorar medos e preconceitos, e gerar desconfiança em relação a fontes de informação confiáveis.

A violência simbólica presente na desinformação pode ser entendida como uma forma de controle e opressão. Através da disseminação de informações falsas, certos grupos ou interesses podem dominar a agenda pública, marginalizar vozes dissidentes e minar a confiança na verdade objetiva. A desinformação se torna um mecanismo poderoso para manter hierarquias e perpetuar relações de poder assimétricas. Os símbolos sociais têm o poder de evocar emoções e afetar o comportamento das pessoas. Ao explorar os aspectos emocionais da desinformação, podemos compreender como as informações falsas podem ser persuasivas e convincentes, apelando para medos, ansiedades e desejos latentes.

Assim, para abordar a problemática da desinformação, é necessário reconhecer a importância de desvendar os sistemas de significados e símbolos sociais que sustentam a disseminação da desinformação. Isso envolve uma análise crítica das narrativas dominantes, a promoção da literacia midiática e o desenvolvimento do pensamento crítico como ferramentas para desafiar as narrativas falsas. Ademais, é fundamental promover o diálogo e o debate público como formas de resistência à desinformação, como os projetos citados no capítulo inicial. Ao criar espaços de discussão e reflexão, podemos confrontar os símbolos distorcidos presentes na

desinformação, desmascarar as estratégias de manipulação e fortalecer a busca pela verdade e pela informação confiável.

Outro aspecto relevante abordado por Pross em seu texto é a relação entre desinformação e poder. Compreende-se a partir de seu pensamento, que a desinformação é uma estratégia utilizada por grupos ou instituições que detêm o poder para manter sua posição dominante na sociedade. Através da manipulação dos símbolos sociais, esses grupos podem moldar as percepções e as crenças coletivas de acordo com seus interesses, perpetuando assim as desigualdades existentes. Em sua argumentação, percebe-se que as instituições, como a mídia, o governo e as organizações sociais, podem ser instrumentos tanto da disseminação quanto do combate à desinformação. Portanto, é fundamental questionar a responsabilidade dessas instituições na promoção de um ambiente informado e na garantia do acesso à informação confiável.

A problematização teórica da desinformação com base nas perspectivas apresentadas por Pross em "La violencia de los símbolos sociales" nos permite ampliar a compreensão de desinformação. Mesmo produzida em um recorte de tempo de certa forma datado, a obra de Pross contribui de forma significativa para a problematização teórica deste trabalho. Sua análise da violência simbólica, do poder e da comunicação nos ajuda a compreender as dinâmicas envolvidas na disseminação da desinformação atualmente. Ao refletir sobre essas perspectivas, podemos desenvolver estratégias mais robustas para enfrentar a desinformação e promover uma sociedade informada, crítica e capaz de resistir aos efeitos negativos desse fenômeno.

Para ampliar a abordagem dessa perspectiva, podemos recorrer também, às proposições de Lucia Santaella em seu livro "*De onde vem o poder da mentira?*" (2021). Nessa obra, a autora nos convida a refletir sobre as origens e as repercussões do poder que a mentira exerce em nossa sociedade. Ela explora a natureza do poder que a mentira possui e como essa poderosa ferramenta é utilizada para manipular, controlar e influenciar a percepção das pessoas.

A autora destaca que a desinformação se sustenta por meio de narrativas e de discursos convincentes, que são capazes de explorar emoções, crenças e preconceitos arraigados na sociedade. Santaella também nos convida a considerar a influência da tecnologia e da comunicação na disseminação da desinformação. Como já vimos neste capítulo, com o avanço das plataformas digitais e das redes sociais, a disseminação de informações falsas tornou-se mais fácil e rápida. A viralidade das mensagens,

impulsionada por algoritmos e pela interconectividade, contribui para a amplificação da desinformação e para sua disseminação em larga escala.

Além disso, a autora enfatiza o papel dos atores sociais e institucionais na propagação da desinformação. Ela aponta que a mídia, as lideranças políticas e os grupos de interesse desempenham um papel significativo na construção e na disseminação de narrativas falsas. A desinformação muitas vezes é utilizada como uma estratégia política, visando a manipulação da opinião pública e a obtenção de benefícios específicos.

Nesse sentido, a abordagem proposta por Santaella nos leva a questionar a relação entre poder, informação e desinformação. Ela nos instiga a refletir sobre como o poder é exercido por meio da manipulação da informação e como a desinformação pode minar a confiança nas instituições democráticas, afetar a tomada de decisões e distorcer a construção da realidade coletiva.

A obra "De onde vem o poder da mentira?" de Lucia Santaella nos oferece mais uma perspectiva teórica sobre desinformação. Ao explorar a natureza do poder da mentira e seus mecanismos de disseminação, podemos compreender melhor as implicações desse fenômeno na sociedade contemporânea. Santaella destaca a importância de considerar os aspectos éticos e morais relacionados à desinformação. Ela argumenta que a disseminação intencional de informações falsas viola os princípios fundamentais de honestidade, confiança e respeito mútuo. A desinformação compromete a integridade da esfera pública, minando a possibilidade de diálogo, deliberação e construção coletiva de conhecimento.

A autora também nos convida a refletir sobre o papel dos indivíduos como agentes ativos na propagação da desinformação. Ela destaca que, muitas vezes, as pessoas compartilham informações sem questionar sua veracidade, movidas por impulsos emocionais, necessidade de pertencimento social ou desejo de validar suas próprias crenças, indo ao encontro do que será trazido por Certeau (1998) no próximo capítulo. Essa dimensão individual da desinformação nos leva a considerar a importância do pensamento crítico e da responsabilidade individual na luta contra a disseminação de informações falsas.

A abordagem teórica proposta por Santaella nos leva a refletir sobre as implicações mais amplas da desinformação para a sociedade e para a democracia. Ela nos alerta sobre os perigos de uma sociedade em que a verdade factual é substituída por narrativas enganosas e manipuladoras. A desinformação pode minar os

fundamentos da democracia, prejudicar a confiança nas instituições e contribuir para a polarização político/social.

Diante desse cenário, é necessário promover uma cultura de verificação de fatos, investir em educação midiática desde a infância, fortalecer o jornalismo independente e responsável, e incentivar a participação ativa dos cidadãos na busca pela verdade e na disseminação de informações confiáveis. Além disso, a autora também defende a regulação das plataformas digitais como medida fundamental. Santaella ressalta a importância de políticas e mecanismos de moderação de conteúdo que promovam a transparência, a responsabilidade e a neutralidade, garantindo que as plataformas não sejam veículos para a disseminação de desinformação e manipulação.

Resumindo o que foi abordado neste capítulo, pode-se compreender que com a ascensão das plataformas digitais e das redes sociais, o acesso rápido e fácil à informação tornou-se uma realidade e isso abriu espaço para a propagação acelerada de informações falsas. A lógica das mídias sociais, impulsionada por algoritmos e pela busca por engajamento e validações simbólicas e sentimentais, pode contribuir para a disseminação viral da desinformação.

As redes sociais funcionam em um ambiente altamente conectado, onde as informações circulam rapidamente por meio de compartilhamentos, curtidas e comentários. Esse ambiente facilita a formação de bolhas de filtro, onde os usuários são expostos principalmente a conteúdos que se alinham com suas crenças e perspectivas, criando assim uma fragmentação da informação e reforçando suas próprias convicções.

Os algoritmos das plataformas digitais têm o objetivo de maximizar o engajamento do usuário, apresentando conteúdos que são mais propensos a gerar interações e compartilhamentos. Isso pode levar a um viés de confirmação, onde as pessoas são expostas principalmente a informações que confirmam suas próprias crenças e tendem a ignorar ou rejeitar informações que contradizem suas visões.

Nesse contexto, a concentração dos meios digitais em corporações cria um ambiente propício para a proliferação da desinformação. As plataformas operam com recursos e funcionalidades que ampliam as possibilidades de disseminação de conteúdos enganosos. Algoritmos de recomendação e personalização direcionam conteúdos com base nos interesses e nas interações dos usuários, o que pode criar uma realidade personalizada e limitada, dificultando o acesso a diferentes perspectivas e fontes de informação confiáveis.

Além disso, a coleta massiva de dados pelos gigantes digitais permite a criação de perfis detalhados dos usuários, que são utilizados para direcionar conteúdos e anúncios específicos. Essa personalização excessiva pode contribuir para a formação de câmaras de eco, em que os sujeitos cegos são expostos principalmente a informações que confirmam suas crenças preexistentes, tornando-os mais suscetíveis à desinformação.

Essa concentração de poder e a manipulação algorítmica nas plataformas digitais dificultam a promoção da cidadania comunicativa dos sujeitos cegos. A falta de acesso a uma variedade de fontes de informação e a exposição seletiva a conteúdos podem prejudicar sua capacidade de formar uma visão abrangente e crítica da realidade. Além disso, a manipulação das narrativas e a disseminação de informações falsas podem minar a confiança nas informações disponíveis, dificultando sua participação plena na esfera pública e limitando sua cidadania comunicativa.

Diante dessa problemática, é necessário repensar o modelo atual de concentração dos meios digitais e buscar alternativas que promovam a diversidade de vozes e a pluralidade de informações. A regulamentação e o controle dos algoritmos utilizados pelas plataformas digitais são medidas que podem ser adotadas para mitigar os efeitos da desinformação. Além disso, a promoção da alfabetização midiática e o incentivo à busca por fontes confiáveis de informação são fundamentais para fortalecer a cidadania comunicativa dos sujeitos cegos.

Em suma, a concentração dos meios digitais em corporações que operam com captura de dados e recursos que ampliam as possibilidades de desinformação representa um desafio significativo para a construção da cidadania comunicativa dos sujeitos cegos. As obras de Lúcia Santaella e de Cailin O'Connor e James Owen Weatherall nos alertam para a importância de repensar esse cenário, buscando estratégias que promovam a diversidade de vozes, a transparência e o acesso a informações confiáveis. Somente por meio de um ambiente midiático mais democrático e inclusivo poderemos garantir a participação plena dos sujeitos cegos na esfera pública e fortalecer sua cidadania comunicativa.

2.2 Perspectivas para entender os usos e apropriações das mídias pelos sujeitos

Para problematizar os usos e apropriações dos sujeitos cegos, as contribuições de Michel de Certeau (1998) são produtivas. Ao abordar os usos sociais, o autor destaca

as práticas cotidianas como expressões da agência individual, ressaltando que as pessoas não são meros receptores passivos das normas sociais. Pelo contrário, os "usos" representam a maneira pela qual os indivíduos interpretam e reconfiguram as normas estabelecidas em suas ações diárias. Essas práticas frequentemente ocorrem fora dos sistemas formais e institucionais, revelando a criatividade e adaptabilidade das pessoas na elaboração de significados em contextos diversos.

A "apropriação", por sua vez, assume uma dimensão espacial e simbólica, destacando como os indivíduos reivindicam e transformam os espaços de acordo com suas necessidades e desejos. Certeau argumenta que, mesmo em ambientes altamente regulamentados, as pessoas encontram maneiras de subverter as normas, exercendo sua agência na construção de significado e identidade através da apropriação criativa do espaço. Portanto, as práticas cotidianas tornam-se locais de resistência e negociação, onde as pessoas comuns se tornam ativas na moldagem da cultura e na reinterpretação das estruturas sociais. Este enfoque teórico ilumina a importância das ações individuais e das práticas cotidianas como elementos essenciais na construção do significado e na influência sobre as dinâmicas sociais mais amplas.

Certeau oferece uma perspectiva produtiva para a análise das interações entre indivíduos e estruturas sociais no contexto cotidiano, destacando a produção de sentido de modo individual e artesanal, ou seja: a criatividade e a resistência presentes nas práticas do fazer diário. Essa compreensão aprofundada contribui significativamente para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais que moldam o cotidiano das comunidades e, conseqüentemente, dos sujeitos relatados neste trabalho e como estes usam e se apropriam de conteúdos desinformativos.

As inter-relações entre os sujeitos e as mídias são complexas e permeadas por uma série de influências sociais, culturais e políticas. Essas relações também são abordadas de forma crítica pelo teórico Stuart Hall (2008), que discute as noções de identidade e diferença dentro dos estudos culturais. No contexto das pessoas com deficiência visual, enfoque deste trabalho, as mídias desempenham um papel fundamental na construção de suas representações e na promoção da acessibilidade comunicativa, entre outros aspectos.

Indo ao encontro do que é posto por Certeau (1998), Hall questiona a ideia de identidade fixa e essencialista, argumentando que as identidades são construídas e transformadas nas interações sociais e culturais, moldando as características e contexto de cada sujeito. As mídias desempenham um papel crucial nesse processo, pois

influenciam as percepções e representações de identidades individuais e coletivas. No entanto, é importante reconhecer que essas representações construídas dentro de um contexto histórico, político e cultural específico.

As mídias, portanto, desempenham um papel ambivalente. Por um lado, a representação desses sujeitos nas produções midiáticas muitas vezes é limitada e estereotipada, perpetuando visões negativas, estigmatizadas e, conseqüentemente, desinformativas. Por outro, as mídias também podem ser uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e a visibilidade das pessoas com deficiência visual. Através de representações mais diversificadas e inclusivas, as mídias podem contribuir para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, promovendo maior compreensão e respeito pela diversidade humana.

Ainda sobre esta questão, a acessibilidade comunicativa também se torna fundamental no contexto das mídias. Garantir que os conteúdos midiáticos sejam acessíveis às pessoas com deficiência visual é uma questão de justiça e igualdade de oportunidades. Isso, também considerando que é um direito garantido por lei. Para tal, implicaria na utilização de tecnologias assistivas, como leitores de tela e audiodescrição, e em criar *designs* e interfaces que sejam inclusivos e facilitem a interação e a participação desses sujeitos.

Os usos e apropriações dos sujeitos para com a mídia não são unilaterais. Isso significa que os sujeitos não são receptores passivos das mensagens midiáticas, mas sim, agentes na interpretação e no compartilhamento dessas mensagens. Eles constroem significados a partir das representações midiáticas e negociam suas identidades e posições dentro desse contexto.

No caso dos sujeitos cegos, as mídias desempenham um papel significativo na construção de suas identidades e na forma como são percebidos pela sociedade em geral. Por exemplo, a falta de representações positivas e inclusivas pode contribuir para a marginalização e a invisibilidade dessas pessoas, mais uma vez, podendo deixá-las vulneráveis a estratégias desinformativas. Assim, abrem-se brechas para que conteúdos desinformativos possam entrar facilmente em suas bolhas de filtro a partir de estratégias de aproximação com este grupo social específico.

No entanto, os sujeitos cegos também podem resistir e subverter as narrativas dominantes, reivindicando sua existência dentro do contexto social e buscando representações mais autênticas e empoderadoras, seja em espaços físicos, culturais ou digitais. Nesse sentido, as mídias digitais também podem ser um espaço de mobilização

e ativismo para as pessoas com especificidades comunicacionais. Através das redes sociais, por exemplo, esses sujeitos podem compartilhar suas experiências, promover a conscientização e defender seus direitos. As mídias se tornam, então, um meio de expressão e mobilização política, permitindo que as demandas dessas pessoas possam ser consideradas perante um cenário mais abrangente da sociedade.

É importante reconhecer os processos de usos e apropriações também está sujeito a desigualdades estruturais. Sujeitos cegos não necessariamente têm acesso igualitário às mídias e às tecnologias de informação e comunicação. Barreiras econômicas, falta de infraestrutura adequada e a falta de acessibilidade nos *designs* das plataformas digitais podem limitar a participação plena desses sujeitos na esfera midiática. E em uma era de pós-verdade, não ter acesso amplo às ferramentas torna-se um empecilho com possíveis consequências sociais, políticas e identitárias para essas pessoas.

Os Mattelart (2004) também ajudam a compreender que as inter-relações entre os sujeitos e as mídias são caracterizadas por uma complexidade dinâmica, onde o consumo desempenha um papel fundamental. Os procedimentos de consumo, como discutidos por Armand e Michele Mattelart em "Pensar as mídias", revelam como os sujeitos se apropriam, interpretam e negociam os conteúdos midiáticos. Devemos reconhecer que as pessoas com deficiência visual podem enfrentar barreiras adicionais ao consumo midiático, especialmente quando se trata da desinformação. Isso, pois as limitações de acessibilidade em plataformas digitais, como a falta de descrições adequadas de imagens, por exemplo, podem restringir o acesso desses indivíduos à informação e dificultar a identificação de conteúdos desinformativos. Isso pode levar a uma maior vulnerabilidade à desinformação e à propagação de informações imprecisas.

Tratando especificamente sobre a “negociação” citada pelos autores, pode-se abordar a utilização de tecnologias assistivas, como leitores de tela e recursos de áudio descrição, que podem permitir que esses sujeitos verifiquem a veracidade das informações recebidas, empoderando-os para questionar e contestar conteúdos desinformativos. Assim, os tensionamentos presentes na abordagem dos Mattelart apontam para a importância de se pensar a relação das pessoas cegas com a desinformação considerando as questões de acessibilidade comunicativa, garantindo que esses sujeitos tenham acesso equitativo aos conteúdos midiáticos e possam se engajar de forma crítica e consciente na esfera midiática, utilizando a tecnologia a seu favor no enfrentamento à desinformação.

Pensando nisso, o conceito de mediações de Jesús Martín-Barbero (1997) também pode ser considerado uma referência importante para a pesquisa em questão. O autor argumenta que os processos midiáticos são espaço de produção de sentido e que a comunicação se realiza em um contexto histórico, social e cultural. Dessa forma, a análise da desinformação veiculada pelos meios de comunicação, precisa levar em conta as mediações presentes nesse processo, as quais podem contribuir para a construção de diferentes interpretações e significados aos conteúdos informativos e a contestação sobre o que é consumido.

Os procedimentos de usos e apropriações de informação e desinformação no meio digital, portanto, além de serem influenciados pelas limitações e diretrizes de cada plataforma, também são moldados pelas práticas culturais, sociais e históricas, e envolvem uma série de estratégias adotadas pelos sujeitos para lidar com os conteúdos midiáticos. Essas estratégias incluem a seleção, a negociação (mediação) e a apropriação dos significados, bem como a interpretação ativa e a construção de identidades relacionadas às representações midiáticas.

No caso dos sujeitos cegos, aqui entendidos como pessoas com especificidades comunicacionais, o consumo midiático desempenha um papel significativo na forma como elas são retratadas e como se percebem em relação à sociedade. A falta de representações inclusivas e a presença de estereótipos, então, podem impactar negativamente a autoimagem e a produção de conteúdo informativo que seja inclusivo para esses sujeitos.

As tecnologias assistivas, como leitores de tela e audiodescrição, possibilitam o acesso a uma variedade maior de conteúdos, além de uma interpretação mais completa, desde notícias e entretenimento até educação e cultura. No entanto, é importante destacar que o acesso igualitário a esses conteúdos ainda está sujeito às barreiras tecnológicas e à falta desses recursos de acessibilidade em muitos contextos. A partir do que é proposto pelos autores, uma apropriação dos conteúdos midiáticos de maneira crítica e ativa pode ser o caminho para o uso mais igualitário e empoderado das mídias digitais, desde que o uso e apropriação desses conteúdos contemple uma interpretação completa do que é proposto por cada interação midiática.

É importante destacar, também, que as inter-relações dos sujeitos estão em constante transformação. A evolução tecnológica e a expansão das plataformas digitais têm gerado novas possibilidades de usos e apropriações dos sujeitos cegos na esfera midiática. A ascensão das mídias digitais transformou profundamente a maneira como

os indivíduos acessam, produzem e interagem com informações. Contudo, os códigos invisíveis que permeiam as plataformas online, muitas vezes, deixam sujeitos em desvantagem perante o consumo de conteúdo noticioso, especialmente aqueles que enfrentam desafios adicionais devido à deficiência visual.

A partir da obra de Silveira (2019), trazendo para a temática com enfoque nos sujeitos cegos, aborda-se como os usos e apropriações desses indivíduos nas mídias digitais também é afetado pelos algoritmos que modelam comportamentos e escolhas. O advento da era digital trouxe consigo a promessa de democratização da informação, permitindo o acesso a uma ampla gama de conteúdos e possibilidades de interação. Entretanto, a crescente influência dos algoritmos nas redes sociais e plataformas de busca tem levantado questões sobre a imparcialidade e a privacidade dos dados dos usuários. Esses algoritmos, concebidos para personalizar conteúdos com base em preferências e históricos de navegação, podem criar "bolhas de filtro" que reforçam visões preexistentes e limitam a exposição a perspectivas divergentes.

Para os sujeitos cegos, uma vez que muitas dessas plataformas não são plenamente acessíveis ou não oferecem recursos adequados para a plena navegação sem o uso de uma interface visual, a partir da falta de descrições adequadas de imagens, a ausência de opções de acessibilidade para leitores de tela e a complexidade da interface pode dificultar o acesso desses indivíduos à informação, excluindo-os de participar plenamente do cenário digital.

Neste contexto, é crucial refletir sobre como os algoritmos podem afetar os usos e apropriações dos sujeitos cegos no ambiente digital. A personalização de conteúdos pode restringir a diversidade de informações disponíveis para esses indivíduos, limitando seu acesso a notícias, eventos políticos e debates públicos relevantes. Além disso, a falta de acessibilidade pode gerar um cenário de exclusão digital, impedindo que sujeitos cegos exerçam plenamente sua cidadania comunicativa e tenham representatividade na esfera pública geral.

A evolução de tecnologias assistivas como leitores de tela avançados e sistemas de reconhecimento de voz, pode diminuir este afastamento e proporcionar maior autonomia e acesso a informações para esses indivíduos. Adotar práticas mais inclusivas em plataformas digitais é um direito garantido por lei, mas negligenciado ao longo dos anos.

Em síntese, a relação dos sujeitos cegos com as mídias digitais é profundamente influenciada pelos códigos invisíveis dos algoritmos que modulam o acesso à informação

e à participação política. Conforme apontado por Sérgio Amadeu da Silveira e observado nas entrevistas exploratórias, descritas na sequência deste trabalho, essa modulação pode criar bolhas e restringir o acesso a perspectivas divergentes, checagem de informação e elementos contextualizadores. No entanto, é essencial reconhecer que a tecnologia pode oferecer soluções para a inclusão e autonomia dos sujeitos cegos, desde que haja um esforço conjunto para garantir a acessibilidade digital e a promoção de uma sociedade mais inclusiva e democrática.

As inter-relações complexas entre os sujeitos e a mídia também podem e devem ser exploradas sob uma perspectiva transmetodológica, como discutido por Efendy Maldonado (2014). Essa abordagem metodológica considera as múltiplas dimensões e perspectivas envolvidas nas interações entre os sujeitos e a mídia. A perspectiva transmetodológica busca compreender e considerar fatores sociais, culturais e individuais que influenciam a forma como os sujeitos interagem com os conteúdos midiáticos. Também possibilita a identificação de lacunas e desafios enfrentados pelos sujeitos cegos na sua relação com a desinformação. Esta abordagem, na pesquisa dos sujeitos comunicantes e suas inter-relações com as mídias, permite uma compreensão mais abrangente e sensível desses processos. Ao considerar o contexto dos sujeitos, é possível ampliar a visão sobre os desafios, demandas e oportunidades de inclusão.

Ao adotar uma abordagem transmetodológica, portanto, é importante reconhecer a complexidade e a diversidade dos sujeitos com especificidades comunicacionais, evitando generalizações e estereótipos. Cada indivíduo possui suas próprias vivências e formas de interagir com as mídias, influenciadas por fatores como idade, gênero, classe social, trajetórias sociais e de consumo midiático, dentre outros fatores. É necessário adotar uma postura sensível e inclusiva que respeite a singularidade de cada sujeito e valorize suas perspectivas.

A pesquisa transmetodológica também convida a uma reflexão crítica sobre as dinâmicas de poder presentes nos usos e apropriações de desinformações dos sujeitos cegos no meio digital. É essencial questionar as hierarquias e desigualdades existentes, buscando ampliar as vozes marginalizadas e sub-representadas, como é o caso das pessoas com deficiência visual. Essa abordagem possibilita uma transformação dos discursos midiáticos, promovendo uma mídia mais inclusiva, diversificada e representativa da sociedade como um todo.

Dialogando ainda com Jiani Bonin (2016), a pesquisa sobre as apropriações midiáticas envolve a compreensão das formas pelas quais os sujeitos se apropriam,

interpretam e reconfiguram os conteúdos midiáticos a partir de seus repertórios construídos em suas trajetórias de vida. Além disso, deve-se considerar a interseccionalidade, ou seja: as múltiplas dimensões que configuram os sujeitos em suas trajetórias de vida comunicacional e midiática. No caso das pessoas com deficiência visual, é importante considerar dimensões como classe social, gênero, etnia e orientação sexual para pensar como afetam suas experiências e apropriações de desinformação. Isso requer uma análise aprofundada das interseções entre essas dimensões, reconhecendo a complexidade das identidades e das vivências desses sujeitos em todas as suas esferas de contexto.

Ao considerar as interseccionalidades, reconhecemos que as experiências das pessoas com deficiência visual são moldadas por diversas dimensões, como gênero, raça, classe social e orientação sexual. A pesquisa, portanto, deve explorar as interseções entre essas dimensões, compreendendo a complexidade das identidades e vivências desses sujeitos. Isso implica em um olhar crítico e sensível para além da deficiência visual, reconhecendo a multiplicidade de suas experiências e apropriações midiáticas, como já citado neste capítulo e ao longo do trabalho.

A partir da referência de Jiani Bonin e Lívia Saggin (2016), podemos aprofundar ainda mais nossa compreensão das interações complexas entre os sujeitos e as mídias digitais, levando em consideração também, a perspectiva da cidadania comunicativa. Essa abordagem dialoga de maneira significativa com as reflexões anteriores, ampliando nossa compreensão sobre as relações entre os sujeitos cegos e as mídias.

A cidadania comunicativa refere-se, entre outros aspectos, à capacidade dos sujeitos de participarem ativamente na esfera pública, contribuindo para a formação de opinião e a tomada de decisão individual e coletiva. No contexto das mídias digitais, torna-se essencial analisar como os sujeitos comunicantes, incluindo as pessoas com deficiência visual, se apropriam dessas plataformas para exercerem sua cidadania comunicativa com relação à desinformação.

A pesquisa sobre os usos e apropriações dos sujeitos comunicantes cegos das mídias digitais requer uma abordagem que considere, como visto neste capítulo, as especificidades desse ambiente digital em constante transformação. A pesquisa, neste caso, ao investigar as formas de apropriação das mídias digitais pelas pessoas cegas, deve examinar como elas utilizam as tecnologias assistivas, como leitores de tela e ampliadores de fonte, para acessar e interagir com o conteúdo digital. Compreender essas práticas de apropriação permite identificar os desafios e as oportunidades que as

mídias digitais oferecem para identificação e combate à desinformação, além de orientar o desenvolvimento de estratégias e políticas que promovam a acessibilidade e a inclusão. Além disso, seguindo tal perspectiva, considerando o sujeito comunicante como partícipe do tecido social, há de se investigar as dinâmicas de poder presentes nos usos e apropriações de sujeitos cegos comunicantes nas mídias digitais e, no caso desta pesquisa especificamente, aquelas vinculadas à desinformação.

2.3 Cidadania comunicativa e sujeitos comunicantes cegos

Seguindo a linha de pensamento abordada no subcapítulo anterior, Néstor García Canclini (2008) oferece uma importante contribuição para a problematização da concentração dos meios digitais e suas implicações na cidadania comunicativa dos sujeitos cegos, ao abordar as complexidades da construção de identidades e subjetividades no contexto da globalização e das tecnologias de comunicação. Ele destaca como os sujeitos são constantemente influenciados e moldados por diversos discursos, narrativas e representações midiáticas que circulam na sociedade. Ressalta a necessidade de questionar quem fala e em qual lugar, levando em consideração as hierarquias de poder e as desigualdades presentes no campo da comunicação.

Ao aplicar essas reflexões à problemática da concentração dos meios digitais e sua relação com a cidadania comunicativa dos sujeitos cegos, podemos perceber que a disseminação da desinformação e a manipulação de narrativas são processos que ocorrem em um contexto de desigualdades de acesso, representatividade e participação. A concentração do poder de comunicação nas mãos de algumas poucas corporações pode resultar na supressão de vozes e perspectivas marginalizadas, incluindo a voz dos sujeitos cegos.

A discussão proposta por García Canclini nos leva a refletir sobre a necessidade de questionar a construção de sujeitos simulados, ou seja, sujeitos que são moldados e influenciados por discursos dominantes e estruturas de poder presentes nos meios de comunicação. Os sujeitos cegos, muitas vezes, são excluídos ou representados de maneira estereotipada nessas narrativas, o que afeta sua cidadania comunicativa e sua capacidade de ter suas vozes e experiências reconhecidas.

Ao incorporar as reflexões de García Canclini à análise da concentração dos meios digitais e à cidadania comunicativa dos sujeitos cegos, é possível ampliar a compreensão das dinâmicas de poder e das desigualdades presentes nesse contexto.

Essa perspectiva crítica nos impulsiona a buscar estratégias que promovam a diversidade de vozes, a representatividade e a participação ativa dos sujeitos cegos nos processos de comunicação. Em resumo, nos ajuda a refletir sobre a construção de identidades e subjetividades no contexto da comunicação contemporânea. Ao aplicar suas análises à concentração dos meios digitais e à cidadania comunicativa dos sujeitos cegos, somos incentivados a questionar as estruturas de poder presentes nesse cenário, bem como a promover a multiplicidade de vozes e a representatividade inclusiva. A incorporação dessas reflexões enriquece a discussão sobre a desinformação e a cidadania comunicativa, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e informada para todos, independentemente de suas capacidades sensoriais.

Ao abordar as questões de acessibilidade comunicativa dos sujeitos cegos, a obra de Marco Bonito (2018) também oferece importantes pontos para a análise. O pesquisador ressalta a importância da acessibilidade comunicativa como um princípio essencial para garantir que todas as pessoas, incluindo aquelas com deficiência visual, tenham igualdade de acesso à informação e à comunicação. Ele destaca a necessidade de superar as barreiras físicas, sensoriais e cognitivas por meio de tecnologias assistivas e da adoção de práticas inclusivas no jornalismo digital.

No contexto dos processos de desinformação, a acessibilidade comunicativa desempenha um papel crucial na promoção da cidadania comunicativa dos sujeitos cegos. A disponibilidade de recursos e ferramentas que permitam o acesso a conteúdos e informações de forma adaptada é fundamental para que esses sujeitos possam participar plenamente da esfera pública e tomar decisões informadas. A falta de acessibilidade comunicativa pode representar uma barreira significativa para os sujeitos cegos na compreensão e na resposta à desinformação. A ausência de recursos como leitores de tela, descrição de imagens, legendas em vídeos e textos alternativos pode dificultar o acesso a conteúdos relevantes e confiáveis. Isso pode levar à exclusão dos sujeitos cegos de discussões e debates sobre a veracidade das informações, limitando sua capacidade de exercer sua cidadania comunicativa.

Por outro lado, a implementação de práticas de acessibilidade comunicativa pode ser um elemento facilitador para a participação plena dos sujeitos cegos nos processos comunicacionais. A disponibilização de conteúdos em formatos acessíveis, como texto em *braille*, audiodescrição e vídeos com legendas, amplia as possibilidades de acesso e compreensão das informações por parte desses sujeitos. Isso fortalece sua capacidade

de avaliar criticamente as informações, identificar a desinformação e participar ativamente da construção de narrativas mais inclusivas e precisas.

A acessibilidade comunicativa não se restringe apenas à disponibilização de recursos técnicos, mas também envolve a sensibilização e a capacitação dos profissionais de comunicação. Os jornalistas e demais comunicadores devem estar cientes das necessidades e dos direitos dos sujeitos cegos, buscando adotar práticas inclusivas em suas produções. Isso inclui o uso de linguagem clara e objetiva, a descrição adequada de imagens, o cuidado com o design de interfaces digitais e a busca por fontes diversas e representativas.

Em suma, a problematização da acessibilidade comunicativa como elemento facilitador e/ou dificultador dos processos de construção da cidadania comunicativa dos sujeitos cegos nos usos e apropriações da informação/desinformação é fundamental para a compreensão de barreiras e desafios enfrentados por esses sujeitos. A partir da reflexão proposta por Marco Bonito, percebemos a importância de superar as limitações impostas pela falta de acessibilidade, buscando a adoção de práticas inclusivas no jornalismo digital e na produção de conteúdos. Somente por meio da promoção da acessibilidade comunicativa e da conscientização sobre a importância da inclusão, poderemos construir uma sociedade mais justa e informada para todos, independentemente de suas capacidades sensoriais.

A construção identitária dos sujeitos cegos, por sua vez, é um processo complexo e multifacetado, profundamente influenciado por sua situação social perante à diferença. Carlos Skliar (2002) lança luz sobre a importância de abordar a experiência dos sujeitos cegos a partir de uma perspectiva que transcenda o olhar normativo da sociedade, e que leve em consideração a diversidade de vivências e percepções que permeiam a experiência da cegueira. Nesse sentido, Skliar reflete sobre a necessidade de construir uma pedagogia da diferença, que implica em uma abordagem educacional que reconheça e valorize a diversidade de experiências e formas de ser no mundo. Isso requer a desconstrução do modelo tradicional de ensino que privilegia apenas uma perspectiva normativa e homogeneizadora, e a promoção de práticas pedagógicas que considerem a pluralidade de vozes e identidades.

Uma pedagogia da diferença deve incentivar a escuta ativa e empática, o diálogo e a interação entre os sujeitos, promovendo a troca de experiências e saberes. É importante que os sujeitos cegos sejam protagonistas de seu próprio processo de

aprendizagem, tendo a oportunidade de expressar suas visões de mundo e compartilhar suas experiências com os demais.

Além disso, a construção identitária dos sujeitos cegos também pode ser enriquecida por meio do acesso a espaços de participação social e cultural, nos quais possam se engajar e ser reconhecidos como sujeitos ativos e capazes de contribuir para a sociedade. A inclusão em atividades esportivas, artísticas, culturais e outras instâncias de socialização pode ajudar a reforçar a autoestima e a construção de uma identidade positiva.

A situação social dos sujeitos cegos diante da diferença é caracterizada, muitas vezes, por estigmas, preconceitos e estereótipos construídos ao longo do tempo. A sociedade frequentemente tende a olhar para a cegueira como uma condição de incapacidade, negligenciando a riqueza e a diversidade de perspectivas e formas de conhecimento que os sujeitos cegos podem oferecer. Nesse contexto, a construção identitária dos sujeitos cegos pode ser afetada pelo confronto com o olhar normativo, que os coloca em uma posição de alteridade e inferioridade. É comum que esses indivíduos internalizem tais estigmas, levando-os a enfrentar desafios para se afirmar como sujeitos autônomos, capazes e detentores de saberes próprios.

Além dessa visão acerca da construção identitária dos sujeitos cegos, é essencial abordar as questões de acessibilidade e inclusão como elementos fundamentais para garantir o pleno desenvolvimento e participação desses indivíduos na sociedade. A acessibilidade é um direito humano fundamental e uma condição indispensável para que os sujeitos cegos possam exercer sua cidadania plena. Isso inclui a disponibilização de recursos e tecnologias assistivas, como leitores de tela, teclados em Braille, audiodescrição, entre outros, que tornem os ambientes, conteúdos e informações acessíveis para eles. O que, como já citado, é um direito garantido por lei.

Uma abordagem inclusiva, porém, pressupõe não apenas a adaptação de espaços e materiais, mas também a criação de uma cultura inclusiva, em que os sujeitos cegos sejam reconhecidos como membros ativos da sociedade, com seus direitos, capacidades e contribuições valorizados.

Ademais, é necessário reconhecer a diversidade intrínseca aos sujeitos cegos. A cegueira pode ser uma característica compartilhada por um grupo de indivíduos, mas cada sujeito possui sua própria identidade, experiências de vida e necessidades específicas. Portanto, é importante evitar generalizações e estereótipos sobre as pessoas cegas, permitindo que cada um expresse sua singularidade e participe

ativamente na construção de sua identidade. Assim, não sendo reduzido ao “ser sua diferença”, mas sim, parte do tecido social complexo e heterogêneo, tendo seus direitos garantidos e se fazendo parte ativa de seu contexto.

O reconhecimento das diferentes identidades e experiências dos sujeitos cegos também deve se estender à diversidade cultural. As experiências de cegueira podem variar significativamente em diferentes contextos culturais, e é essencial evitar a imposição de modelos culturais hegemônicos, respeitando as formas de ser e estar no mundo de cada sujeito. A construção identitária dos sujeitos cegos não pode ser dissociada de sua situação social mais ampla. As barreiras enfrentadas na educação, no mercado de trabalho, no acesso à cultura e lazer e na participação política têm um impacto significativo na construção de suas identidades e autoestima.

A compreensão do sujeito comunicante cego no contexto dos usos e apropriações da desinformação, portanto, é um tema complexo e desafiador. Para abordar essa questão, é necessário considerar a perspectiva do sujeito cego como um sujeito histórico, multidimensional e complexo, cujas cultura e identidade são atravessadas pelos processos de globalização e de midiatização.

Em se tratando da cidadania, Adela Cortina (2005) nos convida a refleti-la como um conceito que vai além das fronteiras geográficas. Ela destaca a importância de reconhecer os direitos e as responsabilidades dos cidadãos em um mundo globalizado, onde as tecnologias de comunicação têm um papel central na troca de informações e na construção da cidadania. No entanto, para os sujeitos cegos, a compreensão e a participação plena nesse contexto podem ser afetadas pelas barreiras impostas pela desinformação, afetando diretamente em sua construção e reconhecimento identitário.

Já Paulo Freire (2001), ressalta a importância da educação como essa ferramenta de empoderamento e transformação social. Ele nos lembra que a educação não se limita ao acesso à informação, mas também envolve a capacidade crítica de questionar, analisar e interpretar os conteúdos que interagimos. No caso dos sujeitos cegos, é necessário problematizar a forma como a desinformação pode interferir na sua compreensão e interpretação do mundo, considerando as particularidades de sua experiência sensorial e, conseqüentemente, sua ação como membro partícipe de seu contexto social.

Freire nos convida a refletir sobre a importância da conscientização e da ação coletiva na transformação da realidade. Ele argumenta que a educação deve ser libertadora, constituindo os sujeitos para que sejam agentes ativos de mudança.

Portanto, a problematização da compreensão do sujeito comunicante cego diante da desinformação deve ir além do reconhecimento das barreiras individuais, visando a construção de consciência crítica a mobilização coletiva para a superação desses obstáculos e promover uma sociedade mais justa e igualitária.

Trazendo Marco Bonito (2018) mais uma vez para a discussão, ele destaca a importância da acessibilidade na comunicação como um meio de promover a inclusão social. Ele argumenta que as tecnologias assistivas podem desempenhar um papel fundamental na superação dessas barreiras comunicacionais. No entanto, é necessário ir além da simples disponibilização de informações de forma acessível, considerando como essas informações são selecionadas, filtradas e compartilhadas, a fim de evitar apropriações enganosas e manipulações que possam contribuir para a disseminação de desinformação.

A falta de recursos e a falta de investimentos na pesquisa e no desenvolvimento de tecnologias acessíveis podem criar novas barreiras e perpetuar a exclusão. Deve-se levar em consideração a necessidade de garantir o acesso equitativo a essas tecnologias e de promover o desenvolvimento de soluções acessíveis e inovadoras.

Em resumo, a problematização da compreensão do sujeito comunicante cego diante da desinformação requer uma abordagem ampla e contextualizada. As reflexões propostas por Adela Cortina, Paulo Freire e Marco Bonito nos convidam a considerar não apenas as particularidades individuais dos sujeitos cegos, mas também as estruturas sociais, as desigualdades e as políticas públicas que influenciam sua capacidade de acessar, compreender e enfrentar a desinformação. Por meio de uma abordagem crítica, humanizada e assistiva, poderemos contribuir para promover a inclusão, a equidade e a participação plena dos sujeitos cegos na sociedade da informação.

3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Neste capítulo são abordadas as estratégias metodológicas construídas para compreender os usos e apropriações das pessoas cegas em relação à desinformação nas mídias digitais.

Partindo da perspectiva transmetodológica proposta por Efendy Maldonado (2013), buscamos uma perspectiva de pesquisa mais abrangente, que promova uma visão integrada do processo investigativo. Esta perspectiva parte do pressuposto de que a realidade é complexa e multifacetada, demandando uma ação teórico/empírica que vá além das estruturas metodológicas pré-estabelecidas. Nesse sentido, reconhecemos que os fenômenos sociais e comunicacionais são construídos por uma multiplicidade de fatores e influências, incluindo aspectos históricos, culturais, políticos e tecnológicos. Portanto, é frutífera a opção pela interdisciplinaridade que integre diferentes métodos e teorias para uma compreensão mais ampla e profunda dos fenômenos investigados.

Essa abordagem nos leva a considerar a pesquisa sobre os usos e apropriações das pessoas cegas em relação à desinformação como uma construção investigativa sensível e flexível. Seguindo as contribuições de Jiani Bonin (2016), buscamos analisar a complexidade desses processos, levando em conta as necessidades específicas desses sujeitos.

Um aspecto fundamental na pesquisa é o diálogo constante com os sujeitos envolvidos. Com isso, deve-se valorizar suas perspectivas e experiências, permitindo que sejam agentes ativos na construção do conhecimento. Para alcançar tal objetivo, foi feita a escolha por métodos participativos, a partir da construção de uma amostra de sujeitos e do uso de entrevistas colaborativas, para envolver essas pessoas na pesquisa, garantindo a representatividade de todos os envolvidos em um trabalho coparticipativo.

Adotar uma abordagem transmetodológica também implica levar em consideração a diversidade dentro da própria comunidade de pessoas cegas. Reconhecemos que cada indivíduo possui suas próprias experiências, perspectivas e necessidades, e buscamos ir além de generalizações e estereótipos. Essa abordagem inclusiva nos permite investigar de modo produtivo as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais em seu contexto, considerando suas características complexas e singulares.

Além disso, considero a importância de uma pesquisa transmetodológica participativa, estabelecendo um diálogo constante com os sujeitos participantes da

pesquisa. Métodos colaborativos são utilizados para trabalhar com esses sujeitos, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e suas experiências valorizadas.

Durante o processo metodológico, reconheço a complexidade dos fenômenos investigados e valorizo o diálogo com os sujeitos envolvidos, considerando suas perspectivas, experiências e necessidades. Assim, espero contribuir para uma compreensão mais ampla e contextualizada de seus usos e apropriações, promovendo uma ciência mais inclusiva, responsável e comprometida com a transformação social.

3.1 A perspectiva transmetodológica e a práxis investigativa

A perspectiva transmetodológica, como fundamentada por Efendy Maldonado (2013), traz uma abordagem inovadora para a construção investigativa. Essa perspectiva busca superar as limitações e dicotomias presentes nos métodos tradicionais de pesquisa, promovendo uma visão mais integrada do processo investigativo.

A transmetodologia parte do pressuposto de que a realidade é complexa e exige uma abordagem que não se limite às estruturas metodológicas tradicionais. Ela reconhece que os fenômenos sociais e comunicacionais são construídos por uma multiplicidade de fatores e influências, incluindo aspectos históricos, culturais, políticos e tecnológicos. Portanto, a perspectiva transmetodológica propõe uma visão interdisciplinar, que integra diferentes métodos e teorias para a compreensão mais ampla e profunda dos fenômenos investigados.

Ao adotar a perspectiva transmetodológica, os pesquisadores são incentivados a transcender as fronteiras disciplinares e a buscar diálogos entre diferentes campos do conhecimento. Essa abordagem permite uma compreensão mais abrangente e contextualizada dos fenômenos em estudo, evitando reducionismos e simplificações. A transmetodologia também valoriza a participação ativa dos sujeitos investigados, buscando integrar e valorizar suas perspectivas no processo de construção do conhecimento.

Uma característica fundamental nesta perspectiva é a flexibilidade metodológica. Cada objeto de estudo requer abordagens e métodos específicos, não existe uma única metodologia que seja adequada para todas as situações. Portanto, os pesquisadores são encorajados a adaptar e combinar diferentes abordagens empíricas e teóricas de acordo com as necessidades e particularidades de suas investigações.

A transmetodologia também valoriza a reflexividade e a autoconsciência dos pesquisadores. Ela reconhece que os próprios pesquisadores são atores sociais

inseridos em contextos e relações de poder, e que suas escolhas metodológicas estão inevitavelmente influenciadas por suas visões de mundo e pelo contexto. Portanto, incentiva a reflexão crítica sobre as decisões metodológicas, o reconhecimento de vieses e preconceitos e a busca por uma prática investigativa mais ética e responsável.

Na perspectiva transmetodológica, a compreensão do processo de pesquisa é frequentemente abordada como um trabalho artesanal, como proposto por Charles Wright Mills (2009), que argumenta que a pesquisa social e intelectual requer uma abordagem cuidadosa e dedicada, assim como a prática de um artesão que trabalha meticulosamente em seu ofício. Ao adotar uma abordagem artesanal para a pesquisa, reconhecemos a importância do envolvimento ativo e subjetivo do pesquisador em seu trabalho. Assim como um artesão busca aperfeiçoar suas habilidades e aprofundar seu conhecimento, o pesquisador também deve se dedicar ao seu objeto de estudo, procurando compreendê-lo em sua complexidade e detalhes, reconhecendo que qualquer resultado que a pesquisa possa trazer é único e limitado ao contexto em que está inserida.

A abordagem artesanal implica em um processo de pesquisa que valoriza a reflexão constante, a atenção aos detalhes, a capacidade de observação minuciosa e o cuidado com a qualidade do trabalho. Assim como um artesão examina cuidadosamente os materiais e ferramentas que utiliza, o pesquisador precisa selecionar e trabalhar métodos, técnicas e teorias adequados para cada investigação.

Um aspecto importante do artesanato intelectual é a ênfase na produção de conhecimento de qualidade, que é o resultado de um trabalho rigoroso e cuidadoso. Assim como um artesão se orgulha de seu produto final, o pesquisador deve buscar a excelência em sua pesquisa, buscando a precisão, a objetividade e a relevância de seus resultados, tanto para o universo acadêmico, quanto para o desenvolvimento da sociedade como um todo.

A abordagem artesanal também envolve uma dimensão criativa, em que o pesquisador tem a liberdade de explorar novas ideias, propor abordagens inovadoras e contribuir para o avanço do conhecimento em sua área de estudo. Assim como um artesão pode experimentar e criar novas técnicas o pesquisador, a partir do que for demandado pela pesquisa, tem a oportunidade de desenvolver metodologias e teorias originais que enriqueçam o que está sendo trabalhado.

No entanto, é importante ressaltar que a abordagem artesanal não significa um isolamento do pesquisador. Assim como um artesão pode buscar inspiração e orientação

de outros mestres em seu ofício, o pesquisador também deve estar aberto ao diálogo com outros colegas, participar de redes de pesquisa e estar atento às contribuições teóricas e metodológicas de outros pesquisadores. A colaboração e o intercâmbio de ideias são fundamentais para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade, como foi feito durante o processo do mestrado em comunicação, em encontros, aulas, eventos e grupo de pesquisa.

Em resumo, a compreensão do processo de pesquisa na perspectiva transmetodológica, utilizando a metáfora do artesanato intelectual proposta por Wright Mills, destaca a importância do envolvimento ativo e dedicado do pesquisador em seu trabalho. Essa abordagem enfatiza a atenção aos detalhes, a busca pela qualidade, a criatividade e a colaboração como elementos fundamentais para a produção de conhecimento de relevância e excelência. Ao adotar o artesanato intelectual como referência, os pesquisadores são incentivados a desenvolver uma prática investigativa cuidadosa e comprometida, contribuindo para a construção de um corpo de conhecimentos sólido e significativo em suas respectivas áreas de estudo.

A perspectiva transmetodológica também está relacionada à construção da cidadania científica no fazer investigativo, conforme discutido por Noel Padilla (2020). Nesse contexto, a cidadania científica refere-se à capacidade de os pesquisadores se engajarem de forma crítica e ética na produção do conhecimento, considerando sua responsabilidade social e política. Padilla destaca a importância de refletir criticamente sobre o lugar de enunciação do pesquisador, reconhecendo que nossa posição social, cultural e política influencia nosso trabalho investigativo. A partir dessa reflexão, é possível abordar a transubjetividade, ou seja: a relação dialógica entre os sujeitos pesquisador e os copartícipes da pesquisa, superando a objetividade estrita e considerando as experiências de ambos os lados.

A cidadania científica implica uma prática investigativa que busca descolonizar o conhecimento, questionando hierarquias e hegemonias presentes nas estruturas acadêmicas e científicas. Isso implica em reconhecer a existência de múltiplos saberes e perspectivas, promovendo a inclusão de vozes marginalizadas e a valorização do conhecimento produzido em contextos não hegemônicos.

A construção da cidadania científica também está relacionada à capacidade de os pesquisadores comunicarem seus resultados de forma acessível e relevante para a sociedade. Isso implica em adotar uma linguagem clara e compreensível, além de buscar formas de divulgação e disseminação dos resultados que alcancem diferentes públicos,

promovendo a democratização do conhecimento e estimulando o diálogo entre a academia e a sociedade, como proposto na justificativa deste trabalho.

Além disso, a cidadania científica requer uma postura ética na condução da pesquisa, incluindo o respeito aos direitos e à dignidade dos sujeitos envolvidos, a preservação da confidencialidade e a consideração dos impactos sociais e ambientais de nossas atividades de pesquisa. Isso implica em estabelecer relações horizontais e colaborativas com os sujeitos investigados, envolvendo-os como parceiros em vez de meros objetos de estudo.

Ao adotar a perspectiva transmetodológica e considerar a reflexão crítica do lugar de enunciação proposta por Noel Padilla, os pesquisadores são incentivados a abordar a cidadania científica como uma dimensão fundamental de seu trabalho investigativo. Através de uma prática comprometida, responsável e ética, os pesquisadores contribuem para a construção de um conhecimento mais inclusivo, relevante e emancipatório, promovendo a transformação social e o avanço de uma ciência comprometida com a justiça e a equidade, temas constantemente abordados nas lutas por direitos e igualdade das pessoas com deficiência.

A perspectiva transmetodológica também nos alerta para os desafios e limitações da construção da cidadania científica. Ela nos faz refletir sobre as relações de poder presentes nas práticas investigativas e nos incentiva a questionar as hierarquias e assimetrias presentes na produção e disseminação do conhecimento. É necessário reconhecer que a própria academia e o sistema científico muitas vezes reproduzem estruturas de exclusão e marginalização, privilegiando determinados conhecimentos em detrimento de outros. O meu papel pessoal como homem, hetero, não diretamente participe da comunidade PCD, escrevendo sobre e para essas pessoas, em um espaço em que elas não ocupam em plenitude, é um demonstrativo dessa exclusão sistemática da sociedade e do universo acadêmico. Portanto, a construção da cidadania científica requer uma postura crítica e ação coletiva para promover a descolonização e a diversidade epistêmica.

Nesse sentido, a cidadania científica vai além do espaço acadêmico, envolvendo um engajamento ativo na promoção de uma ciência mais justa, equitativa e socialmente relevante. Isso implica em uma responsabilidade compartilhada de contribuir para a resolução dos problemas sociais, disseminar os resultados da pesquisa para o público em geral e participar de debates públicos informados. Os pesquisadores devem buscar formas de traduzir e aplicar os conhecimentos produzidos em suas pesquisas para

enfrentar os desafios e promover transformações em suas comunidades e, conseqüentemente, na sociedade como um todo.

Portanto, a perspectiva transmetodológica e a reflexão crítica do lugar de enunciação nos convidam a repensar e reconfigurar a noção de cidadania científica. Essa abordagem nos leva a compreender a pesquisa como uma prática enraizada em relações sociais, políticas e culturais, exigindo uma postura ética, crítica e intercultural. A construção da cidadania científica implica em um compromisso contínuo de ampliar as vozes e perspectivas, desafiar estruturas de poder e promover a justiça epistêmica. Ao adotar essa abordagem, os pesquisadores podem contribuir para a construção de uma ciência mais inclusiva, responsável e comprometida com a transformação social.

Pensando mais especificamente a pesquisa de usos e apropriações dos sujeitos com a mídia sob uma perspectiva metodológica, as contribuições de Jiani Bonin (2016) são produtivas para trabalhar na perspectiva transmetodológica. Ela argumenta que é necessário adotar abordagens metodológicas sensíveis e flexíveis, capazes de capturar a complexidade desses processos. No contexto das pessoas com deficiência visual, a pesquisa metodológica sobre as apropriações midiáticas pode explorar como esses sujeitos se relacionam com os conteúdos, os recursos de acessibilidade utilizados, os modos de consumo e as experiências de participação. Isso requer uma abordagem inclusiva que leve em consideração as necessidades específicas desses sujeitos, buscando formas de envolvê-los ativamente no processo de pesquisa.

Outro ponto a ser frisado é o constante diálogo com os sujeitos envolvidos, incluindo, neste caso, as pessoas cegas. É fundamental valorizar suas perspectivas e experiências, permitindo que sejam agentes ativos na construção do conhecimento. Métodos participativos podem ser empregados para envolver esses sujeitos na pesquisa, garantindo a representatividade a todos os envolvidos em um trabalho copartícipe.

Assim, é importante enfatizar a necessidade de uma pesquisa transmetodológica participativa. Isso implica em estabelecer um diálogo constante com os sujeitos participantes da pesquisa, incluindo-os como parceiros ativos no processo de pesquisa e influentes na produção textual. Métodos colaborativos, como entrevistas em profundidade e observação ativa dos sujeitos, podem ser utilizados para trabalhar com essas pessoas, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e suas experiências valorizadas.

Além disso, deve-se levar em consideração a diversidade dentro da própria comunidade de pessoas com deficiência visual, reconhecendo que cada indivíduo possui

suas próprias experiências, perspectivas e necessidades. Essa abordagem inclusiva nos permite ir além de generalizações e estereótipos, abrindo espaço para uma compreensão mais completa das inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais, reconhecendo seu contexto e características complexas e singulares.

3.2 Exercício de estado da arte

O conceito de "estado da arte" é amplamente utilizado na pesquisa acadêmica e científica para se referir a um levantamento abrangente e atualizado das principais abordagens, teorias, métodos, resultados e debates em uma determinada área de estudo. Ele tem como objetivo mapear e sintetizar o conhecimento existente sobre um tema específico, fornecendo uma visão geral das principais contribuições e lacunas de pesquisa naquele campo.

Jiani Bonin (2022) aborda a importância do estado da arte como ponto de partida para a construção de investigações comunicacionais. Ela enfatiza que realizar um estado da arte é fundamental para que o pesquisador se familiarize com o contexto em que sua pesquisa está inserida, compreenda os debates teóricos e metodológicos já existentes e identifique as principais tendências e desafios na área. Entretanto, é importante problematizar o conceito de estado da arte e refletir sobre suas limitações e possibilidades. Ao realizar um estado da arte, o pesquisador pode estar sujeito a algumas armadilhas, como a tendência de priorizar pesquisas e abordagens mais consolidadas e tradicionais em detrimento de perspectivas mais inovadoras e emergentes.

Além disso, o estado da arte pode ser influenciado por visões hegemônicas e eurocêntricas do conhecimento, o que pode levar à exclusão ou marginalização de perspectivas e saberes não dominantes. Isso pode resultar em uma reprodução de desigualdades epistêmicas e na perpetuação de uma visão unilateral e restrita da área de estudo. Outra questão importante é que o estado da arte pode se tornar rapidamente obsoleto, especialmente em campos de pesquisa em constante evolução. As informações e conhecimentos disponíveis podem mudar rapidamente, e esta pesquisa torna-se relativa ao contexto em que está inserida.

Também, a própria seleção dos estudos e fontes a serem incluídos no estado da arte pode ser um desafio. É necessário definir critérios claros e transparentes para a seleção, a fim de evitar viés e garantir a representatividade da diversidade de abordagens e perspectivas existentes na área. Diante dessas reflexões, é importante que o pesquisador reconheça as limitações e possibilidades do conceito de estado da

arte e busque complementar essa abordagem com outras estratégias de pesquisa. A integração de métodos e fontes, o diálogo com diferentes perspectivas e a abertura para a inovação e a criatividade são fundamentais para a construção de investigações comunicacionais mais abrangentes, inclusivas e relevantes.

Cabe destacar que a realização de um levantamento extenso e atualizado sobre o conhecimento existente em uma área pode ser uma tarefa trabalhosa e complexa. Dependendo da amplitude da pesquisa e das fontes de informação disponíveis, a construção do estado da arte pode exigir um grande esforço de busca, seleção e análise de dados.

Além disso, ao se basear predominantemente em pesquisas e estudos já publicados, o estado da arte pode estar sujeito a limitações no que diz respeito à abrangência e à representatividade de determinadas temáticas e grupos de pesquisa. Algumas pesquisas inovadoras ou de menor visibilidade podem não estar refletidas nas principais publicações acadêmicas ou em bases de dados amplamente reconhecidas, o que pode levar a uma visão parcial do campo de estudo.

Por outro lado, é importante ressaltar que o estado da arte pode ser uma ferramenta valiosa para a identificação de lacunas de pesquisa e para o direcionamento de futuras investigações. A partir da análise das principais tendências e debates na área, o pesquisador pode identificar áreas pouco exploradas, questões em aberto e oportunidades para aprofundar e inovar no campo de estudo.

Uma abordagem crítica e reflexiva ao realizar o estado da arte é fundamental para que o pesquisador esteja consciente de suas próprias escolhas e das implicações epistemológicas e políticas envolvidas na construção do conhecimento. Questionar a seleção de fontes, os critérios de inclusão e a representatividade das abordagens adotadas é essencial para evitar vieses e estereótipos e para promover uma visão mais plural e aberta do campo de estudo.

Portanto, ao utilizar o conceito de estado da arte em investigações comunicacionais, é necessário equilibrar a busca por um panorama abrangente do conhecimento existente com a sensibilidade para a diversidade e a pluralidade de perspectivas. A construção do estado da arte deve ser vista como um processo dinâmico e em constante evolução, que requer uma postura de abertura para o diálogo com diferentes vozes, a valorização de saberes diversos e a disposição para questionar e desafiar conceitos e visões estabelecidas.

Ao problematizar o conceito de estado da arte e adotar uma abordagem crítica e reflexiva, os pesquisadores podem contribuir para a construção de investigações comunicacionais mais inovadoras, inclusivas e socialmente relevantes, que abordam questões fundamentais e promovam uma compreensão mais ampla e aprofundada da área de estudo.

A partir da disciplina de Pesquisa em Comunicação, do primeiro semestre do Programa de Pós-Graduação, foi proposta a realização de pesquisa em bancos de dados de dois repositórios (Compós e Intercom). Isso, com o objetivo de realizar um mapeamento de produções vinculadas à temática abordada neste trabalho. A procura foi feita nos anais de 2019, 2020 e 2021 de cada repositório.

Foram utilizadas na busca as seguintes palavras-chave: “Acessibilidade”; “Pessoas com deficiência”; “Fake news”; “Desinformação”. No total, foram encontrados 15 artigos. Destes, quatro estavam corrompidos ou com acesso restrito. Na tabela 1 se pode ver os onze trabalhos recolhidos, seus títulos, ano de publicação e onde e quando foram encontrados.

Analisando o cenário das pesquisas em comunicação sobre desinformação com base nas referências fornecidas nestes cenários, é possível identificar uma relevante preocupação acadêmica em relação a esse tema emergente e complexo. As publicações, de modo geral, abordam a desinformação sob diferentes perspectivas e contextos, revelando a amplitude de questões envolvidas e suas implicações na esfera pública, no ambiente político e na sociedade como um todo.

O conjunto de trabalhos apresenta um olhar abrangente e multifacetado sobre a desinformação, refletindo sobre suas estratégias de circulação, suas implicações políticas, a assimetria da polarização e os impactos sobre a audiência e a recepção das *fake news*. Essas análises fornecem *insights* valiosos sobre as dinâmicas e os mecanismos de propagação de informações falsas, bem como seus efeitos sobre a percepção pública da realidade.

As pesquisas também abordam a questão da acessibilidade e inclusão nas mídias audiovisuais, destacando a importância de considerar as necessidades de audiências com deficiências sensoriais. Nesse contexto, a desinformação pode se apresentar como uma barreira adicional para essas audiências, ressaltando a importância de garantir a acessibilidade nas práticas comunicacionais.

Tabela 1- Trabalhos encontrados na INTERCOM e COMPÓS

Título	Autor	Repositório	Ano de publicação	Data de acesso
Esfera pública e desinformação: estratégias de circulação e legitimação da desinformação	Felipe Soares	Compós	2019	18/05/2022
Excentricidade, desinformação e polarização assimétrica: máquinas de guerra híbrida em plataformas algorítmicas	Julio Cesar Castro	Compós	2019	18/05/2022
Recepção de fake news e fact-checking em contexto de polarização política	Thales Lelo	Compós	2019	18/05/2022
As novas formas do falso: entretenimento, desinformação e política nas redes digitais	Márcio Serelle e Rosana Soares	Compós	2019	18/05/2022
Direito humano à comunicação e a acessibilidade nas mídias audiovisuais	Flávia Mayer	Compós	2020	18/05/2022
Notícia para audiência que não ouve e não vê: uma discussão sobre inclusão e acessibilidade na televisão	Lívia Pereira	Compós	2020	18/05/2022
Notícia para audiência que não ouve e não vê: uma discussão sobre inclusão e acessibilidade na televisão	Lívia Pereira	Compós	2020	18/05/2022
A esquerda brasileira e a percepção dos efeitos das fake news: experiência e conhecimento como moderadores do efeito de terceira pessoa	Samuel Barros	Compós	2020	18/05/2022
Leis de acesso à informação no Brasil, França e Marrocos: um estudo comparado	Gabriela Kaya	Intercom	2020	19/05/2022
Desinformação como camuflagem: modos de produção da verdade no WhatsApp durante a pandemia	Paolo Demuru	Compós	2021	18/05/2022
As estratégias de combate à desinformação: uma análise da produção noticiosa do Ministério da Saúde e da Secretaria de Saúde de Estado de Alagoas nos seis primeiros meses de pandemia	Maite Amorim	Intercom	2021	19/05/2022

Fonte: Sistematizado pelo autor.

Outra linha de estudo relevante é o exame da percepção e experiência da desinformação por diferentes grupos políticos. Essas pesquisas destacam a importância

do conhecimento e da informação como moderadores dos efeitos da desinformação, apontando para a relevância do desenvolvimento de estratégias efetivas de combate à propagação de informações falsas.

Além disso, a análise comparativa das Leis de Acesso à Informação em diferentes países contribui para a compreensão das políticas e mecanismos legais de transparência e combate à desinformação em escala global. As pesquisas também lançam luz sobre a relação entre a desinformação e a pandemia, explorando como a produção de informações e estratégias de combate à desinformação podem impactar a percepção pública da crise de saúde.

Em resumo, as pesquisas apresentadas demonstram o comprometimento acadêmico em compreender a desinformação como um fenômeno complexo e multifacetado, permeado por questões políticas, sociais, culturais e comunicacionais. Ao refletir sobre as estratégias de circulação, recepção, impactos e formas de combate à desinformação, esses estudos contribuem significativamente para a discussão e o enfrentamento dessa problemática que afeta a esfera pública e a construção de uma sociedade informada e crítica.

Pode-se observar como alguns dos autores mencionados nos artigos selecionados dialogam com os conceitos e problemáticas abordados em trabalhos anteriores. Assim, o trabalho de Julio Cesar Castro (2020), que aborda a "excentricidade, desinformação e polarização assimétrica: máquinas de guerra híbrida em plataformas algorítmicas", dialoga com a perspectiva de Carlos Skliar sobre a construção identitária dos sujeitos cegos. Ao estudar as máquinas de guerra híbrida e a disseminação da desinformação em plataformas algorítmicas, Castro traz à tona a questão da manipulação da informação e como isso pode afetar a percepção e construção de identidades coletivas. Nesse sentido, a construção identitária dos sujeitos pode ser influenciada por informações falsas e polarizações assimétricas, o que requer um olhar crítico e reflexivo sobre o papel das tecnologias digitais na formação de opiniões e identidades.

O trabalho de Márcio Serelle e Rosana Soares, intitulado "As novas formas do falso: entretenimento, desinformação e política nas redes digitais", dialoga com Judith Butler em sua discussão sobre a performatividade do discurso de ódio. Ao explorar como a desinformação pode ser disseminada de forma a entreter e, ao mesmo tempo, influenciar questões políticas nas redes digitais, os autores trazem à tona a dimensão performativa do discurso falso. Isso reforça a importância de considerar a linguagem e o

contexto comunicacional na análise da desinformação e suas implicações na esfera pública.

Outra conexão pode ser feita com o trabalho de Paolo Demuru, intitulado "Desinformação como camuflagem: modos de produção da verdade no WhatsApp durante a pandemia". Esse estudo dialoga com as reflexões de Adela Cortina sobre a cidadania comunicativa, uma vez que a desinformação no WhatsApp pode afetar a construção da cidadania ao manipular informações e restringir o acesso a conhecimentos verídicos. Nesse contexto, a promoção da cidadania comunicativa requer uma abordagem crítica da informação e a compreensão dos mecanismos de produção da verdade em ambientes digitais.

No que diz respeito à acessibilidade e inclusão nas mídias audiovisuais, o trabalho de Flávia Mayer (2020) relaciona-se com o texto de Marco Bonito sobre "Comunicação acessível: inclusão social e tecnologias assistivas". Ambos os autores tratam da importância de garantir a acessibilidade comunicativa como forma de promover a inclusão e a participação de todos na esfera pública, inclusive das audiências com deficiências sensoriais. A discussão sobre como as audiências que não ouvem e não veem podem receber notícias e informações relevantes também se conecta com o trabalho de Lívia Pereira (2020) sobre a mesma temática.

Essas conexões mostram como as pesquisas em comunicação sobre desinformação contribuem para a discussão proposta na problemática deste trabalho, ampliando a compreensão do fenômeno da desinformação e sua relação com questões como identidade, cidadania comunicativa, acessibilidade e inclusão. Os trabalhos selecionados evidenciam a importância de uma abordagem crítica e reflexiva sobre a desinformação, considerando suas múltiplas dimensões e impactos na sociedade contemporânea.

Essas conexões evidenciam como as pesquisas sobre desinformação na comunicação estão em sintonia com a busca por uma perspectiva transmetodológica, que enfatiza a importância de integrar diferentes abordagens teóricas e metodológicas para compreender um fenômeno tão complexo e multifacetado como a desinformação. A interdisciplinaridade e a abertura para uma variedade de perspectivas são fundamentais para avançar na compreensão das dinâmicas e implicações da desinformação, bem como para desenvolver estratégias eficazes de combate e promoção de uma esfera pública informada e crítica.

Além dessas relações com autores trabalhados anteriormente, destaca-se nas referências de parte dos trabalhos relacionados, outros autores que contribuem para esta pesquisa. A temática dos usos e apropriações de desinformação por sujeitos cegos nos ambientes digitais é uma questão complexa que envolve não apenas o acesso à informação, mas também as dinâmicas comunicacionais, socioculturais e políticas presentes nas redes digitais. Nesse contexto, a obra de Manuel Castells e Stuart Hall, citados nos artigos selecionados para esse estudo de estado da arte, pode oferecer importantes perspectivas para entendermos como os sujeitos cegos lidam com a desinformação e como essa realidade se insere nas sociedades em rede contemporâneas.

Manuel Castells, em sua obra seminal "A Sociedade em Rede", destaca a importância das tecnologias da informação e comunicação (TICs) na formação de uma nova estrutura social. As redes digitais têm o poder de conectar pessoas e disseminar informações de forma rápida e abrangente, mas também podem ser utilizadas como veículos de desinformação. Para os sujeitos cegos, que dependem de tecnologias assistivas para interagir com o meio digital, a navegação nessas redes pode representar desafios adicionais.

A exclusão digital enfrentada por sujeitos cegos pode criar barreiras ao acesso a informações confiáveis, tornando-os potencialmente mais vulneráveis à desinformação. Dessa forma, é fundamental que os estudos sobre o tema considerem as questões de acessibilidade digital e a necessidade de estratégias adaptadas para garantir a participação plena desses sujeitos na esfera pública digital.

Por outro lado, Stuart Hall, em seu trabalho seminal "A Centralidade da Cultura", traz a noção de que a cultura é uma arena de lutas simbólicas, onde as ideias e narrativas são constantemente contestadas e (re)construídas. Nesse contexto, a desinformação pode ser vista como uma arma que atua no campo das representações e significados, moldando as percepções e opiniões dos sujeitos cegos e de toda a sociedade.

A desinformação pode ser utilizada como uma ferramenta de manipulação e controle, influenciando as crenças e atitudes dos sujeitos cegos e gerando efeitos na esfera pública. Além disso, a polarização política e as bolhas informativas, podem aprofundar ainda mais a propagação de informações enganosas e sua apropriação por diferentes grupos sociais.

Portanto, a análise da temática dos usos e apropriações de desinformação por sujeitos cegos no meio digital demanda uma abordagem multidisciplinar que combine as

contribuições dos estudos sobre comunicação, sociologia, acessibilidade digital e políticas públicas. A incorporação das ideias de Castells e Hall enriquece essa discussão ao contextualizar os fenômenos de desinformação dentro das dinâmicas sociais e culturais contemporâneas, fornecendo subsídios importantes para a compreensão e enfrentamento desse desafio complexo.

O cenário descrito contribui diretamente para a pesquisa sobre usos e apropriações de desinformação por sujeitos cegos no meio digital, ao apresentar uma relevante preocupação acadêmica com essa temática emergente e complexa. As pesquisas em comunicação sobre desinformação, abordadas nas referências fornecidas nos artigos, refletem a amplitude de questões envolvidas e suas implicações na esfera pública, no ambiente político e na sociedade como um todo.

A diversidade de perspectivas e contextos abordados nas publicações permite uma visão abrangente e multifacetada sobre a desinformação, revelando a complexidade do fenômeno e suas múltiplas dimensões. Essas análises fornecem *insights* valiosos sobre as estratégias de circulação, recepção, impactos e formas de combate à desinformação, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos investigados.

A pesquisa sobre a acessibilidade e inclusão nas mídias audiovisuais, abordada em alguns trabalhos, destaca a importância de considerar as necessidades de audiências com deficiências sensoriais, como as pessoas cegas. Isso reforça a relevância do presente estudo, que busca compreender como a desinformação pode representar uma barreira adicional para essas audiências, enfatizando a importância de garantir a acessibilidade nas práticas comunicacionais.

Os trabalhos que analisam a percepção e experiência da desinformação por diferentes grupos políticos foram também relevantes para esta pesquisa, uma vez que a compreensão dos usos e apropriações de desinformação por sujeitos cegos deve considerar como as informações falsas podem impactar a percepção e construção de identidades coletivas, bem como a construção identitária dos próprios sujeitos cegos.

Além disso, ao considerar a desinformação em contexto de pandemia, os estudos apontam como a produção de informações e estratégias de combate à desinformação podem impactar a percepção pública da crise de saúde, o que pode ser explorado ao longo das entrevistas. Essa perspectiva é importante para esta pesquisa, pois a desinformação em meio digital pode afetar a construção da cidadania comunicativa dos

sujeitos cegos ao manipular informações e restringir o acesso a conhecimentos verídicos.

Portanto, o cenário apresentado nas pesquisas em comunicação sobre desinformação, com sua abordagem abrangente, multidisciplinar e reflexiva foi fundamental para nortear e enriquecer a pesquisa sobre usos e apropriações de desinformação por sujeitos cegos no meio digital. Essas investigações forneceram subsídios importantes para a compreensão e enfrentamento desse desafio complexo, e destacam a relevância de uma abordagem inclusiva, acessível e ética para garantir a participação plena dos sujeitos cegos na esfera pública digital e promover uma sociedade mais informada e crítica.

3.3 A pesquisa empírica

Na pesquisa empírica sobre os usos e apropriações de desinformação, é importante levar em consideração as particularidades dos sujeitos cegos, como a forma como eles acessam e interagem com os conteúdos. É possível utilizar entrevistas individuais e observação participante como estratégias para coletar dados e analisar as percepções e os comportamentos dos sujeitos em relação à desinformação.

A estratégia de aproximação empírica com sujeitos cegos para a pesquisa contempla uma variedade de métodos e técnicas de pesquisa. É importante que a abordagem integre diferentes metodologias, de forma a permitir resultados mais complexos. Em suma, a aproximação com sujeitos cegos requer sensibilidade e cuidado, levando em conta as particularidades desse público e respeitando a autonomia e a individualidade dos sujeitos.

3.3.1 A fase exploratória

Como explicado no capítulo inicial deste trabalho, a pesquisa com sujeitos cegos vem desde a graduação, a partir do grupo de pesquisa “t3xto”, da Universidade Federal do Pampa. Lá, tive meu primeiro contato com ferramentas de acessibilidade, conteúdos acessíveis e a luta dessas pessoas por direitos e espaço social pleno. A partir disso, tive contato com pesquisadores cegos, instituições que abordam esta temática, além de outras pessoas direta ou indiretamente relacionadas à causa PCD.

Para a pesquisa no mestrado, porém, quis que a amostra de sujeitos copartícipes da pesquisa não incluísse ninguém do meu círculo de contatos, nem próximo de algum

conhecido, para não enviesar a pesquisa de alguma forma e a fim de manter minha experiência pessoal em outro ponto mais cabível para este trabalho.

Recorri a conhecidos para pedir indicações de como achar pessoas que aceitariam fazer parte da pesquisa. Como critérios para a escolha estabeleci que deveriam ser pessoas cegas ou com baixa visão, que consumissem conteúdo informativo digital e morassem na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, cidade em que residia à época. Para encontrá-las, me foi indicado dois grupos distintos nas redes sociais. O primeiro, um grupo de/para sujeitos cegos no *Facebook*. Lá, foi possível abrir a aba de participantes e investigar os perfis. Quem parecia se encaixar nos critérios preestabelecidos e era do Rio Grande do Sul ou região metropolitana de Porto Alegre, era procurado via *chat* da rede social.

A partir deste primeiro contato, era apresentada a ideia da pesquisa e proposta a troca de contato via *WhatsApp*. Assim, quatro pessoas foram selecionadas para fazerem parte da pesquisa exploratória.

O outro grupo era no *WhatsApp*. Mais especificamente, um grupo composto de pessoas cegas da região metropolitana, onde fui bem recebido e pude propor minha pesquisa. Lá, estavam inseridos sujeitos cegos, amigos e familiares, para a discussão acerca de assuntos diversos, mas com o enfoque principal de compartilhar experiências entre sujeitos cegos na cidade e região. O grupo não era movimentado desde 2021, mas a partir dele, foi possível conseguir o contato e o aceite de mais quatro pessoas para participarem da amostra de sujeitos desta pesquisa.

O próximo passo, portanto, foi conversar individualmente com cada um, via *WhatsApp* para explicar detalhadamente como seria o processo da pesquisa e encontrar os melhores dias e locais para fazer o encontro com cada um. Por conta da agenda, da logística de locomoção e de questões pessoais, três dos oito pré-selecionados não puderam atender aos encontros. Os demais compareceram às entrevistas.

A amostra final de sujeitos será descrita ao abordarmos a análise dos perfis, no capítulo seguinte, mas resumidamente, podemos apresentá-los da seguinte maneira:

- **Joana** é uma redatora publicitária cega, cuja reputação é construída em torno de sua habilidade excepcional em descobrir informações sensíveis e seu compromisso inflexível com a ética profissional. Com uma perspectiva única, ela oferece insights valiosos sobre como pessoas com deficiência visual lidam com desinformação e notícias falsas no ambiente digital.

- **Marcos** é um assistente administrativo cego, cujo interesse em cultura pop e tecnologia o destaca como um participante singular no estudo. Sua afinidade com as mídias sociais e sua disposição para compartilhar conteúdo sem verificação prévia ressaltam a importância de promover o pensamento crítico e a verificação de informações, especialmente entre indivíduos com deficiência visual.

- **Felipe**, um programador cego, traz uma perspectiva técnica e profissional para a pesquisa, destacando sua compreensão aguçada da importância da verificação de informações. Sua atuação como defensor dos direitos das pessoas com deficiência e suas iniciativas para tornar a tecnologia mais acessível adicionam profundidade à sua participação no estudo.

- **Luíza**, uma tutora particular cega apaixonada por história e saúde mental, desempenha um papel (segundo ela) fundamental como ponto de controle de fake news para pessoas cegas. Sua experiência em lidar com informações sensíveis e sua dedicação em fornecer fontes confiáveis refletem sua importância como uma voz influente dentro de sua comunidade.

- **Sofia**, por fim, é uma psicóloga cega e defensora dos direitos das pessoas com deficiência, traz uma abordagem equilibrada e fundamentada para o estudo. Sua valorização da leitura em braile, busca por fontes confiáveis e utilização de tecnologias assistivas destacam sua habilidade em navegar no vasto mar de informações digitais, ao mesmo tempo em que promove a inclusão e a acessibilidade para indivíduos com deficiência visual.

Por facilidade de transporte e segurança de todos, marquei as entrevistas em cafés de *shoppings* de Porto Alegre e região metropolitana, selecionados de acordo com a proximidade da casa ou trabalho dos entrevistados. Neste ambiente, podemos ter certa privacidade, em espaços públicos fechados, sem invadir a privacidade do lar de ninguém.

Todas as entrevistas realizadas nesta fase variaram entre 40 minutos a uma hora e dez minutos. As entrevistas exploratórias foram orientadas por um roteiro que serviu apenas como um guia, mas não limitou a conversação.

Durante a entrevista, foram feitas perguntas para conhecer melhor a história e a perspectiva dessas pessoas, sua jornada, desde a perda da visão, sua rotina e usos e apropriações de desinformação nas mídias digitais. Para entender mais sobre sua carreira, indaguei sobre seus interesses e relações profissionais e de consumo midiático. Também perguntei sobre como e por quais meios consome informação. E sobre esta, quais segmentos mais consumia. Ao abordar o tema da desinformação, cheguei a

questionar se e como conferir a veracidade das informações que consumia e qual o nível de confiança que tinha acerca do que compartilhava.

A entrevista foi conduzida por um roteiro que continha três blocos principais. O primeiro, tratava de conhecer aspectos da vida pessoal dos sujeitos, de onde vieram, seu ambiente familiar e profissional. Já o segundo, foi para conhecer seu consumo midiático: quais conteúdos, o que mais os interessavam e por onde os consumiam. Por fim, o último eixo explorava o que pensavam sobre desinformação e seu trato com família, amigos e colegas com relação ao assunto. O roteiro completo da entrevista consta no Anexo A deste trabalho.

Essas perguntas e respostas ajudaram a revelar aspectos sobre a trajetória dos sujeitos, suas abordagens em relação ao trabalho, à ética profissional e à luta contra a desinformação em sua vida pessoal e profissional. A análise completa do perfil de cada um, baseado nesta primeira entrevista individual, encontra-se no próximo capítulo, de análise.

3.3.2 A fase sistemática

A partir dos perfis traçados e analisados do primeiro encontro, proponho uma investigação aprofundada sobre a relação entre os sujeitos e seus usos e apropriações de informação, com especial ênfase na exposição à desinformação.

Na primeira fase exploratória da pesquisa, foi realizada a coleta de dados que permitiram a construção de um perfil de cinco sujeitos cegos (Joana, Marcos, Luiza, Felipe e Sofia), explorando suas experiências, desafios e estratégias ao buscar informações no ambiente digital.

Dando continuidade à pesquisa, realizei uma segunda abordagem com os sujeitos copartícipes, seis meses após o primeiro, com a intenção de examinar de forma mais específica como esses indivíduos usam e se apropriam de conteúdos noticiosos e desinformação.

O objetivo central desta segunda fase foi compreender as dinâmicas de usos e apropriações de informações, incluindo a desinformação, por parte dos sujeitos cegos em diferentes cenários. Para atingir essa meta, construí um procedimento que chamei de *consumo compartilhado*, que incluía apresentação para consumo e conversa em relação a quatro produções digitais aos sujeitos: duas notícias e dois conteúdos desinformativos, sendo contemplados temas distintos: um externo (fora da zona de interesse do sujeito) e outro de interesse específico dos entrevistados, baseado no que

foi dito na primeira entrevista. Para cada tema, foi apresentada uma notícia e um conteúdo desinformativo, todos eles advindos de ambientes digitais (*sites* e redes sociais).

Não havia um roteiro com questões específicas a ser seguido, mas de orientação do processo a ser conduzido com todos. O encontro se dava no local previamente marcado, seguido do envio dos conteúdos via WhatsApp e o acompanhamento dos usos e apropriações junto ao sujeito, evitando intervenções ou ajudas que pudessem atrapalhar a análise do que estava acontecendo. O processo incluiu a observação atenta de como os sujeitos cegos interagem com esses conteúdos. A ideia com esta abordagem, foi entender não apenas a capacidade de discernimento diante da desinformação, mas também como ela era significada pelos participantes em diferentes temáticas. Ao empregar essa abordagem experimental, a intenção foi contribuir para o entendimento do papel da desinformação no universo das pessoas cegas, lançando luz sobre as estratégias que esses indivíduos desenvolvem para se apropriarem de informações digitais e discernir a notícia da desinformação. A descrição de cada notícia e os motivos pelos quais elas foram selecionadas são explicados no próximo capítulo.

Esta segunda fase da pesquisa se revelou crucial para ampliar a compreensão sobre a interseção entre a condição visual, o consumo de informação e a desinformação, oferecendo observações valiosas que podem informar práticas mais inclusivas e eficazes no ambiente digital, como poderemos ver na análise realizada no próximo capítulo.

4. OS SUJEITOS CEGOS E OS USOS E APROPRIAÇÕES DA DESINFORMAÇÃO

Este capítulo, dedicado à análise dos sujeitos selecionados e seus usos e apropriações de desinformação, examina de forma detalhada as características individuais dos participantes da pesquisa, bem como suas práticas e estratégias em relação ao consumo de informações e ao enfrentamento da desinformação no ambiente digital.

Nesta perspectiva, inicialmente o capítulo apresenta uma descrição minuciosa de cada sujeito selecionado, destacando suas características pessoais, formação acadêmica, áreas de atuação profissional, interesses particulares e tecnologias assistivas utilizadas. Esse panorama individual é fundamental para compreender o contexto em que cada participante está inserido e como isso pode influenciar suas percepções e práticas em relação às notícias e informações que acessam. Em seguida, aborda as diferentes estratégias e abordagens adotadas por cada sujeito para lidar com a desinformação. Isso inclui a análise de como eles verificam a veracidade das informações, quais fontes de notícias costumam utilizar, como se protegem de conteúdos enganosos e como percebem o impacto da desinformação em seu dia a dia, tanto pessoal quanto profissional.

Além disso, o capítulo também discute experiências e desafios enfrentados pelos sujeitos no ambiente digital em relação à acessibilidade e disponibilidade de informações confiáveis. Isso pode incluir questões relacionadas à usabilidade de tecnologias assistivas, barreiras de acesso a determinados conteúdos e a importância de estratégias de inclusão digital para pessoas com deficiência visual. Por fim, a análise dos perfis e usos de desinformação dos sujeitos busca identificar padrões, semelhanças e diferenças entre eles, bem como destacar aspectos relevantes para a compreensão mais ampla do fenômeno da desinformação no contexto das pessoas cegas. Essa análise contribui não apenas para a pesquisa em questão, mas também para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de literacia informacional e promoção da acessibilidade digital.

4.1 Os perfis dos sujeitos copartícipes da pesquisa

A partir das abordagens metodológicas realizadas, pôde-se observar diferentes perspectivas de cada sujeito em relação à desinformação e a seus usos e apropriações desses conteúdos mediante cada contexto pessoal. Neste subcapítulo apresento a descrição e análise dos resultados das abordagens realizadas com cada um dos sujeitos

copartícipes da pesquisa. Início pela análise dos perfis (primeiro encontro) e finalizando com a análise dos produtos propostos e da observação dos usos e apropriações dos conteúdos (segundo encontro).

A pedido dos próprios sujeitos e para não os expor nesta pesquisa, seus nomes foram trocados por nomes fictícios. Para cada sujeito, traço inicialmente um perfil e apresento os resultados do consumo compartilhado de conteúdos informativos e desinformativos, baseados em temáticas externas e de interesse de cada entrevistado.

4.1.1 Joana

Mulher cega, de 30 anos, trabalha como redatora publicitária. Nasceu em uma família da zona sul de Porto Alegre. Ela perdeu a visão aos dezesseis anos devido a uma doença degenerativa. Apesar de inicialmente ter sido difícil se adaptar à vida sem visão, conseguiu superar as dificuldades e terminou seu curso técnico em propaganda e marketing. Atualmente mora com sua irmã em um apartamento no centro da capital.

Desde o início da carreira, Joana sempre teve um interesse especial por redação política. Ela afirma que é conhecida por seus amigos e colegas por sua habilidade em descobrir informações sensíveis e por sua ética rigorosa em relação aos clientes. Muitas vezes, passa horas pesquisando e conversando com seus clientes antes de produzir qualquer material.

Em seu tempo livre, Joana gosta de consumir notícias e documentários relacionados a temas como política, justiça social e direitos humanos. Ela também é uma grande fã de podcasts e costuma ouvir programas que abordam questões de interesse público.

Ela afirma que é muito cuidadosa ao verificar suas fontes e analisar as informações antes de publicá-las. Segundo seu relato, é muito crítica em relação à desinformação e está sempre alerta para detectar notícias falsas. Por causa de seu trabalho, Joana diz que tem que estar sempre alerta em relação à desinformação, que tem uma abordagem muito crítica em relação às notícias que recebe e que verifica cuidadosamente as fontes antes de compartilhar informações. Ela diz que sabe que a desinformação pode ser usada como uma ferramenta para manipular as pessoas e é muito cautelosa em relação a isso.

Joana possui *smartphone* e computador, e diz que se informa por esses aparelhos. Afirma que não consome conteúdo informativo na TV por não ter recursos de acessibilidade em sua programação. Questionei se conhecia o jornal da futura, que

possui tais recursos, mas ela nunca teve contato com o telejornal. Por conta da rotina de trabalho, também não acompanha o rádio, informando-se somente pelos ambientes digitais.

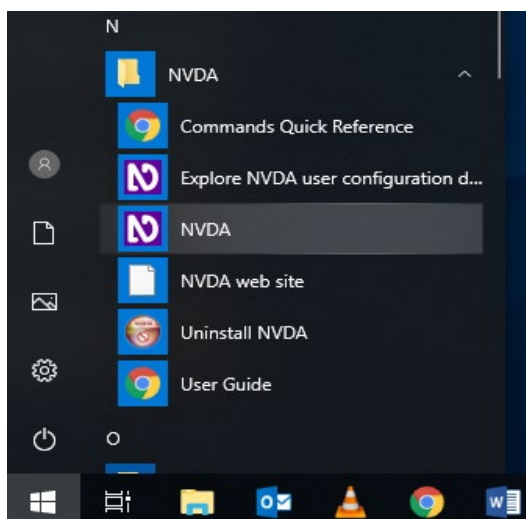
Em relação a recursos de acessibilidade, Joana utiliza apenas o leitor de tela padrão do aparelho (Talk Back). Para o computador, usa o *NonVisual Desktop Access* (NVDA), que é um leitor de tela gratuito e de código aberto para Windows, que permite que pessoas com deficiência visual acessem e interajam com o conteúdo na tela por meio de síntese de voz ou de exibição em Braille. O NVDA oferece suporte para várias áreas, incluindo a digitação de texto em diferentes aplicativos. Ele anuncia o texto digitado em tempo real, permitindo que os usuários cegos revisem e editem seus textos. Além disso, é altamente configurável e pode ser personalizado para atender às necessidades individuais dos usuários.

Figura 1 - Print de como encontrar o recurso de *Talkback* em smartphones Android.



Fonte - Google Images.

Figura 2 - Print do NVDA instalado na barra de ferramentas do Windows.



Fonte - Google Images.

Joana conta que, ao longo de sua carreira, já recebeu ameaças e foi alvo de difamação por conta de sua especificidade comunicacional. Foi acusada de não ser a autora de seu trabalho, tendo o cargo que ocupa graças à ajuda e indicação de terceiros, o que foi logo desmentido pela entrevistada.

O primeiro contato consciente com desinformação de Joana, conforme relata, foi no processo eleitoral brasileiro de 2018, tendo recebido de clientes, de outras pessoas cegas e em grupos familiares informações falsas acerca de candidatos daquele pleito. Sobre o que foi recebido no grupo de pessoas cegas especificamente, afirma que eram áudios e vídeos alegando crimes cometidos pelo candidato Fernando Haddad (PT). Com os vídeos, Joana pediu auxílio à sua irmã para interpretá-los e logo foi avisada de que se tratava de uma montagem mal feita. Após isso, afirma que questionou diversas informações no grupo, até ser retirada em 2021, quando questionou um dos integrantes sobre a real ação da cloroquina no combate à COVID-19. Joana afirma que o grupo continha majoritariamente pessoas cegas e que, após o primeiro relato, constantemente circularam conteúdos desinformativos.

Ela diz que também percebeu a presença de conteúdos desinformativos no Facebook, onde replicaram o mesmo conteúdo que havia visto no Whatsapp. Afirmou que nunca teve o costume de compartilhar notícias, mesmo as que julga serem verdadeiras. Quando o faz, além de conferir o portal e jornalistas envolvidos, ainda consulta sua irmã para ver se aquela notícia realmente parece verdadeira. Atualmente ela diz que se informa pelo portal do G1, podcast “Café da Manhã” e páginas de portais de notícia no Instagram, como UOL, Folha de São Paulo e El País.

4.1.2 Marcos

Homem cego de 19 anos, trabalha como assistente administrativo em um escritório de advocacia. Nasceu em Minas do Leão, na região metropolitana de Porto Alegre.

Ele perdeu a visão aos 12 anos devido a uma doença hereditária. Apesar de ter sido um choque para ele e sua família, Marcos afirma que sempre foi uma pessoa muito resiliente e determinada. Relata que se adaptou rapidamente à sua nova realidade e aprendeu a usar a tecnologia assistiva para se comunicar e se deslocar com mais facilidade.

Depois de concluir o ensino médio em Alvorada/RS, para onde se mudou com a família pouco depois de perder a visão, Marcos decidiu mudar-se para Porto Alegre para buscar novas oportunidades de emprego e educação. Ele se matriculou em um curso de assistente administrativo e conseguiu um estágio no escritório de advocacia de seu tio.

Marcos relata que é uma pessoa muito ativa nas redes sociais e que gosta de acompanhar as últimas tendências em tecnologia e cultura pop. Ele costuma ouvir *podcasts* sobre tecnologia e filmes, e é um grande fã de séries de TV. Também gosta de seguir as contas de notícias e de entretenimento nas redes sociais.

Embora Marcos seja bastante confiante em sua capacidade de identificar notícias falsas, ele afirma que nem sempre tem tempo para verificar todas as informações que recebe. Às vezes, diz que pode compartilhar informações imprecisas sem perceber. No entanto, afirma que está sempre disposto a corrigir seus erros e a aprender com suas experiências.

Marcos utiliza majoritariamente seu *smartphone* para trabalho, contato e entretenimento. Este possui leitor de tela (*Talkback*) e o aplicativo *Tap Tap See*,¹ que utiliza inteligência artificial para descrição de imagens. Para seu trabalho, faz uso do computador da empresa com o *NVDA*.

Sobre o consumo de informações, afirma que não acessa *sites* de notícias regularmente e se informa através de páginas de notícias e entretenimento do *Twitter*, como *Choquei* e *Estadão*. Também diz que se atualiza ouvindo a televisão do escritório, normalmente ligada na Jovem Pan News ou na CNN Brasil.

¹O TapTapSee é um aplicativo de reconhecimento visual para dispositivos móveis, projetado para ajudar pessoas com deficiência visual a identificar objetos, cores e textos por meio de fotos tiradas com a câmera do smartphone.

Marcos afirma que não procura validar nenhuma informação, pois confia nos *sites*, páginas e jornais que consome, mesmo sabendo do perigo da desinformação. Normalmente conversa sobre o assunto com colegas de trabalho e ali, alguns deles indicam a veracidade ou não de assuntos diversos.

O entrevistado também afirma que não é interessado em conteúdos jornalísticos, mas teve que se atualizar por conta da convivência com os colegas de trabalho, que geralmente discutem temas como política, esportes e economia. Em seu tempo livre, interessa-se por conteúdos de cultura pop (séries, quadrinhos e filmes), cujo consumo segue o mesmo padrão: tem seus produtores de conteúdo de preferência e não confere se seus conteúdos são verídicos ou não.

Sobre compartilhamento de conteúdos, não costuma compartilhar notícias que não sejam do seu nicho do entretenimento. Sobre fatos noticiosos em geral, prefere deixar para discuti-los em rodas de conversa e com amigos próximos. Também não possui a característica de comentar postagens fora de sua bolha de cultura pop, onde afirma ser realmente muito ativo.

Ele compartilha constantemente o conteúdo de grandes páginas de entretenimento como *Jovem Nerd* e *Omelete* (Brasil) e *New Rockstars* e *Screencrush* (EUA). Em suas postagens, comenta as teorias e notícias dos portais, além de gerar engajamento para as produções audiovisuais desses produtores de conteúdo.

Marcos é um consumidor assíduo de toda a cadeia de produção de conteúdos do grupo *Jovem Nerd*, seja no canal no Youtube, no Blog ou *podcast*. Este último, diz ser seu conteúdo favorito, por conta do carisma dos apresentadores e convidados, conteúdos propostos e inclusão como pessoa com especificidade comunicacional. Afirma que a imersão e o cuidado com a edição sonora o colocam como igual em relação a outros consumidores do programa. Para o blog e o canal, utiliza-se do leitor de tela para auxiliá-lo no consumo.

4.1.3 Luiza

Mulher cega de 40 anos, nasceu em São Gabriel, uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Ela perdeu a visão aos 20 anos por conta da diabetes. Depois de passar por um período de adaptação difícil, decidiu retomar seus estudos e se formou em história.

Desde então, Luiza tem se dedicado à sua paixão pelo ensino, trabalhando como tutora particular de estudantes dos ensinos fundamental e médio. Dá aulas *online* e presenciais na região de Canoas/RS, onde reside atualmente.

Luiza gosta de consumir notícias e informações de fontes variadas, incluindo jornais, revistas e *sites* especializados em história. Ela também é uma grande fã de *audiobooks* e *podcasts* que abordam temas como história, literatura e cultura. Suas principais fontes de consumo midiático são os *podcasts* *Xadrez Verbal* e *O Assunto*. Assim como Marcos, Luiza vê nos *podcasts* um universo midiático inclusivo para sujeitos cegos, em que não precisa de ferramentas de acessibilidade para o consumo pleno do conteúdo. Escolheu esses *podcasts* específicos por conversarem com sua área de atuação e interesses pessoais.

Luiza afirma ser muito ativa nas redes sociais. Afirma adorar compartilhar informações com seus amigos e familiares, mas diz que nem sempre verifica sua veracidade antes de compartilhá-las e pode acabar espalhando desinformação sem perceber.

Por conta de sua profissão, Luiza relata ser uma pessoa muito consciente em relação à desinformação. Ela ensina seus estudantes a serem críticos em relação às informações que recebem e a verificar suas fontes antes de compartilhar informações com outras pessoas. Diz também ser muito cautelosa em relação às informações que ela mesma compartilha nas redes sociais e em outras plataformas. Para alguns amigos e alunos, Luiza se identifica como um “ponto de controle de fake news”. Esta afirmação contradiz o que foi dito no início da entrevista. A diferença de uma resposta para outra pode ter sido um ato falho ou uma incongruência causada pelo andar da conversa.

Quando alguém com deficiência visual precisa de ajuda com alguma informação, ela costuma indicar o *Fato ou Fake*, portal de checagem do G1, ou indica a busca por mais fontes com a mesma notícia.

Além de seu trabalho como professora, Luiza é uma ativista pelos direitos das pessoas com deficiência e está envolvida em vários projetos de inclusão social em sua comunidade. Ela pensa que a desinformação pode ser especialmente prejudicial para as pessoas com deficiência, que muitas vezes enfrentam obstáculos adicionais em suas vidas diárias. Por isso, diz que está sempre disposta a fornecer fontes confiáveis (segundo ela) e ferramentas de acessibilidade a outras pessoas cegas que conhece.

Para consumo próprio, Luiza possui um *smartphone* com leitor de tela (*Talk Back*), consulta seus livros em braile e utiliza um leitor de tela em seu computador, que não

soube dizer qual era. Suas “fontes confiáveis” como mesmo diz, envolvem grandes portais, como *G1*, *G1 RS*, *Estadão* e *Agência Pública*. Sempre que recebe uma informação, costuma conferir em uma dessas quatro opções, se a notícia também aparece por lá. Luiza também é ouvinte da rádio *Guaíba* e da *Rádio Gaúcha*, onde escuta programas de notícias e transmissões esportivas.

4.1.4 Felipe

Homem cego de 33 anos, nasceu e foi criado em Porto Alegre, no bairro Navegantes. Ele nasceu cego devido a uma condição genética. Apesar de sua deficiência visual, ele diz que sempre foi um estudante exemplar e demonstrou um grande interesse pela tecnologia desde jovem.

Depois de se formar em ciência da computação, conseguiu um emprego em uma empresa de tecnologia, onde trabalha como programador. Ele afirma que é muito habilidoso em programação e que é reconhecido por seus colegas por isso.

Felipe diz gostar de consumir informações e notícias por meio de tecnologias assistivas como *softwares* de leitura de tela, que permitem que ele navegue na internet e leia livros digitalizados. Ele é um grande fã de tecnologia e segue muitas contas de notícias e blogs especializados em tecnologia nas redes sociais.

Felipe também diz ser muito consciente da desinformação na internet. Ele afirma ser muito cético em relação às informações que recebe. Diz que verifica cuidadosamente as fontes e confirma as informações antes de acreditar nelas; que raramente compartilha informações, a menos que tenha certeza de que são verdadeiras. Ele entende que a desinformação pode ser prejudicial não apenas para pessoas com deficiência, mas para todos que buscam informações precisas e confiáveis.

Além de seu trabalho como programador, Felipe é um defensor dos direitos das pessoas com deficiência e se envolve em grupos e causas que visam promover sua inclusão social. Ele acredita que a tecnologia pode ser uma ferramenta poderosa para a inclusão e diz que trabalha para tornar a tecnologia mais acessível para pessoas com deficiência.

Em seu trabalho, opera com diferentes leitores de tela e os aproveita para a programação. Também contou que recentemente começou a utilizar ferramentas de inteligência artificial para facilitar e agilizar seus processos de trabalho. Felipe conta com um colega que senta ao seu lado para conferir e auxiliar em suas demandas. Este colega serve como um supervisor para seu setor na empresa.

Felipe não possui o costume de compartilhar notícias pois, mesmo sendo bem ativo nas redes sociais, não confia na maioria das informações que chegam até ele e, por falta de alguns recursos de acessibilidade, prefere não compartilhar conteúdos noticiosos com receio de estar espalhando desinformação. Mesmo assim, também possui seus meios de informação de confiança, como *Globo* e *Bandeirantes*, *rádio* e *TV*, mas diz que não busca tanto a informação por não gostar de polarização política e pela rotina desgastante de trabalho.

4.1.5 Sofia

Mulher cega de 52 anos, adora ler livros e ouvir rádio. Nasceu em Arroio dos Ratos/RS, e perdeu a visão gradualmente ao longo da infância devido a uma doença degenerativa dos olhos. Ela se formou em psicologia em formato EAD e trabalha como assistente em uma clínica de Viamão/RS.

Sofia diz que é muito respeitada pelos seus colegas e pacientes por sua empatia e habilidade em ajudar as pessoas a lidar com questões emocionais e de saúde mental. Ela diz que é muito dedicada ao seu trabalho e acredita que todos têm o direito de ter acesso a cuidados de saúde mental de qualidade.

Sofia consome informações e notícias principalmente por meio de livros em braile, que ela lê com um leitor óptico de caracteres. Ela também usa tecnologias assistivas para navegar na internet e ler notícias em *sites* especializados em saúde mental. Dentre os entrevistados, é a única que também usa o aplicativo *Be my eyes*, muito conhecido na comunidade cega. O *app* funciona como uma ponte entre pessoas cegas e pessoas videntes. Pessoas cegas colocam a foto de algo que querem identificar e a pessoa do outro lado a auxilia via chamada, chat ou áudio. Sofia diz que usa a ferramenta constantemente no mercado, nas tarefas de casa ou ao fazer compras. Diz que se sente mais à vontade usando o *app* que pedindo ajuda a pessoas próximas.

Figura 3 - Foto de uma das telas do aplicativo.



Fonte - Google Images

Além de seu trabalho como psicóloga clínica, Sofia é uma defensora dos direitos das pessoas com deficiência e está envolvida em vários projetos que visam promover a inclusão social. Ela acredita que a inclusão social começa com a educação e trabalha para tornar a educação e a saúde mental mais acessíveis para pessoas com deficiência.

Sofia utiliza apenas o *smartphone* com leitor de tela padrão do aparelho, tanto para uso pessoal quanto para o trabalho. Normalmente compartilha informações que interpreta como verdadeiras ou que recebe de pessoas de confiança. Em assuntos não relacionados à sua área de atuação, não costuma passar por um processo de checagem, pois entende que o que consome é confiável, assim como as pessoas de seu círculo pessoal que compartilham informações com ela.

Ela afirma ainda que tende a confiar nas informações que obtém de fontes confiáveis, como as notícias da rádio ou os livros que lê. No entanto, diz pode ser mais suscetível a acreditar em informações que confirmam suas crenças preexistentes.

Sofia não soube indicar mais fontes que confere, apenas afirmou que costuma se informar com as pessoas e páginas que segue no Facebook e Instagram. Durante a entrevista, também falou que a mídia atual é mentirosa e extremamente “politizada”. Por isso, prefere se informar pelo rádio, principalmente pela *Rádio Guaíba* e *Rádio Atlântida*, constantemente ligadas em seu trabalho.

4.2 Leitura dos produtos desinformativos

Neste item descrevo os produtos digitais que foram apresentados aos participantes da pesquisa. Na seleção de notícias e conteúdos desinformativos para análise dos usos e apropriações de desinformação dos sujeitos, foram considerados vários elementos importantes. Primeiramente, a seleção foi feita com o objetivo de abordar uma variedade de temas e assuntos que são relevantes para os participantes da pesquisa, levando em conta seus interesses pessoais e profissionais. Isso incluiu notícias verdadeiras e falsas relacionadas às temáticas política, saúde mental, tecnologia e cultura pop, entre outras. A localização das notícias selecionadas também foi um aspecto considerado, com a inclusão de fontes confiáveis e reconhecidas, bem como de fontes conhecidas por disseminar desinformação. Dessa forma, os participantes puderam ser expostos a diferentes tipos de conteúdos e ter a oportunidade de aplicar suas habilidades de verificação de informações em contextos variados. O formato da produção das notícias e conteúdos desinformativos também foi diversificado, incluindo textos escritos, imagens e vídeos. Isso permitiu uma análise mais abrangente das estratégias de desinformação utilizadas em diferentes formatos e como os participantes respondem a cada um deles.

Os aspectos enfocados no tratamento do tema incluíram a verificação de fontes, análise de evidências, avaliação da credibilidade do conteúdo e identificação de padrões comuns em notícias falsas. Além disso, foram observados os enfoques dos elementos visuais, como o uso de imagens e gráficos enganosos, edições de vídeos fora de contexto e outros elementos visuais que podem influenciar a percepção dos usuários.

Os elementos ou estratégias desinformativas observados incluíram a disseminação de informações não verificadas, o uso de linguagem sensacionalista, a manipulação de fatos e dados, a criação de teorias da conspiração e a tentativa de enganar o público-alvo por meio de técnicas persuasivas e emocionais. Esses elementos foram analisados para entender como os participantes lidam com esse tipo de conteúdo e quais são suas estratégias para identificar e combater a desinformação.

4.2.1 Produto digital 1: Notícia sobre tecnologia

Título: [Avanço da Inteligência Artificial traz vantagens, mas abre questões éticas, morais e sociais](#)

Figura 4 - Print retirado da notícia.

Avanço da Inteligência Artificial traz vantagens, mas abre questões éticas, morais e sociais

Fernando Osório destaca os principais problemas que podem ser provocados pelo uso da tecnologia e alerta para a necessidade de criação de regras e leis regulatórias

Atualidades / Campus Ribeirão Preto / Jornal da USP no Ar / Rádio USP - <https://jornal.usp.br/?p=435002>

14/07/2021 - Publicado há 3 anos

Por Robert Siqueira*



Toda tecnologia oferece riscos, se for mal utilizada – Foto: Gerd Altmann – Pixabay



Fonte - Jornal USP.

A notícia selecionada aborda o avanço da Inteligência Artificial (IA) e destaca os aspectos éticos, morais e sociais relacionados a esse desenvolvimento tecnológico. A escolha desse conteúdo se deu pela relevância do tema na atualidade, já que a IA está cada vez mais presente em diferentes áreas da sociedade e levanta questões importantes sobre o uso responsável da tecnologia.

A notícia está localizada em um *site* de jornalismo da Universidade de São Paulo (USP), o que confere credibilidade ao conteúdo. O formato da produção é um texto jornalístico, complementado por uma imagem relacionada ao tema da IA, o que evidencia o enfoque nos elementos visuais para contextualizar e ilustrar a matéria.

No tratamento do tema, a notícia aborda tanto as vantagens quanto as desvantagens da IA, enfatizando a necessidade de criação de regras e leis regulatórias para lidar com os possíveis problemas que podem surgir com o uso irresponsável da tecnologia. O especialista citado na notícia, Fernando Osório, destaca os riscos da falsificação de informações, o surgimento de *fake news* e *deepfakes*, além da

manipulação da sociedade e possíveis usos negativos da IA em contextos militares ou criminosos.

Em análise geral, a notícia apresenta uma abordagem equilibrada ao discutir as implicações da IA, destacando tanto seus benefícios quanto seus potenciais riscos, o que contribui para uma compreensão mais ampla e crítica sobre o tema.

4.2.2 Produto digital 2: Desinformação sobre tecnologia

Título: [Nova Tecnologia Promete Viagens Espaciais na Velocidade da Luz](#)

Figura 5 - Print retirado do conteúdo desinformativo.



Fonte - History.

A notícia selecionada do *site* “History Brasil” aborda a possibilidade de viagens espaciais na velocidade da luz tornarem-se realidade, com base em um estudo recente. A escolha desse conteúdo deu-se pela natureza desinformativa do tema, que envolve conceitos científicos avançados e teorias especulativas sobre viagens espaciais.

A localização da notícia é importante; ela foi publicada em um veículo de comunicação conhecido, mas com histórico de reproduzir desinformação, o que pode conferir uma aparência de legitimidade ao conteúdo no sentido do tamanho da marca “History”. Mas, quem conhece um pouco do histórico do *site*, já pode considerá-lo suspeito. O formato da produção é predominantemente textual, embora contenha imagens relacionadas ao tema para ilustração.

O tratamento do tema na notícia enfoca principalmente a teoria da Propulsão de Alcubierre, também conhecida como Dobra Espacial, que propõe uma forma teoricamente possível de viagem espacial mais rápida que a luz. Os aspectos visuais, como a representação de naves espaciais e ondas espaciais, são utilizados para contextualizar e visualizar a teoria apresentada.

Os elementos desinformativos presentes nesse conteúdo podem ser identificados na amplificação de uma teoria que ainda não foi comprovada cientificamente e que enfrenta desafios significativos em termos de viabilidade prática. A notícia destaca o estudo como se fosse uma confirmação da viabilidade das viagens na velocidade da luz, sem considerar as críticas e limitações apresentadas pela comunidade científica em relação à teoria de Alcubierre.

A intencionalidade dos produtores do conteúdo parece ser a de atrair o interesse do público com uma notícia sensacionalista sobre viagens espaciais, sem considerar de forma crítica os desafios científicos e tecnológicos envolvidos. A relação com plataformas e algoritmos pode estar relacionada à estratégia de aumentar o alcance da notícia por meio de compartilhamentos e de engajamento do público.

Em análise crítica, a notícia do History Channel Brasil apresenta elementos desinformativos ao enfatizar a viabilidade das viagens na velocidade da luz com base em um estudo recente, sem considerar as limitações e os desafios da teoria de Alcubierre. Isso pode contribuir para a disseminação de informações enganosas e criar expectativas irreais sobre avanços na exploração espacial.

Claire Wardle (2017) discute várias características que podem ser observadas neste conteúdo. Uma delas é a falta de contexto e a simplificação excessiva de conceitos complexos. No texto, percebemos uma abordagem simplista sobre a teoria de Alcubierre e a proposta de dobra espacial, sem aprofundamento nas críticas e nos desafios científicos que envolvem essa ideia.

Além disso, a notícia do History Channel Brasil parece apresentar uma narrativa enganosa ao sugerir que viagens espaciais na velocidade da luz podem se tornar realidade com base em um estudo recente. Essa narrativa cria uma falsa sensação de certeza e confiança na viabilidade da tecnologia, sem mencionar as incertezas e limitações presentes na teoria de Alcubierre. Essa estratégia pode induzir o público a acreditar em uma realidade distorcida e a compartilhar informações enganosas.

Em suma, a notícia do History Channel Brasil sobre viagens espaciais na velocidade da luz apresenta características que se alinham com a simplificação

excessiva, a narrativa enganosa e a dependência de fontes não verificadas. Esses elementos ressaltam a importância de uma análise crítica e cuidadosa do conteúdo informativo encontrado na internet para evitar a propagação de informações enganosas e prejudiciais.

4.2.3 Produto digital 3: Notícia sobre política e direitos humanos

Título: [Iniciativas Globais para o Combate à Desigualdade Social no Continente Africano](#)

Figura 6 - Print retirado da notícia.



Fonte - ONU.

A notícia foi selecionada para análise devido à sua relevância no contexto global, abordando temas como desenvolvimento sustentável, metas da Agenda 2063 da União Africana e desafios enfrentados pelo continente africano.

O formato da produção é predominantemente textual, apresentando uma narrativa jornalística informativa sobre os temas debatidos na reunião da ONU. Os aspectos enfocados no tratamento do tema são o desenvolvimento sustentável da África, avanço dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) na região e cumprimento da Agenda 2063 da União Africana (UA). A notícia destaca oportunidades como a Área de Livre Comércio Continental Africana e a realização da COP27 no Egito.

Os elementos visuais incluem uma foto relacionada à produção de nozes de karité e manteiga, atividades geradoras de renda para mulheres rurais no norte de Gana, ilustrando oportunidades econômicas e sustentáveis na região. Quanto aos elementos desinformativos, não são identificados na notícia em questão, que trata de um conteúdo informativo e analítico sobre os desafios e oportunidades de desenvolvimento enfrentados pela África.

Em análise crítica, a notícia fornece informações relevantes sobre a discussão realizada na ONU, destacando oportunidades e desafios para o desenvolvimento da África. Além disso, apresenta perspectivas de líderes e representantes da comunidade internacional sobre a importância de compromissos e ações concretas para alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável na região.

4.2.4 Produto digital 4: Desinformação sobre política e direitos humanos

Título: [Delegação Brasileira vira as costas para representantes estadunidenses na ONU](#)

Figura 7 - Print retirado do conteúdo desinformativo.



Fonte - Twitter.

A postagem da então ministra e atual senadora Damares Alves, propagando desinformação sobre membros da delegação brasileira virando as costas para representantes estadunidenses na ONU, foi selecionada para análise devido ao seu caráter desinformativo e a seu impacto potencial na opinião pública. A localização do conteúdo foi na rede social Twitter, evidenciando o alcance e a viralidade das informações disseminadas.

O formato da produção é textual, sendo uma postagem de mídia social que inclui uma imagem fora de contexto acompanhada de uma legenda que dissemina a desinformação. Os aspectos enfocados no tratamento do tema são a divulgação de uma informação falsa sobre a conduta dos membros da delegação brasileira em uma reunião na ONU, evidenciando uma estratégia de manipulação da opinião pública.

De acordo com as teorias de Claire Wardle sobre desinformação, essa postagem se encaixa na categoria de desinformação manipulativa, pois distorce os fatos e utiliza elementos visuais fora de contexto para criar uma narrativa enganosa. A estratégia desinformativa utilizada por Damares Alves na postagem vai ao encontro das teorias de Claire Wardle ao evidenciar a importância da análise crítica das informações, especialmente nas redes sociais, onde a disseminação de conteúdos desinformativos pode ocorrer de forma rápida e ampla. A exclusão posterior da postagem da conta de Damares pode indicar uma tentativa de mitigar os impactos negativos da desinformação, mas a análise do conteúdo ainda é relevante para compreender os padrões e as estratégias de desinformação presentes nas redes sociais.

4.2.5 Produto digital 5: Notícia sobre cultura pop

Título: [Novo filme de Star Wars está sendo produzido por Kevin Feige](#)

Figura 8 - Print retirado da notícia.

The image shows a screenshot of a news article from UOL. The header includes the UOL logo and navigation links like 'INGRESSO.COM BATE-RAPO MEU NEGÓCIO PASSEI DIRETO RABANK UOL PLAY'. The main headline reads 'Kevin Feige está desenvolvendo novo filme de Star Wars para a Disney, diz site'. Below the headline, there is a sub-headline 'O produtor Kevin Feige - Jordan Strauss/Invision/AP' and a photo of Kevin Feige. The article text starts with 'Do UOL, em São Paulo 25/09/2019 22h47' and continues: 'Parece que vem novidades no mundo de Star Wars. Kevin Feige, o presidente da Marvel Studios, está desenvolvendo um novo filme da franquia, informou hoje o THR. Segundo o site, um dos principais responsáveis pelo Universo Cinematográfico da Marvel (MCU) teve um encontro com Kathleen Kennedy, presidente da Lucasfilm, e com os chefões da Disney.' To the right of the article, there is an advertisement for L'Oréal Paris hair products with the text 'CLAREIA E COLORE ATÉ OS CABELOS ESCUROS' and 'GARANTA JÁ O SEU'.

Fonte - UOL

Tema de interesse direto do entrevistado **Marcos**, o texto selecionado para análise é a notícia sobre Kevin Feige, presidente da “*Marvel Studios*”, estar realizando

um novo filme de “*Star Wars*” para a “*Disney*”. A escolha desse conteúdo se deve ao seu caráter informativo e à relevância do tema para os fãs da franquia *Star Wars*.

A localização do conteúdo foi no *site* UOL, em São Paulo, evidenciando a cobertura nacional e o alcance da notícia.

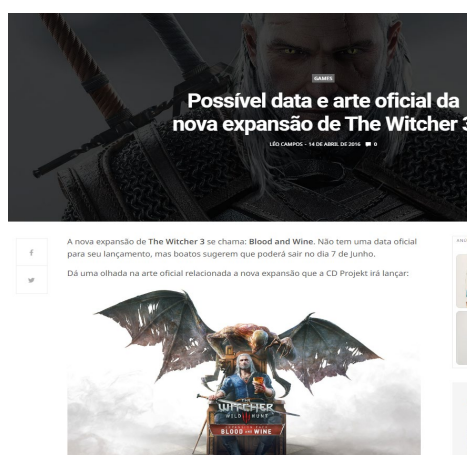
O formato da produção é textual, sendo uma notícia veiculada em um *site* de entretenimento. Os aspectos enfocados no tratamento do tema são a informação sobre o desenvolvimento de um novo filme, destacando sua posição como presidente da “*Marvel Studios*” e seu envolvimento com a franquia. Não foram identificados elementos visuais relevantes neste texto.

Em relação aos elementos desinformativos, não há indícios de desinformação neste conteúdo. A notícia apresenta informações verificáveis sobre um possível novo filme de *Star Wars* desenvolvido por Kevin Feige, citando fontes confiáveis como o site “*THR*” (*The Hollywood Reporter*). Portanto, este texto não se encaixa na categoria de desinformação, mas sim na divulgação de informações sobre um projeto cinematográfico de grande interesse para o público fã de *Star Wars* e do universo da *Marvel*.

4.2.6 Produto digital 6: Desinformação sobre cultura pop

Título: [Novo jogo de The Witcher será lançado](#)

Figura 9 - Print retirado do conteúdo desinformativo.



Fonte - Portal Nerd.

O texto selecionado trata de uma suposta nova expansão do jogo *The Witcher 3*, intitulada “*Blood and Wine*”. A escolha deste conteúdo se deve ao seu caráter desinformativo, pois apresenta informações não verificadas e sem fontes confiáveis sobre o lançamento da expansão.

A localização do conteúdo foi no *site* "Portal do Nerd", e a fonte citada é o "eurogamer". O formato da produção é textual, com a inclusão de uma imagem relacionada à suposta nova expansão. Os aspectos enfocados no tratamento do tema são a divulgação da possível data de lançamento da expansão e a arte oficial relacionada ao jogo.

A notícia apresenta elementos desinformativos, pois não traz informações verificáveis sobre a data de lançamento da expansão. Além disso, a inclusão de uma imagem sem contexto e de um parágrafo de texto sem conteúdo pertinente caracteriza uma tentativa de ludibriar o público para clicar no link. Esses elementos desinformativos vão ao encontro das teorias de Claire Wardle sobre desinformação, especialmente no que diz respeito à manipulação do público por meio de manchetes enganosas, ausência de fontes confiáveis e falta de contexto adequado para as informações apresentadas. Portanto, este texto se enquadra na categoria de desinformação, pois apresenta informações não verificadas e tenta atrair o público de forma enganosa.

4.2.7 Produto digital 7: Notícia sobre história e arqueologia

Título: [Arqueólogos descobrem tumba de faraó desconhecido no Egito](#)

Partindo de uma das temáticas de interesse de **Luíza**, o texto selecionado trata da descoberta dos restos de um faraó até então desconhecido, o rei Senebkay, que teria reinado há mais de 3.600 anos. A escolha deste conteúdo se deve ao seu caráter informativo e à relevância histórica da descoberta arqueológica.

A localização do conteúdo é o *site* O Globo, com a fonte citada da agência de notícias Reuters. O formato da produção é textual, acompanhado por fotografias que mostram o sarcófago danificado e a câmara mortuária sem telhado onde os restos do faraó foram encontrados. Os aspectos enfocados no tratamento do tema são a descoberta dos restos do faraó desconhecido, a inscrição do nome do rei Senebkay em hieróglifos dentro de um cartucho real e a explicação sobre a simplicidade da tumba devido à crise econômica da civilização egípcia na época.

Figura 10 - Print retirado da notícia.

O GLOBO SAÚDE

SAÚDE • CIÊNCIA

Arqueólogos descobrem faraó até então desconhecido

A tumba do rei Senebkay teria sido roubada, mas arqueólogos acharam cartucho real com seu nome

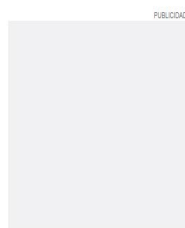
REUTERS
15/01/2014 - 17:51 / Atualizado em 15/01/2014 - 18:15



Tumba do faraó encontrada no Egito era simples pois a civilização passava por um momento de crise, segundo arqueólogos Foto: Ministério de Antiguidades do Egito / AFP

f t l Newsletters

SOHAG - Arqueólogos acreditam ter descoberto os restos de um faraó até então desconhecido, que teria reinado há mais de 3.600 anos. O esqueleto do rei Senebkay foi descoberto no Sul de Abydos, na província de Sohag, 500 km ao sul do Cairo, por uma expedição da Universidade da Pensilvânia.



Ativar o Winc

Fonte - O Globo.

O texto não apresenta elementos desinformativos, baseia-se em informações verificáveis fornecidas pelo ministério de Antiguidades do Egito e pela expedição da Universidade da Pensilvânia.

4.1.8 Produto digital 8: Desinformação sobre história e arqueologia

Título: [Significado de escrituras é descoberto após 4 mil anos](#)

Para contrastar com o texto anterior, na temática de interesse de **Luíza**, o texto escolhido trata da descoberta e interpretação de uma placa de pedra antiga que foi revelada como um mapa da Idade do Bronze. No entanto, é importante ressaltar a falta de credibilidade do *site* e da fonte mencionada, o que pode levantar dúvidas sobre a veracidade das informações apresentadas. O site é o “Fatos Desconhecidos” e a fonte é a página do “History” no UOL. A ausência de detalhes sobre o *site*, sua reputação, e a falta de um *link* direto para a notícia original podem ser indícios de que se trata de um conteúdo desinformativo ou pouco confiável.

Figura 11 - Print retirado do conteúdo desinformativo.



Fonte - Fatos Desconhecidos.

O formato da produção é textual, com algumas imagens relacionadas à descoberta da placa de pedra e à tecnologia utilizada para sua análise. O texto enfoca a descoberta da "Laje de Saint-Bélec" como um mapa antigo da região da Bretanha, datado da Idade do Bronze e destaca os aspectos revelados pela análise detalhada da pedra.

No entanto, devido à falta de credibilidade do *site* e da fonte, é difícil determinar a veracidade e precisão das informações apresentadas. Não há menção a outras fontes confiáveis que confirmem a descoberta, o que pode levantar questionamentos sobre a legitimidade da notícia.

De acordo com as teorias de Claire Wardle sobre desinformação, a falta de credibilidade do *site* e da fonte pode ser um indicativo de conteúdo desinformativo. A ausência de informações detalhadas sobre a descoberta, a falta de *links* para fontes confiáveis e a abordagem sensacionalista do texto também são aspectos que podem levantar suspeitas sobre a confiabilidade da notícia.

4.2.9 Produto digital 9: Notícia sobre literatura

Título: [Colleen Hoover é a autora mais vendida da Amazon Brasil em 2022](#)

Tema de interesse de **Sofia**, o texto apresenta uma notícia sobre Colleen Hoover sendo a autora mais vendida da Amazon Brasil em 2022, com cinco obras entre os livros mais vendidos do ano. É importante considerar a falta de credibilidade do *site* e da fonte mencionada, o que pode gerar dúvidas sobre a veracidade das informações apresentadas.

Figura 12 - Print retirado da notícia.

The image shows a screenshot of a news article on the PublishNews website. The article title is "Colleen Hoover é a autora mais vendida da Amazon Brasil em 2022". The text mentions that she has five books among the top best-selling books of the year and lists other famous authors like George Orwell, Clarissa Pinkola Estés, Napoleon Hill, and Tim Warnes. A photo of Colleen Hoover is included. The article is dated 19/12/2022. There are social media sharing icons and a small image of a book cover titled "Clown in the Cornfield" by Adam Cesare. The website header includes navigation links like "ÁREA INDIE", "ÚLTIMAS NOTÍCIAS", "COLUNAS", "MAIS VENDIDOS", "PUBLISHNEWS TV", "PODCAST", and "EMPREGOS".

Fonte - Publish News.

O formato da produção é textual, com informações sobre os livros mais vendidos na Amazon Brasil em 2022, destacando a autora Colleen Hoover como a mais vendida do ano e listando outros livros de sucesso.

O site "PublishNews" e a fonte "REDAÇÃO" são mencionados como os responsáveis pela divulgação da notícia. No entanto, a ausência de detalhes sobre a reputação do *site*, seu histórico de publicações confiáveis e a falta de um *link* direto para a notícia original podem indicar que se trata de um conteúdo de credibilidade questionável. No entanto, mesmo com a falta de mais informações sobre o *site* e fonte,

uma rápida pesquisa em outros portais de notícias especializados, atestam a veracidade da informação.

4.2.10 Produto digital 10: Desinformação sobre literatura

Título: [JK Rollin realmente escreve os livros de Harry Potter?](#)

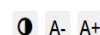
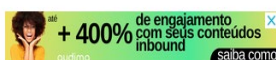
Ainda no tema de interesse de **Sofia**, a escolha deste conteúdo noticioso se baseia na sua capacidade de gerar interesse e discussão entre os leitores, uma vez que levanta questionamentos sobre a autoria dos livros de “Harry Potter”, uma das sagas literárias mais conhecidas e adoradas do mundo. A suposta notícia está localizada na seção "Monitor7" do site “R7” e foi publicada em 07/04/2023 às 02h00.

Figura 13 - Print retirado do conteúdo desinformativo.

J. K. Rowling realmente é a autora dos livros de Harry Potter?

Segundo teoria, as publicações da saga do bruxo teriam sido escritos por um grupo de autores e J.K. seria apenas uma atriz

MONITOR7 | Do R7
07/04/2023 - 02H00



Fonte - R7.

O formato da produção é textual, com algumas imagens que ilustram o contexto da matéria, como a capa de um dos livros de Harry Potter e uma imagem de J.K. Rowling. O enfoque principal do conteúdo é a teoria da conspiração criada pela diretora de cinema norueguesa, Nina Grünfeld, que questiona a autoria dos livros de Harry Potter, sugerindo que J.K. Rowling não seria a verdadeira autora, mas sim uma atriz interpretando o papel

da criadora do mundo mágico. Além disso, a notícia destaca o sucesso comercial da saga e a rapidez com que os livros foram publicados, argumentos utilizados para dar credibilidade à teoria.

Em relação aos elementos visuais, a notícia utiliza imagens relacionadas ao tema, como a capa dos livros de Harry Potter e uma foto de J.K. Rowling. Esses elementos visuais têm o propósito de complementar a narrativa e tornar o conteúdo mais atrativo para os leitores.

No entanto, é importante destacar que a teoria apresentada na notícia se enquadra em uma estratégia desinformativa, conforme as teorias de Claire Wardle sobre desinformação. Essa estratégia consiste em disseminar uma informação falsa ou questionável, neste caso, sugerindo que J.K. Rowling não seria a verdadeira autora dos livros de Harry Potter. Essa estratégia pode gerar dúvidas e desconfiança entre os leitores, especialmente os fãs da saga, e pode ser explorada para aumentar o engajamento e a audiência do conteúdo. Além disso, a notícia pode estar relacionada a estratégias de viralização em redes sociais, aproveitando-se do interesse do público por teorias da conspiração.

4.3 Os usos e apropriações dos sujeitos cegos

4.3.1 Joana

Com uma carreira na redação publicitária e um interesse particular por temas políticos e sociais, Joana apresenta uma perspectiva própria sobre o consumo de informações no meio digital. Esta análise visa não apenas compreender como Joana lida com o fluxo de informações, mas também examinar sua capacidade de discernir entre notícias e desinformação.

A entrevistada utiliza tecnologias assistivas para acessar informações no meio digital. Seu smartphone conta com o leitor de tela padrão (*Talkback*), enquanto para o computador, ela utiliza o *NonVisual Desktop Access* (NVDA), um leitor de tela gratuito e de código aberto. Essas ferramentas são cruciais para que Joana acesse e interaja com conteúdo na tela, incluindo a leitura de textos e a navegação *online*.

As notícias selecionadas para o experimento com Joana foram escolhidas com base em dois temas distintos: um externo ao universo de consumo de Joana e outro relacionado aos seus interesses específicos. Para o tema externo, a escolha recaiu sobre conteúdos relacionados ao desenvolvimento tecnológico; já para o tema de interesse

específico, foram selecionadas notícias relacionadas à política e direitos humanos, áreas que Joana demonstrou ter afinidade em suas atividades cotidianas e de lazer.

Os títulos dos conteúdos relativos à temática externa aos interesses de Joana foram os seguintes:

- **Notícia:** [Avanço da Inteligência Artificial traz vantagens, mas abre questões éticas, morais e sociais.](#)
- **Desinformação:** [Nova Tecnologia Promete Viagens Espaciais na Velocidade da Luz](#)

Tanto para Joana quanto para os outros entrevistados, os *links* das notícias eram enviados diretamente via *Whatsapp* e, a partir disso, o sujeito tinha a liberdade de fazer uso e se apropriar daquele conteúdo da maneira que achasse mais pertinente.

Joana explora apenas a leitura automática do *TalkBack* como recurso de acessibilidade, destacando a importância da descrição de imagens em notícias que contenham elementos visuais. Ao receber a notícia verdadeira sobre os avanços na inteligência artificial, Joana expressou seu interesse, destacando a plausibilidade do avanço tecnológico na facilitação da vida cotidiana. Porém, ao deparar-se com a desinformação sobre viagens espaciais na velocidade da luz, reconheceu prontamente a ficção da afirmação, demonstrando um discernimento sobre o tema.

Ainda sobre a primeira matéria, me perguntou se havia alguma imagem que poderia ajudá-la com o contexto no vídeo de apresentação do texto, já que este não possuía uma legenda descritiva. Após o relato, seguiu sua leitura normalmente.

Os títulos dos conteúdos relativos à temática de interesse de Joana foram os seguintes:

- **Notícia** [Iniciativas Globais para o Combate à Desigualdade Social no Continente Africano](#)
- **Desinformação:** [Delegação Brasileira vira as costas para representantes estadunidenses na ONU](#)

Aqui, Joana utiliza mais uma vez seus recursos de acessibilidade para analisar as notícias. O *TalkBack* é crucial para sua compreensão, permitindo-lhe explorar o conteúdo escrito e identificar elementos visuais, quando presentes.²

Ao se deparar com a notícia sobre iniciativas globais para combater a desigualdade social, Joana expressou seu interesse, evidenciando uma conexão pessoal com o tema. No entanto, ao confrontar-se com a desinformação sobre a delegação brasileira na ONU, ela adotou uma postura séria, reconhecendo a gravidade da acusação e manifestando a necessidade de investigação mais aprofundada. Manifesta, portanto, uma atitude de questionamento sobre o conteúdo. Por se tratar de uma postagem no *Twitter*, logo foi até a barra de pesquisa da rede social e pesquisou sobre o tema, com intuito de checá-lo. Observou notícias e comentários que refutam a manchete proposta; assim, prontamente identificou o conteúdo como desinformativo. Por se tratar de um conteúdo desinformativo político, produzido por opositores em relação à sua posição política, Joana demonstrou certa indignação e reforçou a importância do combate a essas atitudes.

A entrevista revelou a dedicação de Joana para comprovar a veracidade das informações relacionadas a essa temática. Sua abordagem crítica, aliada à apropriação astuta do recurso de acessibilidade, demonstrou uma postura cautelosa diante de potenciais fontes de desinformação. As conclusões finais são alcançadas após a análise detalhada das fontes e detalhes específicos de cada notícia.

Joana revelou uma postura vigilante ao lidar com notícias. Sua experiência profissional em redação política a torna particularmente sensível à desinformação nesse contexto. Diante das notícias propostas, Joana adotou uma abordagem crítica e cuidadosa. Ao reconhecer a importância da verificação de fontes, ela demonstrou um compromisso ético com a precisão informativa.

Sua experiência anterior com desinformação política durante as eleições de 2018 acentua sua conscientização sobre os perigos dessa prática. Joana se mostra uma consumidora informada, capaz de discernir entre notícias verdadeiras e falsas, especialmente em tópicos de seu interesse profissional e pessoal.

²O *TalkBack* é um aplicativo de acessibilidade para dispositivos Android, desenvolvido pela Google, que oferece recursos de leitura de tela, controle por gestos, feedback auditivo e personalização para pessoas com deficiência visual.

4.3.2 Marcos

Marcos, homem cego de 19 anos que atua como assistente administrativo em um escritório de advocacia, marcado pela perda da visão aos 12 anos, revela uma notável resiliência e habilidade em se adaptar ao uso de tecnologias assistivas. O experimento proposto busca investigar como Marcos, em sua vida ativa nas redes sociais e seu interesse em cultura pop, lida com notícias e desinformação.

Em relação à temática externa a seus interesses, foram propostos os seguintes conteúdos:

- **Notícia:** [Avanço da Inteligência Artificial traz vantagens, mas abre questões éticas, morais e sociais](#)
- **Desinformação:** [Nova Tecnologia Promete Viagens Espaciais na Velocidade da Luz](#)

Marcos, que confia na tecnologia assistiva, utiliza seu smartphone com o leitor de tela e o aplicativo *Tap Tap See* para analisar as notícias. Ao se deparar com a notícia verdadeira sobre avanços na inteligência artificial, reagiu de maneira positiva, considerando-a plausível.

Por outro lado, diante da notícia falsa sobre viagens espaciais na velocidade da luz Marcos, que demonstrou interesse por cultura pop, percebeu a ficção na afirmação, especialmente considerando que relacionou o tema a “*Star Wars*” logo no seu primeiro contato com o texto, sem alguma checagem. Os conteúdos propostos para Marcos relativos à sua temática de interesse foram os seguintes:

- **Notícia:** [Novo filme de Star Wars está sendo produzido por Kevin Feige](#)
- **Desinformação:** [Novo jogo de The Witcher será lançado](#)

A notícia verdadeira sobre o novo filme de Star Wars foi logo bem recebida por Marcos, um fã ativo da cultura pop. Utilizando seus recursos de acessibilidade, ele explorou o conteúdo com o *Talkback*, obtendo informações sobre o diretor, o enredo e a data de lançamento.

Logo após, ainda seguiu pesquisando mais sobre o tema, já que o despertava interesse. Pesquisando sobre o nome do projeto e do diretor, foi mais a fundo e descobriu que esta iniciativa já foi cancelada e este produtor não irá mais trabalhar com a franquia, ao menos não no próximo ano. Com isso, voltou à notícia original para olhar sua data de publicação e analisar mais profundamente aquele conteúdo. Após um primeiro momento

de dúvida se aquele conteúdo era verdadeiro ou não, utilizou esta data de publicação para atestar a veracidade da notícia e atestou que mudança de rumos da produção não invalida a informação anterior que estava correta.

Quanto à notícia falsa sobre o jogo de *The Witcher*, por ser familiarizado com os temas de jogos e séries, Marcos logo detectou inconsistências. Ele reconheceu a fonte não confiável e, assim como na notícia anterior, ao consultar mais fontes de sua confiança, descobriu que esta informação foi desmentida pela *CD Projekt RED*, detentora dos direitos de produção do jogo.

A entrevista com Marcos destaca sua confiança na tecnologia assistiva e a capacidade de navegar por diferentes redes sociais e sites a procura da confirmação de uma informação. Sua abordagem ativa nas redes sociais, especialmente em conteúdos de cultura pop, revela uma participação engajada, embora admita a possibilidade de compartilhar informações imprecisas ocasionalmente.

Marcos exibiu uma abordagem mais descontraída em relação às notícias, concentrando-se principalmente em seu nicho de entretenimento. Seu envolvimento ativo nas redes sociais e seu compartilhamento frequente de conteúdo de cultura pop destacam sua participação em comunidades *online* específicas.

No entanto, a falta de tempo para verificar todas as informações revela os desafios práticos enfrentados por muitos consumidores, especialmente em um mundo digital acelerado. Marcos confia em sua rede social e colegas para validar informações, indicando uma confiança no julgamento coletivo. A experiência de ser removido de um grupo devido a questionamentos (citada anteriormente) adiciona um elemento pessoal à sua interação com desinformação e foi citada por ele novamente ao longo desse segundo encontro, mesmo que não tenha interferido em seu uso e apropriação do conteúdo.

4.3.3 Luíza

Luíza, mulher cega e tutora particular e apaixonada por história, oferece uma perspectiva única sobre desinformação e sobre a importância de fontes confiáveis. Este momento da pesquisa buscou compreender, principalmente, como é Luíza, em seu papel de "ponto de controle de fake news" para pessoas cegas, citado por ela no primeiro encontro.

Os conteúdos externos aos interesses propostos para Luíza foram, como no caso dos sujeitos copartícipes anteriores, os seguintes:

- **Notícia:** [Avanço da Inteligência Artificial traz vantagens, mas abre questões éticas, morais e sociais](#)
- **Desinformação:** [Nova Tecnologia Promete Viagens Espaciais na Velocidade da Luz](#)

Utilizando suas ferramentas de acessibilidade, Luiza explora as notícias em seu smartphone com leitor de tela. Ao se deparar com a notícia verdadeira sobre avanços na inteligência artificial facilitando a vida diária, Luiza apenas comentou essa evolução como algo positivo, sem um maior interesse em se aprofundar nesta temática.

Quanto à notícia falsa sobre uma tecnologia de viagens espaciais na velocidade da luz Luiza, com sua sensibilidade para temas mais humanos, considerou a relevância de abordagens éticas no desenvolvimento de tecnologias avançadas, levando-a a questionar a veracidade da notícia. Com isso, apenas me perguntou se aquilo era verdadeiro. A resposta dada foi de que não podia dar esta informação. Com isso, sem fazer a checagem, ela a considerou falsa por achar, nas palavras dela, “algo exagerado”.

Os produtos vinculados aos interesses de Luiza apresentados para seu consumo foram os seguintes:

- **Notícia:** [Arqueólogos descobrem tumba de faraó desconhecido no Egito](#)
- **Desinformação:** [Significado de escrituras é descoberto após 4 mil anos](#)

Ao abordar a notícia verdadeira sobre a descoberta da tumba de um faraó desconhecido no Egito Luiza, apaixonada por história, encontrou nela uma fonte rica de informações sobre o Egito antigo. Sua análise se concentrou em como essa descoberta contribui para o entendimento da história dessa civilização.

Logo em seu primeiro contato com a notícia, contou-me um pouco sobre o Egito antigo e como abordava este tema com seus alunos. Demonstrou assim um interesse claro pelo tema, mas que não despertou a vontade de conferir se aquele conteúdo era verdadeiro ou não.

Quanto à notícia falsa sobre os significados de escrituras, com seu conhecimento histórico, ela pode reconhecer as inconsistências e, possivelmente, perceber a potencial influência negativa desse tipo de desinformação na criação de teorias da conspiração e demais conteúdos desinformativos.

Luiza também citou que já conhecia este *site* e que era famoso por disseminar conteúdo sensacionalista e sem nenhum compromisso com a verdade. Fato este que

facilitou o reconhecimento da notícia falsa, mas não gerou a inquietação necessária para averiguar a veracidade do texto. Por saber sobre a reputação do *site*, simplesmente a considerou falsa.

Esta conversa mais detalhada com Luiza proporcionou *insights* valiosos sobre seu papel como "ponto de controle de fake news" para pessoas cegas. Sua paixão por história e a sensibilidade para esses temas a prepararam muito bem para reconhecer de cara a veracidade das notícias. Entretanto, demonstrou também certezas baseadas em senso comum, com pouco aprofundamento ou checagem. Nos conteúdos propostos, Luiza estava certa em suas convicções, mas esta atitude impulsiva quanto ao conteúdo pode gerar possíveis problemas em contatos com desinformação.

A contradição percebida em suas declarações pode sugerir uma tensão entre seu papel percebido e a complexidade real de lidar com desinformação. Suas reações às notícias podem ser moldadas pela interação entre seus interesses pessoais, a responsabilidade percebida e os desafios práticos da verificação.

4.3.4 Felipe

Programador cego de 33 anos, apaixonado por tecnologia e defensor dos direitos das pessoas com deficiência, Felipe oferece uma visão especializada na interseção entre o mundo digital e as experiências de pessoas com deficiência visual. Por conta de seu interesse em tecnologia, os conteúdos propostos são os mesmos de Luiza, mas invertidos na questão interesse/externo. Nas temáticas consideradas externas foram apresentados os seguintes conteúdos:

- **Notícia** [Arqueólogos descobrem tumba de faraó desconhecido no Egito](#)
- **Desinformação:** [Significado de escrituras é descoberto após 4 mil anos.](#)

Felipe, com sua habilidade em programação e conhecimento tecnológico, interessou-se pela narrativa sobre a descoberta arqueológica. Sua abordagem crítica o levou a explorar as implicações históricas dessa descoberta, questionando a importância dessa tumba para a compreensão do Egito antigo. Com o auxílio do leitor de tela para consumir os conteúdos, buscou mais informações, explorando outros artigos relacionados e constatando a veracidade da notícia.

Ao se deparar com a notícia falsa sobre a descoberta do significado de escrituras após 4 mil anos, Felipe teve uma reação cautelosa. Devido ao seu ceticismo bem fundamentado, analisou essa notícia com um olhar crítico. Assim como Luiza, também

questionou a fonte, mas verificou a consistência com outras informações disponíveis em fontes mais confiáveis. Sua abordagem cuidadosa e consciente fez com que não encontrasse algo que considerasse confiável sobre o tema em outros sites, redes sociais e vídeos no *YouTube*. Isso o protegeu de aceitar informações imprecisas, especialmente quando se trata de descobertas históricas significativas.

Felipe, ao abordar essas notícias, destaca a importância de uma análise crítica, mesmo em áreas que não estão diretamente relacionadas à tecnologia. Sua atitude cuidadosa em relação à desinformação demonstra como pessoas com conhecimentos especializados podem consumir informações digitais, protegendo-se contra potenciais armadilhas de desinformação.

Em relação a temáticas de seu interesse, foram propostos os seguintes conteúdos:

- **Notícia** “[Avanço da Inteligência Artificial traz vantagens, mas abre questões éticas, morais e sociais.](#)”
- **Desinformação:** [Nova Tecnologia Promete Viagens Espaciais na Velocidade da Luz](#)

Felipe, com seu interesse marcante pela tecnologia e seu envolvimento com inteligência artificial, foi logo atraído por essa notícia verdadeira sobre os avanços na IA. Ao se deparar com a notícia, demonstrou interesse imediato e dissertou sobre cada ponto trazido por ela. Seu conhecimento técnico e acadêmico serviu como um ponto de checagem para Felipe.

Sua formação em ciência da computação e trabalho como programador o tornam especialmente sensível a inovações nesse campo. Ele explora as aplicações práticas desses avanços em sua vida diária, portanto, não se intimida perante este assunto.

Já ao interagir com a desinformação sobre uma tecnologia revolucionária para viagens espaciais na velocidade da luz Felipe, conhecendo bem os limites atuais da tecnologia, teve uma reação intrigante. Devido à sua compreensão sólida da tecnologia atual, foi bastante cético em relação a essa afirmação. Identificou a improbabilidade técnica dessa tecnologia e questionou a fonte da notícia. Sua postura crítica o impedia de aceitar informações que desafiam o conhecimento atual sobre física e viagens espaciais.

Felipe, um profissional de tecnologia cego, demonstrou uma abordagem cautelosa e crítica ao enfrentar notícias. Sua especialização em ciência da computação

e seu papel como programador contribuem para uma perspectiva informada sobre os avanços tecnológicos, especialmente na área de inteligência artificial (IA).

Além do domínio tecnológico, Felipe é ativo nas redes sociais, mas adota uma postura reservada ao compartilhar notícias. Seu ceticismo o leva a verificar cuidadosamente as fontes e a confirmar informações antes de considerá-las como verdadeiras. Sua preferência por não compartilhar conteúdo noticioso sem confirmação destaca uma abordagem ética, consciente dos riscos associados à disseminação de desinformação.

A participação de Felipe em grupos e causas que promovem a inclusão social de pessoas com deficiência revela uma dimensão mais ampla de seu engajamento. Sua visão de que a tecnologia pode ser uma ferramenta poderosa para a inclusão ressoa em seu trabalho e nas escolhas que faz ao consumir informações. Felipe emerge não apenas como um consumidor consciente de notícias tecnológicas, mas também como um defensor ativo dos direitos e da inclusão das pessoas com deficiência.

Em resumo, o modo como Felipe consome as notícias reflete não apenas seu conhecimento técnico, mas também sua ética informacional e seu comprometimento com a inclusão social. Seu papel como defensor da acessibilidade e sua abordagem cuidadosa à informação destacam a importância de uma literacia digital que leve em consideração as necessidades e perspectivas das pessoas com deficiência visual.

4.3.5 Sofia

Sofia, mulher cega de 52 anos, apresenta uma perspectiva única sobre o consumo de informações, destacando sua relação com notícias e a desafios específicos relacionados à sua deficiência visual. Para ela, apresentamos como temática externa os mesmos conteúdos mostrados aos demais participantes:

- **Notícia** “[Avanço da Inteligência Artificial traz vantagens, mas abre questões éticas, morais e sociais.](#)”
- **Desinformação:** [Nova Tecnologia Promete Viagens Espaciais na Velocidade da Luz](#)

Ao ser apresentada com a notícia sobre avanços na inteligência artificial facilitando a vida diária Sofia, com sua experiência como assistente e defensora dos direitos das pessoas com deficiência, reagiu positivamente à temática, com a ideia enfatizar que tecnologias inovadoras melhoram a acessibilidade e a qualidade de vida.

Utilizando seu smartphone com leitor de tela, ela mostra que utiliza IA em sua rotina diária e logo após prossegue a investigação, procurando detalhes adicionais e fontes para validar as informações dispostas na matéria, priorizando a veracidade.

Quanto à desinformação sobre uma nova tecnologia prometendo viagens espaciais na velocidade da luz, com seu senso crítico aguçado, ela identificou como algo improvável. Utilizando suas habilidades com tecnologias assistivas, ela buscou mais informações para confirmar suas suspeitas. Sua abordagem cautelosa e conhecimento da realidade das limitações tecnológicas a levaram, portanto, a rejeitar essa notícia como falsa.

Em relação a seus interesses, os conteúdos selecionados para seu consumo foram os seguintes:

- **Notícia:** [Colleen Hoover é a autora mais vendida da Amazon Brasil em 2022](#)
- **Desinformação:** [JK Rollin realmente escreve os livros de Harry Potter?](#)

Sofia utilizou seu smartphone com leitor de tela padrão para acessar essas notícias. Dado o seu interesse por livros e leitura, recebeu com entusiasmo a notícia de Colleen Hoover como a autora mais vendida na Amazon Brasil em 2022. Tal reconhecimento na área literária despertou seu interesse e a levou a explorar mais sobre o trabalho da autora. Sofia não fez nenhum processo direto de checagem, mas o interesse despertado pelo trabalho da autora, já indica uma pesquisa mais aprofundada no futuro.

Considerando o apego de Sofia à literatura e, especificamente, a informações relacionadas a autores e livros, ela reagiu com certo entusiasmo à notícia falsa sobre J.K. Rowling. Porém, ao perceber que se tratava de uma matéria de 2019, de um *site* que não conhecia, procurou fontes mais confiáveis que desmentiram a informação.

Sofia, com uma profunda conexão com a literatura, a psicologia e o rádio, revela um perfil único em sua abordagem ao consumo de informações. No contexto do experimento temático neutro, onde notícias sobre avanços na inteligência artificial e viagens espaciais na velocidade da luz foram apresentadas, Sofia demonstrou uma atitude crítica, destacando sua capacidade de discernir entre a realidade e a ficção científica. Utilizando seu smartphone com leitor de tela, explorou essas notícias, validando a veracidade por meio de fontes confiáveis.

Na temática de interesse específico, que envolve sua paixão pela literatura, Sofia teve comportamentos distintos. A notícia verdadeira sobre Colleen Hoover como a autora mais vendida na Amazon Brasil em 2022 provavelmente a empolgou, considerando seu

interesse em livros e leitura. Por outro lado, a notícia falsa sobre J.K. Rowling não escrever novos livros de Harry Potter pode ter suscitado descrença e possivelmente um senso de cautela. Dada a importância dessas informações em sua esfera de interesses, Sofia recorreu a fontes confiáveis, utilizando seu smartphone e leitor de tela para verificar a veracidade dessa afirmação.

Ao se informar principalmente por meio do rádio, Sofia revela uma preferência por fontes auditivas. Ela também expressa sua desconfiança em relação à mídia atual, que ela percebe como "politizada". Essa postura pôde ser observada na relação de Sofia com os conteúdos propostos. Por serem fora de sua zona de conforto, houve um tempo considerável de apropriação do conteúdo e um receio constante quanto ao que achava improvável.

A análise geral do modo de consumo de Sofia em relação às notícias ressalta sua abordagem equilibrada e crítica ao consumo de informações. Sua escolha de fontes confiáveis, a apropriação astuciosa de tecnologias assistivas e a consciência da desinformação revelam uma usuária informada e atenta, mesmo que sem o costume de interagir com conteúdo noticioso digital, diferentemente dos outros entrevistados. Essa compreensão aprofundada da dinâmica de Sofia fornece *insights* valiosos para estratégias de promoção de literacia informacional em contextos específicos.

4.3.6 Análises

A análise dos usos e apropriações dos cinco sujeitos cegos em relação aos conteúdos apresentados revela uma complexidade de comportamentos, práticas e abordagens em relação ao consumo de informações e à exposição à desinformação no meio digital. Esses comportamentos são influenciados por variadas mediações, como repertórios pessoais, características individuais e particularidades que moldam as interações dos sujeitos com as mídias, seu discernimento em relação às notícias e a forma como compartilham conteúdos.

A utilização de tecnologias assistivas, como leitores de tela, aplicativos de descrição de imagens e a participação ativa nas redes sociais demonstra certa inclusão midiática dos sujeitos cegos pesquisados. A tecnologia desempenha um papel crucial para que essas pessoas possam acessar informações, manterem-se atualizadas e interagirem com o mundo digital. Isso pode estar relacionado à maneira como cheguei até cada um dos entrevistados, já que a primeira aproximação foi via redes sociais.

A perspectiva de Bonito (2015) sobre a problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital também é relevante para a análise. A presença de recursos acessíveis, como leitores de tela e descrição de imagens, é fundamental para garantir a independência e inclusão midiática dos sujeitos cegos no meio digital.

No entanto, a falta de alguns recursos acessíveis em determinadas plataformas e *sites* ainda representa um obstáculo para um acesso completo e inclusivo às informações. A falta de interpretação de alguns elementos gráficos por falta de descrição de imagens ou a viabilidade de interpretação pelas ferramentas de acessibilidade demonstram obstáculos para a comunicação com este grupo em específico. A visão de Skliar (2002) sobre uma pedagogia da diferença também pode ser relacionada à análise, pois ele destaca a importância de considerar as singularidades e particularidades de cada sujeito na construção de estratégias educacionais e inclusivas. Na produção de conteúdo, esta lógica se repete. Para total inclusão desses sujeitos, elementos acessíveis totalmente inclusivos devem ser considerados para plena compreensão.

Tratando especificamente dos sujeitos diante do que os foi proposto nesta pesquisa, Bonin (2016) destaca a importância de considerar a diversidade de repertórios e particularidades ao analisar os usos e apropriações das mídias. Nesta pesquisa constatamos que as trajetórias dos sujeitos e seus repertórios configuram a forma como os sujeitos cegos lidam com informações e desinformação no ambiente digital.

Bonin e Saggin (2017) ao discutir perspectivas para pensar as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais na constituição de cidadania comunicativa destacam a importância do acesso à informação, das tecnologias assistivas e do pensamento crítico na promoção de uma sociedade mais informada, participativa e crítica. Alguns elementos neste sentido são observados na análise, especialmente quando consideramos a diversidade de comportamentos em relação à desinformação e até autonomia dos entrevistados ao usarem e se apropriarem dos conteúdos.

Enquanto Joana e Felipe mostram-se críticos e céticos em relação às informações recebidas, Marcos e Sofia tendem a confiar nas fontes que consomem. Essa heterogeneidade evidencia que a experiência pessoal, a área de atuação e as vinculações sociais podem mediar a abordagem de cada sujeito em relação à desinformação.

Sofia e Luiza demonstram preocupação com a desinformação relacionada à saúde mental. Ambas atuam em áreas que interagem com a temática e dizem valorizar

fontes confiáveis para lidar com informações nesse campo. Essa preocupação sinaliza o papel crítico que as informações corretas desempenham no bem-estar emocional das pessoas.

Luiza manifesta assumir uma responsabilidade em relação à veracidade das informações que compartilham com seus contatos e colegas. Ela se identifica como um "ponto de controle de fake news". Esse comportamento evidencia a importância que esses sujeitos atribuem ao combate à desinformação e ao compartilhamento responsável de informações. Mesmo assim, a segunda entrevista evidenciou certa incoerência em suas práticas, ao afirmar o que pensava sobre certos conteúdos sem checá-los. O fator emocional, citado por Keyes (2018), pode ser um dos possíveis elementos para entender este comportamento. Em todo o processo, Luiza mostrou-se confiante perante suas afirmações. Seus palpites, no caso específico dos materiais apresentados, estavam corretos, mas tal comportamento pode indicar uma tendência a ser atingida por desinformações que consigam penetrar seu senso moral e emocional relacionado a certo assunto.

As perspectivas teóricas trabalhadas enfatizam a importância do pensamento crítico e da verificação de fontes como estratégias para lidar com a desinformação. Alguns sujeitos, como Joana e Felipe, demonstram a presença destes elementos em suas abordagens de consumo de informações. No entanto outros, como Marcos e Sofia, também podem se tornar mais suscetíveis a acreditar em informações que confirmam suas crenças preexistentes, como no caso de Luiza.

A despeito das diferenças nas práticas em relação à verificação de informações, os sujeitos compartilham a preocupação e demonstram até certa ansiedade em relação a não espalharem desinformação- o que pode estar relacionado também ao fato de estarem participando de uma pesquisa sobre o tema, que difere de situações do cotidiano. Joana pode ser colocada como um exemplo positivo, pois se mostra muito cautelosa com o conteúdo que compartilha devido à sua profissão.

Uma constatação geral que pôde ser realizada é que um conteúdo com temática de interesse é mais propenso a ser checado e ter mais atenção dos sujeitos, diferentemente dos conteúdos de temática externa aos seus interesses. Por mais que tenham conseguido identificar os produtos apresentados como desinformação ou não, a falta de interesse por certas temáticas faz com que a pesquisa em busca da comprovação de sua veracidade, quando realizada, não seja aprofundada. Isso abre

possibilidades para uma possível desinformação passar despercebida e ser consumida e até compartilhada por esses sujeitos.

A trajetória de formação e os conhecimentos que os sujeitos detêm sobre universos temáticos oferecem chaves apropriativas para reconhecer ou desconfiar de conteúdos desinformativos. Nota-se que os participantes que atuam em áreas relacionadas à saúde, como Joana e Luiza, por exemplo, demonstram maior competência em discernir informações verdadeiras de conteúdos desinformativos relacionados a esse campo específico. Isso evidencia a importância do conhecimento prévio e da especialização temática na capacidade de análise crítica dos sujeitos.

As competências informativas, digitais e em recursos de acessibilidade, como citado anteriormente, são elementos fundamentais para apropriações críticas de produtos desinformativos. Os sujeitos demonstram domínio de certas táticas de checagem de conteúdos, como a verificação de fontes, a análise da credibilidade das informações e a busca por informações complementares para contrastar dados divergentes. Essas táticas refletem uma competência no manejo de recursos digitais e de acessibilidade, o que pode contribuir para que possam desenvolver uma abordagem mais informada e crítica diante da desinformação.

Contudo, é necessário analisar criticamente essas táticas. As formas de investigar, embora sejam utilizadas pelos sujeitos, podem ser aprimoradas com o desenvolvimento de habilidades específicas, como a verificação de fotos e vídeos por meio de ferramentas especializadas. As fontes consultadas também devem ser analisadas com cautela, verificando sua credibilidade, diversidade e capacidade de fornecer informações contrastantes. Além disso, é fundamental incentivar os participantes a buscar fontes mais diversificadas e a desenvolver habilidades de verificação mais aprofundadas, o que pode para uma cidadania comunicativa mais efetiva no combate à desinformação em níveis micro (indivíduo) e macro (sociedade).

Em resumo, a análise das competências e táticas dos sujeitos na checagem de informações revela a importância do conhecimento prévio, do apoio social e do domínio de habilidades digitais e de acessibilidade para uma abordagem crítica frente à desinformação. No entanto, há espaço para aprimoramentos, especialmente na ampliação das fontes consultadas e no desenvolvimento de técnicas de verificação mais aprofundadas, que possam colaborar para o desenvolvimento de uma cidadania comunicativa mais efetiva, crítica e informada diante dos desafios da era digital.

Os dados colhidos junto aos sujeitos copartícipes da pesquisa permitem ver a diversidade de abordagens, modos de usos e apropriações e desafios enfrentados pelos participantes e oferecem subsídios produtivos e para o desenvolvimento de estratégias de literacia informacional e acessibilidade e combate à desinformação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo geral, essa pesquisa buscou investigar e analisar os usos e apropriações realizados de desinformações presentes em ambientes digitais por sujeitos cegos. Para alcançar esse objetivo, foram delineados objetivos específicos que ajudaram a contextualizar a problemática da desinformação no contexto brasileiro, vinculando-a aos ambientes digitais e à inclusão sociocultural e comunicacional dos sujeitos cegos. A partir disso, foi possível identificar e analisar produções de desinformação consumidas por essas pessoas, investigar seus usos e apropriações de produções desinformativas e as táticas utilizadas para reconhecer a desinformação.

Os resultados da análise desta pesquisa revelaram que os sujeitos cegos enfrentam desafios significativos no que diz respeito ao acesso à informação confiável e à capacidade de discernir conteúdos verdadeiros de falsos no meio digital. A falta de recursos acessíveis em algumas plataformas digitais e a complexidade da desinformação foram apontados como obstáculos para uma participação informada e crítica desses indivíduos na sociedade digital.

A análise dos resultados da pesquisa revelou que, apesar dos desafios enfrentados, os sujeitos cegos demonstraram a capacidade de desenvolver estratégias adaptativas e habilidades críticas para lidar com a desinformação. Esse processo envolveu o apoio social, o conhecimento temático e as competências digitais, permitindo-lhes identificar sinais de desinformação e verificar fontes confiáveis, evitando, assim, a propagação de notícias falsas. Essa constatação se alinha às reflexões de Néstor García Canclini (2008), que discute a concentração dos meios digitais e suas implicações para a cidadania comunicativa dos sujeitos cegos. Canclini destaca que os sujeitos são constantemente influenciados por discursos midiáticos dominantes, o que torna essencial questionar as estruturas de poder que moldam as narrativas e representações na sociedade.

A reflexão sobre possíveis estratégias de combate à desinformação a partir de uma lógica educomunicacional enfatiza a necessidade de promover a literacia informacional e o desenvolvimento de habilidades críticas desde cedo, visando uma cidadania comunicativa mais sólida e preparada para lidar com os desafios do meio digital. Marco Bonito (2018) complementa essa discussão ao ressaltar a importância da acessibilidade comunicativa como um princípio essencial para garantir que todas as pessoas, incluindo aquelas com deficiência visual, tenham igualdade de acesso à informação e à comunicação. Ele destaca a necessidade de superar as barreiras físicas,

sensoriais e cognitivas por meio de tecnologias assistivas e da adoção de práticas inclusivas no jornalismo digital.

A pesquisa também evidenciou que a disseminação da desinformação ocorre em um contexto de desigualdades de acesso, representatividade e participação. A concentração do poder de comunicação nas mãos de poucas corporações pode resultar na supressão de vozes e perspectivas marginalizadas, incluindo a dos sujeitos cegos. Nesse sentido, as táticas desenvolvidas por esses sujeitos para reconhecer a desinformação envolvem formas de investigação que demonstram competência no manejo de recursos digitais e de acessibilidade, como a consulta a fontes diversas e credíveis que permitem contrastar informações.

A acessibilidade comunicativa não se restringe à disponibilização de recursos técnicos, mas também envolve a sensibilização e capacitação dos profissionais de comunicação para adotar práticas inclusivas e reconhecer as necessidades e direitos dos sujeitos cegos. Portanto, ao incorporar as reflexões de Canclini, Bonito e Skliar à análise dos sujeitos, é possível ampliar a compreensão das dinâmicas de poder e desigualdades presentes no contexto da desinformação e da cidadania comunicativa dos sujeitos cegos. Essas perspectivas críticas nos impulsionam a buscar estratégias que promovam a diversidade de vozes, a representatividade e a participação ativa desses sujeitos nos processos de comunicação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e informada para todos, independentemente de suas capacidades sensoriais.

A partir do que foi desenvolvido teórica e empiricamente nesta pesquisa, compreende-se que as inter-relações complexas entre os sujeitos e as mídias no processo de usos e apropriações, juntamente com a acessibilidade comunicativa, são elementos essenciais a serem levados em conta para a criação de uma mídia mais inclusiva e para a garantia dos direitos das pessoas com deficiência visual e no combate à desinformação. Faz-se necessário, portanto, reconhecer a diversidade de experiências, perspectivas e necessidades dos sujeitos com deficiência visual, e incorporar tais considerações nas práticas midiáticas.

Com este capítulo de considerações, propõe-se uma reflexão mais detalhada do que foi observado a partir do processo da pesquisa como um todo e, com isso, um possível caminho a ser seguido para combater a problemática da desinformação no universo contextual desses sujeitos.

Seguindo o lema adotado por grupos de defesa de direitos para pessoas com deficiência, que diz: “Nada sobre nós sem nós”, a participação ativa dos sujeitos com deficiência visual na produção e na disseminação de conteúdos midiáticos torna-se crucial para uma mudança de cenário. Isso envolve a valorização de suas vozes e experiências, bem como a promoção de espaços de representação e de narrativas inclusivas, principalmente nas esferas política, midiática e social. Ao envolver esses sujeitos nos processos de criação e produção, as mídias podem se beneficiar da diversidade de perspectivas, contribuindo para uma maior representatividade e, por consequência, para a construção de um ambiente inclusivo para a disseminação de informações, promovendo mais possibilidades para identificação e combate à desinformação.

Portanto, é importante promover a conscientização sobre a importância da acessibilidade digital e pressionar por políticas que garantam a inclusão dos sujeitos cegos nas mídias digitais e nos demais espaços de discussão política e social. Como observado nos encontros com os sujeitos partícipes, as ferramentas de acessibilidade são mais que apenas auxiliares, são parte fundamental dos usos e apropriações de conteúdos noticiosos por essas pessoas.

A ausência de acesso visual direto configura a forma como o sujeito cego obtém informações e verifica sua veracidade. A dependência de outras modalidades sensoriais, como a audição, o tato e a fala, pode gerar desafios adicionais na interpretação e no discernimento de informações enganosas. Nesse sentido, a promoção de uma educação midiática acessível para os sujeitos cegos torna-se um dever daqueles que produzem informação, gerem a máquina pública e influenciam o mercado, facilitando assim, a capacitação dos sujeitos para desenvolverem habilidades críticas de análise e de interpretação de conteúdos. Isso envolve a promoção de estratégias de verificação de fatos adaptadas, o desenvolvimento de redes de apoio que possam auxiliar na análise de informações e a reivindicação de que as plataformas de comunicação considerem a importância da acessibilidade.

Além disso, é necessário levar em conta o papel das tecnologias assistivas na ampliação do acesso à informação e no fortalecimento da participação dos sujeitos cegos na esfera pública. Tecnologias como leitores de tela, dispositivos táteis e sistemas de reconhecimento de voz podem ser aliadas poderosas na promoção da autonomia e da inclusão desses sujeitos. A adoção de padrões de acessibilidade, a implementação de recursos de descrição de imagens e a criação de interfaces mais intuitivas são algumas

das medidas necessárias para tornar o ambiente digital mais inclusivo e garantir que os sujeitos cegos possam desfrutar plenamente dos benefícios da era digital, sem serem afetados por conteúdo desinformativo ao qual estão mais suscetíveis com a falta de recursos acessíveis abrangentes.

O recorte escolhido para esta pesquisa, apresenta sujeitos com acesso e domínio dessas ferramentas e demonstra o quão importante são para elas e podem ser para os demais sujeitos que não têm esses recursos, seja para o consumo, seja para seu empoderamento e autonomia. Todas as conversas do processo empírico foram feitas apenas e diretamente com os sujeitos copartícipes, sem qualquer acompanhante por perto. O que foi demonstrado por eles foi uma confiança presente em suas ações, muito pelo fato de utilizarem tais ferramentas de acessibilidade e estarem com a possibilidade da plena compreensão dos conteúdos propostos.

A construção identitária dos sujeitos cegos deve ser compreendida como um processo de empoderamento e ressignificação. A superação dos estereótipos e preconceitos exige a construção de narrativas e representações alternativas, que valorizem a experiência da cegueira como uma forma de conhecimento e de compreensão do mundo, em vez de uma mera deficiência.

Para promover uma cidadania plena dos sujeitos cegos, também é preciso levar em consideração a interação de diferentes dimensões como identidade, gênero, raça, classe social e orientação sexual. Somente com uma abordagem inclusiva e abrangente é possível construir uma sociedade mais justa, equitativa e respeitosa da diversidade humana. A construção identitária dos sujeitos cegos é um processo complexo e multifacetado que envolve a superação de estigmas e preconceitos, a valorização das experiências e saberes desses indivíduos e a promoção de uma cultura inclusiva e respeitosa. A adoção de uma pedagogia inclusiva, o acesso a recursos de acessibilidade e a consideração da diversidade cultural, por exemplo, podem ser elementos fundamentais para garantir a cidadania plena dos sujeitos cegos e sua participação ativa e contributiva na sociedade. A sociedade como um todo pode e deve contribuir para a promoção de uma cultura inclusiva e respeitosa, que valorize a diversidade de experiências e perspectivas, e que proporcione igualdade de oportunidades para que todos os sujeitos possam desenvolver plenamente seu potencial.

Retomando a relação com a desinformação, é fundamental que esses sujeitos tenham voz ativa e sejam protagonistas na produção, no compartilhamento e na verificação de informações. O exercício realizado com os sujeitos cegos nesta pesquisa

leva a compreender a relevância de promover a participação e o protagonismo desses indivíduos na construção das narrativas para garantir usos e apropriações mais diversos e abrangentes da realidade no âmbito social, político e midiático, trazendo à tona mais uma vez o lema: "nada de nós, sem nós".

Nesse sentido, é importante fomentar espaços de diálogo e de troca de experiências entre sujeitos cegos para que possam, entre outras questões, compartilhar estratégias e conhecimentos sobre a identificação da desinformação. A criação de redes de apoio e de parcerias colaborativas entre sujeitos cegos, organizações da sociedade civil e instituições acadêmicas pode fortalecer a capacidade de resposta e a resistência à desinformação. Como argumenta Ortellado (2018), a desinformação é um fenômeno diretamente relacionado à lógica das plataformas digitais, que priorizam conteúdos sensacionalistas e polarizados em detrimento de informações mais precisas e embasadas, sendo um sintoma da crise da democracia e da qualidade da informação na era digital.

A definição de desinformação pode variar, como explicado por Ribeiro e Ortellado (2018), que discutem se o conceito deve se referir apenas a conteúdos noticiosos comprovadamente falsos ou se deve incluir outras técnicas de engano, como exageros e omissões. Claire Wardle (2017) amplia essa compreensão ao classificar a desinformação em diferentes categorias, desde a acidental, que ocorre sem intenção de enganar, até a maliciosa, criada para causar danos específicos. A complexidade desse fenômeno, intensificada pela proliferação das redes sociais e das tecnologias digitais, impacta significativamente a esfera pública, afetando a democracia e a construção do conhecimento coletivo.

Assim, a desinformação deve ser analisada como um fenômeno social e político complexo, enraizado em relações de poder e interesses específicos. A promoção do protagonismo dos sujeitos cegos na luta contra a desinformação pode contribuir para uma sociedade mais informada e democrática. Ao fortalecer a participação desses indivíduos e criar redes colaborativas, é possível desenvolver estratégias eficazes para resistir à desinformação e promover a construção de narrativas mais inclusivas e verdadeiras.

Para combater a desinformação nos processos comunicacionais digitais, é necessário adotar uma abordagem abrangente. As plataformas digitais também devem assumir a responsabilidade de promover a transparência e a confiabilidade das informações que circulam em suas redes. Isso inclui a implementação de políticas de

verificação de fatos, a redução do alcance de conteúdos falsos e a promoção de fontes de informação confiáveis.

A união, empoderamento e luta das pessoas cegas podem ser fomentados a partir do reconhecimento e incentivo de quem não necessariamente faz parte deste grupo. Esta pesquisa é um exemplo disso. Promover ações que incrementem a luta por direitos das pessoas cegas e com sujeitos com outras especificidades comunicacionais pode ser uma luta conjunta de todos os grupos sociais, para que as demandas dessas pessoas possam chegar até o âmbito político, por exemplo.

No âmbito das políticas públicas, torna-se fundamental que sejam implementadas medidas que visem garantir o acesso igualitário à informação por parte dos sujeitos cegos. Isso inclui, entre outros aspectos, a promoção de tecnologias assistivas acessíveis, a disponibilização de recursos de leitura adaptados, a formação de profissionais capacitados para lidar com as especificidades dos sujeitos cegos nos mais variados ambientes e a promoção de regulamentações que assegurem a inclusão desses sujeitos nos processos comunicacionais. Como observado no recorte empírico, quando os recursos acessíveis são utilizados e o conteúdo permite seu uso, não há algo que impeça necessariamente essas pessoas de consumir plenamente qualquer conteúdo.

Em um cenário em que esse movimento ainda se aproxima de uma utopia, a educação midiática ganha um papel de contenção de problemas, ao capacitar pessoas para lidar com a desinformação. É importante desenvolver habilidades de pensamento crítico, capacidade de avaliar fontes de informação, verificar fatos e reconhecer os sinais de desinformação. Com isso, sugiro que a alfabetização digital crítica deve ser integrada ao currículo educacional, a fim de preparar os indivíduos para navegar no ambiente digital e discernir entre informações confiáveis e falsas. Isso não apenas para os sujeitos cegos, mas para a sociedade como um todo. Podemos observar, no caso de Marcos, por exemplo, que ele admite já ter podido compartilhar alguma desinformação, mas porque seus colegas também o fizeram. Em um contexto onde essas pessoas possuem uma educação midiática crítica, isso teria menos chances de ocorrer.

Outro aspecto relevante é o fortalecimento do jornalismo de qualidade. O jornalismo desempenha um papel fundamental na verificação de fatos e na promoção de informações confiáveis. Apoiar e valorizar o jornalismo ético e realmente profissional, é essencial para contrapor a desinformação e garantir o acesso a informações verificadas e embasadas em fatos.

Os processos comunicacionais digitais têm implicações significativas nos desafios relacionados à desinformação. As lógicas das mídias sociais, a segmentação do público e a busca por engajamento podem facilitar a disseminação viral de informações falsas, como visto nos casos do “*History*” e de “Fatos Desconhecidos” descritos no capítulo anterior. Para enfrentar esse problema, é necessário um esforço conjunto das plataformas digitais, da educação midiática e do jornalismo de qualidade. Somente com uma abordagem multifacetada e a conscientização coletiva poderemos combater efetivamente a desinformação e promover uma sociedade informada e resistente aos efeitos negativos da desinformação.

É importante ressaltar que a desinformação não é um problema exclusivo das plataformas digitais, recorte deste trabalho, mas também está presente em outros meios de comunicação, como televisão, rádio e imprensa escrita. Portanto, é necessário considerar as dinâmicas de desinformação em toda a paisagem midiática, a fim de implementar estratégias de combate abrangentes. Até pelo fato de muitos *sites* de notícias serem fomentados por grandes empresas da mídia tradicional (rádio, jornal e TV), como pudemos observar em alguns dos materiais propostos.

É importante reconhecer que a desinformação é um problema em constante evolução, à medida que novas tecnologias e táticas surgem. É necessário um monitoramento contínuo e adaptação das estratégias de combate à desinformação. A pesquisa acadêmica e o desenvolvimento de tecnologias inovadoras podem desempenhar um papel de protagonismo na identificação e mitigação da desinformação. Logo, todo resultado ou análise obtida neste trabalho, está condicionada ao contexto em que ele está inserido.

Michel de Certeau (1998) destaca que práticas cotidianas, vistas como expressões da agência individual, são formas pelas quais os indivíduos interpretam e reconfiguram normas estabelecidas em suas ações diárias, revelando a criatividade e adaptabilidade das pessoas na elaboração de significados em contextos diversos. Portanto, para finalizar este texto, reafirmo que os usos e apropriações das mídias por sujeitos cegos são mediados por fatores sociais, culturais e políticos. Neste cenário, a acessibilidade comunicativa e a superação das desigualdades estruturais são fundamentais para garantir a participação plena e igualitária de usos e apropriações na esfera digital.

Stuart Hall (2008) também ressalta que as relações entre sujeitos e mídias são permeadas por influências sociais, culturais e políticas, logo é necessário um esforço

conjunto de diversos atores, como os próprios sujeitos cegos, os profissionais da mídia, os desenvolvedores de tecnologia e os formuladores de políticas, para garantir a inclusão e a acessibilidade comunicativa. Isso requer a criação de políticas e regulamentações que promovam a acessibilidade digital, a formação de profissionais da mídia sobre a importância da representatividade e inclusão, e a colaboração entre diferentes setores para superar as barreiras e desigualdades existentes.

Os sujeitos cegos podem sim adotar táticas para subverter a desinformação e agir ativamente na construção da cidadania comunicativa, como pôde ser observado. A busca por fontes confiáveis, o engajamento com o conteúdo, a colaboração com outros sujeitos, a promoção da alfabetização midiática e a conscientização sobre questões de acessibilidade se mostram como estratégias relevantes nesse processo, principalmente em um contexto em que ainda não temos a conscientização e ação plena dos atores citados aqui.

Ao agir de maneira consciente e participativa, os sujeitos cegos contribuem para a disseminação de informações verificadas, a ampliação do debate público e a promoção de uma sociedade mais informada e inclusiva, em estratégias próprias e de real combate à desinformação. Enquanto o contexto, o conteúdo e a sociedade ainda não os priorizam, eles o fazem, a partir de seus recursos, interesses e determinação por uma participação social igualitária ou meramente menos desigual..

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO POLO AUDIOVISUAL DE PELOTAS. **Fake News:** nem pense em compartilhar. Disponível em: <http://adpap.com.br/projeto/fake-news/>. Acesso em: 22 fev. de 2023.

BEZERRA, R. Bolsonaro, a "nova" extrema-direita e a democracia no Brasil. **Estudos de Sociologia**, v. 23, n. 45, 2018.

BONIN, J. A pesquisa da pesquisa como práxis metodológica na construção de investigações comunicacionais. In: SAGGIN, L. **Experiências metodológicas na comunicação**. Porto Alegre: Pimenta, 2022.

BONIN, J. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. In: Cláudia Peixoto de Moura; Maria Immacolata Vassalo de Lopes. (Org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. 1ed.Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BONIN, J.; SAGGIN, L. Reflexões teóricas para pensar as relações entre mídias, identidades culturais, movimentos sociais e cidadania. **Lumina**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2016.

BONIN, J. SAGGIN, L. Perspectivas para pensar as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais na constituição de cidadania comunicativa. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 16, n. 32, 2017.

BONITO, M. A importância da audiodescrição para a acessibilidade audiovisual. **Revista Inclusiva**, 2019.

BONITO, M. **A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital**. Revista Latino-americana de Jornalismo | ANO 3 VOL.3 N.1 João Pessoa – Brasil, 2015.

BONITO, M.; DOS SANTOS, L. C. Procesos comunicacionales inclusivos: una mirada bajo la óptica de la accesibilidad comunicativa. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 15, n. 29P.202-211, 2018.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNS 2019**: características gerais dos deficientes visuais. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário da União: Brasília, DF, p. 1, 6 de julho de 2015.

BUTLER, J. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CANCLINI, N. G. A cultura política: entre o mediático e o digital. **MATRIZES**, n.2, p. 55-71, 2008.

- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998
- COMPOLÍTICA. **Grupo de Pesquisa em Comunicação, Tecnologia e Política**. Disponível em: <http://www.compolitica.org/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2023.
- CORTINA, A. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.
- FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios / Paulo Freire. – 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001.
- GARCÍA CANCLINI, N. **Diferentes, desiguais, desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008.
- INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. (2020). **Acessibilidade para pessoas com deficiência visual**. in:<https://www.ibc.gov.br/index.php/institucional/item/53-acessibilidade-para-pessoas-com-deficiencia-visual>
- KEYES, R. **A era da pós-verdade**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- LEITÃO, M. **O jornalismo muda e permanece**. Coluna O Globo, 2020.
- MALDONADO, E. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, E.; BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. **Perspectivas metodológicas em comunicação**: Novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013. p. 31-57.
- MALDONADO, E. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas, 2019.
- MALDONADO, E. **Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa**. In: MALDONADO, E. (Org.). Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil. 1 ed. Salamanca Espanha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014. p. 5-11.
- MALDONADO, E; BONIN, J. **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MATTELART, A; MATTELART, M. **Pensar as mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.
- MILLS, C. W. Sobre o artesanato intelectual. In: **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 71-73.

MONITOR DO DEBATE POLÍTICO NO MEIO DIGITAL. Fundação Getúlio Vargas (FGV). Disponível em: <https://observa2018.fgv.br/>. Acesso em: 27 de março de 2023.

O'CONNOR, C.; WEATHERALL, J. O. **The misinformation age: how false beliefs spread.** New York: Yale University Press, 2019.

PADILLA, N. Reflexión crítica del lugar de enunciación.transubjetividad en el estudio del discurso. In: PADILLA, N, **Descolonialidad del lugar de enunciación: aportes para la construcción de una Semiótica del Sur.** Caracas: UNEARTE, 2020. p. 72-95.

PEREIRA, D. B.; MARQUES, A. A. da C. “A verdade vos libertará”: a desinformação e a pós-verdade no Governo Bolsonaro no combate à Covid-19. **Revista ibero-americana de ciência da informação**, n. 3, p. 898 - 909, 2022.

PROSS, H. **La violencia de los símbolos sociales.** Barcelona: Anthropos, 1989.

RIBEIRO, M; ORTELLADO, P. O que são e como lidar com as notícias falsas: dos sites de notícias falsas às mídias hiper-partidárias. **Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos, São Paulo**, v. 15, n. 27, p. 71-83, 2018.

SAGGIN, L. **Educomunicação Comunitária: horizontes para repensar a educomunicação, a comunicação comunitária e a cidadania comunicativa.** 2020. 167 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2020.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTAELLA, L. **De onde vem o poder da mentira?** Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2021.

SILVEIRA, S. **Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas.** São Paulo: Sesc, 2019.

SKLIAR, Carlos B. **Y si el outro no estuviera ahí?** Notas para una pedagogía (improbable) de la diferencia. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2002.

SOARES, A. R. **Torcedores Antifascistas no Futebol: Táticas comunicacionais de resistência às normatizações na cultura futebolística.** 2022. 107 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2022.

UNESCO. **Access to information: A key to achieving the sustainable development goals.** Paris, France: UNESCO, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Centro de Estudos em Desinformação.** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ced/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2023.

WARDLE, C., & Derakhshan, H. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making.** Council of Europe report, p. 20-49, 2017.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista exploratória sobre usos e apropriações de desinformação no meio digital

Bloco 1: Perfil

1. Nome completo e onde nasceu e foi criado.
2. Como se constitui o seu ambiente familiar?
3. O que ocasionou a sua perda de visão? Em qual período de sua vida isso aconteceu?
4. Como você descreveria sua formação e carreira profissional?
5. Qual foi sua motivação para seguir esta carreira?

Bloco 2: Consumo informativo

6. Como é a sua rotina de consumo de notícias e informações? Quais são os meios que você utiliza regularmente para se manter informado(a)?
7. Quais são suas fontes preferidas para obter informações confiáveis e bem fundamentadas?
8. Quais ferramentas de acessibilidade você utiliza para acessar e interagir com conteúdos em dispositivos móveis e computadores?

Bloco 3: Desinformação

9. Como você lida com a desinformação em sua rotina? Quais são as estratégias que você utiliza para verificar suas fontes e garantir a precisão das informações que recebe e compartilha?
10. Você poderia compartilhar algumas situações específicas em que enfrentou desinformação?
11. Como você lida com a desinformação que encontra em grupos de pessoas próximas? Quais foram suas reações e ações diante dessas situações?
12. Como você se protege de potenciais riscos relacionados à desinformação em sua vida pessoal e profissional?